

Vladimir Megre viajava pelo rio Ob na floresta siberiana no ano 1995, fazendo comércio nas aldeias ribeirinhas, quando teve um encontro misterioso com dois idosos que lhe falaram dos poderes curativos dos cedros ressoantes. No ano seguinte, Vladimir seguiu à procura dos tais cedros e conheceu a neta dos idosos: Anastasia. Ela levou Vladimir para o seu "lar" no meio da floresta.

Neste livro o autor partilha com o leitor as visões de Anastasia sobre temas como maternidade, história, sexualidade, agricultura, religião, ciência e muito mais. As suas palavras já inspiraram milhões de pessoas tendo desencadeado uma verdadeira revolução. Como resultado, foram muitos os que já mudaram de estilo de vida.

A série de livros "Os Cedros Ressoantes da Rússia" foi traduzida para mais de 20 línguas. As obras são lidas por todo o genero de leitores. É provável que estejamos perante aquilo que vai "acordar a integridade humana". Aquilo que realmente estávamos esperando há muito. Atenção: Altamente inspirador!



ISBN 978-989-95949-5-1



ANASTASIA

1-1

VLADIMIR MEGRE

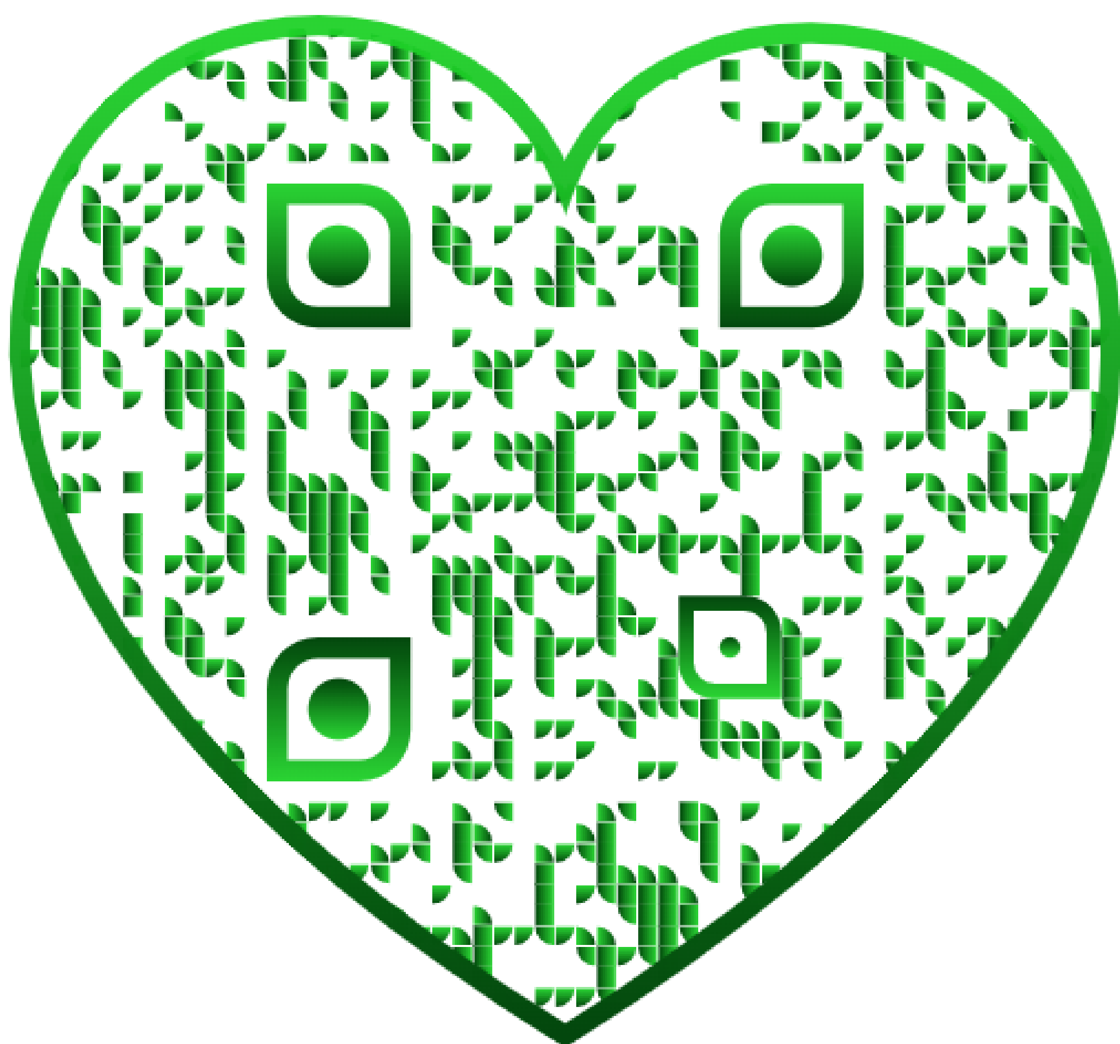


VLADIMIR MEGRE

ANASTASIA



Мегре



Vladimir Megre

ANASTASIA

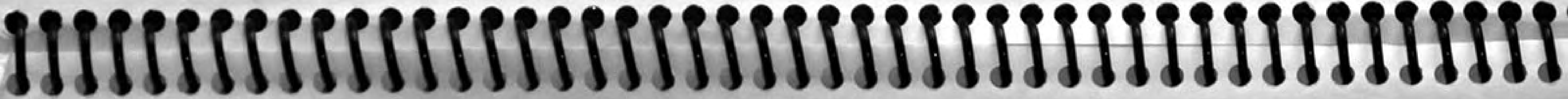
LIVRO 1 DA COLECÇÃO OS CEDROS RESSOANTES DA RÚSSIA

Nova edição revista pelo autor com novos capítulos adicionados



Tradução integral do Russo por:
Ana Mouga

JOANNE GRIBLER, EDITORA



TÍTULO Anastasia – Livro 1 da Colecção Os Cedros Ressoantes da Rússia | 1ª edição, Março 2008 | 2ª edição, Julho 2010 | 3ª edição revista pelo autor, Novembro 2011 | 1ª edição em Russo Moscovo, 1996 | TÍTULO ORIGINAL Анастасия | AUTOR Vladimir Megre (Владимир Мегре | TRADUÇÃO Ana Mouga | REVISÃO Gabriela Cunha | IMPRESSÃO Tipografia Lousanense ISBN 978-989-95949-5-1 | DEPÓSITO LEGAL 334927/11

© edição Russa por Vladimir Megre
© Reservados todos os direitos para a língua portuguesa de acordo com a legislação em vigor por Joanne Gribler, Editora, Portugal | T. (+351) 239 423 338 | editora@cedrosressoantes.com | www.cedrosressoantes.com

É expressamente interdita a reprodução parcial ou integral desta obra por qualquer processo, incluindo a fotocópia e a tradução e transmissão em formato digital. Exceptua-se a reprodução de pequenos excertos para efeitos de recensão crítica ou devidamente autorizado por escrito pela Joanne Gribler, Editora

Correspondência com o autor:
Vladimir Megre
PO BOX 44
630121 Novosibirsk
Rússia

www.vmegre.com

Vladimir Megre

Os Cedros Ressoantes da Rússia

Livro 1
Anastasia

Livro 2
Cedros Ressoantes da Rússia

Livro 3
Espaço de Amor

Livro 4
Co-criação

Livro 5
Quem Somos?

Livro 6
Livro da Família

Livro 7
Energia da Vida

Livro 8/1
A Nova Civilização

Livro 8/2
Ritos de Amor

Livro 10
Anasta

Índice

Capítulo 1 – Perestroika 7
Capítulo 2 – O Cedro Ressoante 17
Capítulo 3 – O encontro 36
Capítulo 4 – Animal ou pessoa? 45
Capítulo 5 – Quem são eles? 49
Capítulo 6 – Um quarto na floresta 54
Capítulo 7 – A manhã de Anastasia 56
Capítulo 8 – O pequeno raio de Anastasia 60
Capítulo 9 – Concerto na Taiga 68
Capítulo 10 – Quem acende uma nova estrela? 75
Capítulo 11 – Os seus queridos *Dachniki* 90
Capítulo 12 – Conselhos de Anastasia 94
Capítulo 13 – Dormindo sob a sua estrela 109
Capítulo 14 – A mulher das estrelas 111
Capítulo 15 – Um ajudante para educar o seu filho 118
Capítulo 16 – A escola da floresta 124
Capítulo 17 – Atenção para com o ser humano 128
Capítulo 18 – Discos voadores? Nada de extraordinário! 135
Capítulo 19 – O cérebro, um super computador 142
Capítulo 20 – «O que foi feito nele era a vida, e a vida era a luz dos homens» 152
Capítulo 21 – É preciso mudar a forma de ver o mundo 156
Capítulo 22 – Um pecado mortal 159
Capítulo 23 – Tocando o paraíso 16
Capítulo 24 – Quem educará o nosso filho? 16
Capítulo25 – Através da fresta do tempo 17
Capítulo 26 – Uma moça estranha 17
Capítulo 27 – Insectos 18
Capítulo 28 – Sonhos – criando o futuro 18
Capítulo 29 – Através da fresta do tempo das forças obscuras 20
Capítulo 30 – Pessoas fortes 21
Capítulo 31 – Quem és tu, Anastasia? 22

Mensagem de Vladimir Megre aos leitores 23

CAPÍTULO 1



Perestroika

Em 1990 iniciou-se na Rússia a *Perestroika*, tendo as pessoas sido autorizadas, a partir desse momento, a criar os seus próprios negócios privados.

Para os povos da URSS, onde antigamente a actividade empresarial era considerada um crime e assim punida por lei ao ponto de levar à prisão, tal resolução foi revolucionária.

Aproximadamente um terço da população, especialmente nas capitais e nas grandes cidades, começou então a imaginar o seu próprio futuro tendo uma vida feliz e luxuosa, inspirando-se nos milionários ocidentais.

A cidade de Novosibirsk, onde eu vivia nessa altura, ficava a três mil quilómetros de distância da capital da URSS, Moscovo, mas os seus habitantes esforçaram-se por não ficar atrás em relação à capital, no que dizia respeito à criação de negócios.

Na sua maioria, os primeiros empresários da Sibéria criaram pequenos negócios, tendo-se dedicado à prestação de serviços e ao comércio de pequeno retalho, abrindo pequenos cafés e lojas. Aqueles que conseguiram lançar mão a um qualquer equipamento antigo, orientando-se nos ambientes meio clandestinos da produção de bijutaria de plástico, que na altura estava na moda, eram quase considerados fabricantes industriais.

Eu tive sorte, pois consegui alugar os três maiores navios de passageiros da frota fluvial da Sibéria ocidental. Utilizava um deles de convés triplo e com restaurante, bar e sala de conferências, para fazer excursões de recreio; e era também nele que organizava as conferências de empresários siberianos.

Nessa altura elegeram-me presidente da associação inter-regional de empresários, que se chamava «Cooperante Siberiano».

Sentia-me então um empresário de sorte e com sucesso. No entanto, existiam também grandes problemas relacionados com a insatisfação da sociedade para com os novos homens de negócios.

No início da *Perestroika* a sociedade Russa dividiu-se em duas facções, aparentemente irreconciliáveis. De um lado estavam a pessoas com vontade de se dedicar ao negócio privado e que, sem ver nada de mal no sistema capitalista, desejavam viver numa sociedade semelhante à ocidental. Do outro lado estavam os veteranos da guerra e da labuta, que não aceitavam de modo nenhum a inovações no país. Era possível compreendê-los...

Até ao início da *Perestroika*, uma pessoa de idade que fosse ex-combatente ou Herói do Trabalho Socialista vestia o seu uniforme condecorado e saía para a parada, nos dias feriados, falando frente aos jovens estudantes. Achava a sua vida digna de respeito, pois tinha sido vivida de forma correcta, em prol da sociedade socialista. De repente as mudanças foram muito bruscas. Não se tinha construído o tipo de sociedade mais correcta, era necessário afinal construir uma sociedade capitalista e não socialista. Também em vão tinham em 1917 expulsado o czar da Rússia, fuzilando toda a sua família. Na actuais circunstâncias, as condecorações desta pessoa de idade eram testemunho, não da sua valentia, mas sim do facto de ter estado na vanguarda da construção de uma sociedade que já não era considerada como correcta. Como é que esta pessoa podia agora olhar nos

olhos dos seus filhos e netos? Eram exactamente estas as pessoas que saíam para as manifestações de rua, no início da *Perestroika*.

Uma vez aconteceu tomar parte numa dessas manifestações.

Durante uma reunião com empresários da Turquia a minha secretária informou-me que, junto da sede siberiana do Comité do Partido Comunista, se reunia uma manifestação espontânea dirigida contra os empresários, conforme se lia nos slogans. Desculpei-me perante a delegação turca e decidi ir à manifestação com um grupo de colegas. Naquela altura temíamos que, após a manifestação, a multidão começasse a destruir os quiosques de venda de churrasco e as lojas, todos eles privados.

– Devias mudar de roupa – aconselhou um dos meus colegas – se aparecemos assim à frente da multidão, com os nossos fatos de gala, eles ainda se zangam mais.

– Devia, mas já não temos tempo.

E assim fomos para a manifestação, distribuídos em dois carros: um Mercedes importado e um jipe russo UAZ. Saímos dos carros com os nossos fatos elegantes de camisa branca e gravata. Eu parecia mesmo um *dandy* londrino, de fato branco. E ficámos ali parados a olhar para os manifestantes, sem saber bem o que fazer.

Eram aproximadamente mil e quinhentos ou dois mil manifestantes. As bandeiras encarnadas desenrolavam-se sobre a multidão. Como slogans lia-se: «Não permitiremos o capitalismo»; «os empresários são sanguessugas do povo»; «que os traidores da causa do Partido sejam responsabilizados».

Um senhor de idade, furioso e exibindo as suas medalhas ao peito, dizia de forma impetuosa a partir do palco improvisado:

– A nossa geração foi traída! Uma geração inteira! A nossa geração! Nós, que derramámos sangue nas trincheiras. Nós, que não deixámos a canalhada fascista conquistar a nossa pátria. Nós passámos

fome e vivemos em cabanas, mas construímos fábricas. Construímos cidades. Construímos o socialismo, sonhámos com o comunismo.

Uma pessoa inválida, amparada nas suas muletas, acenava de vez em quando, em concordância, dizendo:

– Nós não poupámos a nossa vida.

Duas velhotas gritavam:

– Dêem-nos a reforma! Dêem-nos a reforma!

Os gritos da multidão pareceram exaltar ainda mais aquele que falava:

– Não toleramos a existência de sanguessugas e burgueses. Já nem no mercado se pode comprar carne, porque eles compram tudo para as churrasqueiras deles. Vamos destruir os quiosques deles como se fossem ninhos de pássaros – incentivava ele.

E a multidão em coro:

– Destruir! Destruir! Destruir!

– Nós construímos a vida para os nossos filhos, não para eles – e apontou para o nosso grupo.

Todos os participantes da manifestação se viraram então para o nosso lado. Fez-se silêncio, como se a multidão se estivesse a preparar para saltar em cima de nós.

Foi então que peguei no altifalante e subi para o tejadilho do jipe, ainda sem saber o que ia dizer. Por isso comecei sem preâmbulos:

– Vocês dizem que se esforçaram pelos vossos filhos, e aqui estamos nós, os vossos filhos. Decidimos tornar-nos empresários. Construímos uma vida que não é pior que a da América. A lei actual permite que as pessoas se dediquem ao negócio privado. Agradecemos os esforços, mas aquilo que vocês construíram não é agora o mais adequado para nós, por isso queremos criar algo nosso. E se começarem a destruir tudo, aí é que não vão receber reforma nenhuma, porque somos nós que descontamos para a vossa reforma. Os empresários não são

sanguessugas. Um empresário é aquele que se esforça por fazer algo de útil para o país e, claro, também para si próprio.

Aquele que falava desde o palco não tinha altifalante e para me interromper teve que gritar:

– Olhem para ele a incentivar as sanguessugas a chupar o corpo do povo! Foram eles que rapararam todos os produtos das bancadas dos mercados. São eles que compram a carne e depois vendem espetadas três vezes mais caras. Não sobra carne nem para três dias.

Respondi-lhe calmamente usando o altifalante:

– Isso é que foi, homem. Então toda a vida se esforçaram, e sei que sim, mas só conseguiram armazenar carne para três dias?

Os gritos da multidão cessaram e as pessoas escutavam o nosso diálogo, virando-se sucessivamente para aquele que tinha a palavra. O homem no palco não respondeu ao meu argumento, em vez disso gritou:

– Arrastem o sanguessuga do povo, tirem-no de cima do carro. Olhem como o patife se vestiu.

Nesta altura voaram da multidão vários objectos na minha direcção, tendo dois tomates de conserva e um ovo acertado no meu fato, e conseguiram também acertar na minha cabeça com um pepino salgado. A polícia, que estava presente na manifestação, dispôs-se em linha entre a multidão e o carro em cujo tejadilho eu me encontrava de pé. Virando-se na minha direcção, o comandante da polícia gritou:

– Rapaz, desce do carro e foge. Nós não vamos conseguir segurar a multidão.

Mas eu não quis recuar e gritei pelo altifalante:

– E vocês queriam que os vossos filhos andassem como vocês, vestidos de farrapos? Foi para isso que lutaram afinal?

Algumas pessoas conseguiram sair através da linha formada pelos polícias, correram para o carro e começaram a abaná-lo. E

nisto, nem eu próprio sei como aquilo aconteceu, comecei de repente a declamar os versos de Maiakovsky sobre Lenine:

«Tempo!
Inicio um relato sobre Lenine.
E não porque já não existe mágoa.
O tempo, porque a saudade aguda se tornou clara,
Reconhecida pela dor.
Tempo!
Tendo desenrolado os slogans.
Esvair-nos-emos numa poça de lágrimas?
Mesmo hoje Lenine está mais vivo que todos os vivos,
O nosso lema são a força e as armas.»

A multidão ficou imóvel de surpresa. E também aqueles que abanavam o carro ficaram imóveis a olhar para cima. Nesse momento, sobre a relva de um dos lados aproximou-se lentamente um camião com vodka. Eu e os meus colegas tínhamos decidido ousar oferecer vodka à multidão. Enquanto o camião se movia na minha direcção, eu continuava a recitar:

«Pessoas, pessoazinhas,
Embora em terra firme,
Vivam por agora,
Há muitas conchas e lapas sujas
Que se colam na nossa pele.»

Neste ponto, o camião com vodka encostou-se ao meu carro e eu saltei para a caixa do camião, dizendo desde ali:

– Mas camaradas, é má sorte. Pessoas diferentes preferem revoluções diferentes.

O homem que falava à multidão gritou de novo:

– Não estão a ver? Ele está a fazer pouco de nós. Recitou os versos sobre Lenine para todos ficarem de boca aberta, e vocês assim ficaram.

– Estudei estes versos na escola, e aprendi-os com dedicação. Recitei-os aqui também com dedicação, para mostrar que a nossa geração reconhece os esforços dos seus pais. Mas tentem entender os nossos esforços também.

– Inebriou toda a gente de uma só vez com os versos, hidra exploradora, sanguessuga do povo. Porque é que estão imóveis? Esmaguem, destruam a hidra. Escondeu-se atrás de Lenine, dos versos.

Parte da multidão rugiu e começou de novo a tentar soltar-se através do cordão de polícia.

– Eu recitei os versos para ver se começamos uma conversa de gente. Aproximem-se, vamos beber e conversar como pessoas normais.

Nisto, abri a caixa do camião, sentei-me sobre um caixote de vodka e abri uma garrafa, depois outra, e enchi com elas os copos de plástico. Peguei num dos pequenos copos e bebi um golo, dirigindo-me então àqueles que se tinham soltado da multidão para abanar o jipe, que já se encontravam perto da caixa do camião.

– Tomem, amigos. Vamos beber um pouco, porque assim a conversa não há meio de começar.

Os homens aproximaram-se e pegaram nos copos.

– Realmente, porque é que nos enfurecemos desta maneira? Podemos conversar normalmente – notou um homem de baixa estatura com barba, e o seu camarada acrescentou:

– Porque é que não havemos de conversar, quando a companhia é adequada?

Virando-se para o lado dos polícias que seguravam a multidão, um dos homens que bebiam disse:

– Vocês aguentem ainda um pouco mais, senão ainda se soltam e não nos deixam conversar como deve ser.

– Pois não, que conversa pode haver com a multidão? Só escândalo, e não só – apoiaram outros – vamos repetir e já vos ajudamos.

– Temos que ir ajudar os que estão ao serviço. Enche uma segunda vez – propuseram. Eu enchi os copos de vodka mais uma vez.

– Sabes mais alguns versos dele? – perguntou um homem altíssimo e careca com voz de baixo.

– Assim de cor... só do programa da escola – respondi-lhe.

– Então recita do programa da escola, e eu acompanho a cantar ao microfone. Sempre que bebo fico com vontade de cantar.

– «O veleiro solitário embranquece no nevoeiro azul do mar» – recitei eu. E o homem careca começou a cantar com voz de baixo potente, amplificada pelo altifalante.

«Uma vela alva, sozinha
no mar azul enevoado.
O que procura ali, tão longe?
O que abandonou na terra maternal.»

A multidão conseguiu romper o cordão da polícia e um grupo grande, principalmente composto de homens, correu para o camião. O homem rouco que exibia a sua careca parou de cantar e gritou com temível voz de baixo:

– Para a fila! Aqui estamos numa conversa de gente, isto não é um mercado.

Os que corriam começaram a colocar-se em fila.

Aquele que falava desde o palco oposto falou de novo, dirigindo-se às pessoas que restavam perante si:

– Olhem para aquilo, ele está a dar de beber ao povo. Mulheres! Ele está a dar de beber aos vossos maridos!

Daquele grupo de pessoas, constituído agora principalmente por mulheres de idade, vinha um zumbido de vozes crescente.

Peguei de novo no altifalante e dirigi-me às mulheres:

– Desculpem, senhoras, eu esqueci-me. Daquele lado da praça está um carro com pernas de frango importadas, é um presente para vocês da associação de empresários. Não é um suborno, é o pagamento pela vossa pausa e por não interferirem com a conversa. Claro que um carro não chega para todas, aí têm razão, mas pelo menos algumas terão de graça.

Um grupo grande de mulheres, algumas de passo apressado, outras a correr, dirigiram-se ao carro. Deste modo, os manifestantes dividiram-se em dois grupos, um junto do camião com vodka e outro junto do camião com pernas de frango. Tendo percebido que as pessoas se tinham acalmado, eu e os meus colegas sentámo-nos no carro e fomos para o navio. Quando saíamos de perto dos homens que bebiam vodka, ouvimos:

– Um gajo porreiro, e nós quase que o aleijámos.

Quando o navio estava parado no cais fluvial, decorria no restaurante a festa do clube dos empresários. Tanto as pessoas de mais idade como os jovens se encontravam aqui frequentemente, para comentarem os seus negócios e partilharem as suas experiências. Quase todos tinham a sensação de que nos esperava uma vida extraordinariamente bonita. De vez em quando algum céptico tentava arrefecer esses sonhos coloridos.

Um dia, o homem que tinha falado na manifestação apareceu no barco. Como o segurança não o estava a deixar entrar, ele começou

a exigir falar comigo. Saí na sua direcção e apresentámo-nos. Ele chamava-se Piotr Ivanovitch e começou a pedir autorização para frequentar o nosso clube.

– Piotr Ivanovich, para que quer vir ao nosso clube, se é contra os negócios e contra a propriedade privada?

Ao que ele respondeu:

– Eu sou contra o absurdo na vida, mas quero partilhar a minha opinião convosco, pois são a vanguarda de hoje; ou vocês têm medo de escutar uma opinião alternativa?

Um dos meus colegas propôs:

– Deixa-o lá entrar e dizer o que quer. É melhor assim do que organizar manifestações e enfurecer as pessoas.

Concordei e Piotr Ivanovich começou a vir todas as semanas, tendo antes combinado que não falaria mais de cinco minutos. Ele tinha sido professor de história e filosofia e as suas apresentações no navio de empresários interessavam a pouca gente, mas de vez em quando faziam-nos pensar sobre o sentido da vida.

Uma vez ele subiu para o microfone, como de costume, e disse virando-se para os empresários sentados às mesas do restaurante:

– Porque é que estão a pensar que no futuro serão muito felizes? Na América as pessoas dedicam-se aos negócios há muito tempo, lá há mais empresários do que aqui na Rússia. Pode ser que nós alcancemos o nível de vida deles daqui a vinte anos, mas eles nesses vinte anos vão andar ainda mais para a frente do que nós. Haverá mais empresários na Rússia, mas isso não significa de todo que haverá mais pessoas felizes.

Naquela altura de início da *Perestroika* nós, empresários da primeira vaga, não tínhamos vontade de pensar sobre o sentido da vida, queríamos apenas viver bem.

CAPÍTULO 2

O Cedro Ressoante

Na Primavera de 1994 realizei uma expedição durante quatro meses pelo rio siberiano Ob, viajando nos meus navios fluviais desde Novosibirsk até Salekhard, cidade situada para além do Círculo Polar Árctico. O objectivo da expedição era estabelecer relações comerciais com as regiões do Extremo Norte.

A expedição chamava-se *Caravana Mercantil*. No grande navio de convés triplo ficava a sede da frota, com uma loja onde se expunham produtos dos empresários locais da Sibéria. E também o meu apartamento, naquela altura considerado de luxo, para o que necessitei de juntar duas cabines de primeira classe, equipando-as com mobília moderna. Era necessário fazê-lo para parecer mais sério durante as negociações.

A expedição tinha que percorrer três mil e quinhentos quilómetros na zona Norte, visitando, ora lugares bastante populosos, como Tomsk, Nizhnevatovsk, Khanty-Mansyisk, Salekhard, ora pequenos lugares onde só se podia chegar com as mercadorias durante o curto período do ano em que é possível navegar.

No Inverno o rio Ob fica coberto de gelo, assim bloqueando a comunicação dos habitantes das aldeias siberianas com as cidades.

Durante o dia a frota atracava nos portos de maior população. Soavam as sirenes e depois ligávamos música alta que saía através

de colunas de som potentes, atraindo assim os habitantes para o convés superior do navio.

Fazíamos negócio, recebendo da população local peixe caro e as ofertas da taiga siberiana, como bagas de oxicoco e arando, cogumelos secos e peles, e negociávamos a fundação de relações comerciais permanentes com os caçadores e pescadores locais.

Os navios navegavam normalmente durante a noite. Se as condições climatéricas não nos permitiam seguir pelo rio, o navio principal atracava junto da povoação mais próxima durante o mau tempo, e aí organizávamos serões recreativos para os jovens locais, uma raridade nestes lugares. Os clubes e centros comunitários, as chamadas Casas da Cultura, estavam praticamente arruinados nesses tempos, quase não se organizando actividades culturais. Mas aqui...

Imaginem só, os habitantes de uma aldeia siberiana a milhares de quilómetros da civilização a olhar o belo navio branco a navegar pelo rio e, de repente, eis que este dá meia volta e atraca na sua margem.

No navio havia um restaurante, bar e salão de dança com colunas.

Não apenas a juventude, mas também os adultos, faziam por entrar no navio para fazer um passeio de três horas, despedindo-se depois desde a margem, acenando ao bonitão vestido de cor branca.

À medida que a frota se afastava das grandes cidades e se aproximava do Círculo Polar Árctico, o rio Ob aumentava de largura. A partir das suas margens podiam observar-se animais selvagens através de binóculos.

Por vezes, ao longo de vinte e quatro horas não se encontrava uma povoação, nem mesmo pequena. Apenas a taiga[1] continuava

[1] Taiga – nome russo da floresta boreal que se estende por grande parte da Sibéria.

ao longo das margens do rio, a única via de transporte em muitos quilómetros.

Naquela altura eu ainda não sabia que num desses espaços de floresta me esperava um encontro que iria mudar a minha vida por completo.

Uma vez, quando vínhamos já de regresso a Novosibirsk, decidi atracar o navio principal na margem de uma pequena aldeia onde só se avistavam algumas casas, a dezenas de quilómetros de distância de outros lugares povoados. Tinha planeado permanecer umas três horas para que a tripulação pudesse andar por terra, e para que os habitantes do local comprassem os nossos produtos e mercadorias, comprando nós aí também, a bom preço, plantas silvestres da taiga e peixe.

Decidi também caminhar por terra. Quando descia pela rampa, dei-me conta da presença silenciosa de dois velhotes que estavam um pouco afastados dos habitantes locais e se preparavam para subir ao navio.

Especialmente estranho pareceu-me o mais velho de barba grisalha, vestido com um fato de lona até aos pés e a cabeça tapada com um capuz. Ao passar pelos velhotes, saudei-os. O mais velho não me disse nada em resposta, apenas acenou ligeiramente com a cabeça; o seu companheiro saudou-me:

– Bom dia. Que os seus pensamentos bondosos se manifestem. Você é o responsável aqui, parece-me. Sim? Pode dar ordens?

– Posso, se forem oportunas – respondi eu, e ia continuar o meu caminho, quando o velhote continuou.

Tentou convencer-me a fornecer-lhe umas cinquenta pessoas (na tripulação do navio havia apenas sessenta e cinco), que eles próprios guiariam até à taiga profunda, a vinte e cinco quilómetros do lugar onde se encontrava o navio, para serrarem o cedro ressoante,

como eles lhe chamaram. Seria um cedro cuja altura, pelas suas palavras, alcançara os quarenta metros, e que seria necessário serrar em pedaços para assim ser possível trazê-lo em mão até ao navio. Tínhamos que levá-lo todo, sem deixar nenhum bocado. O velhote aconselhava a que serrássemos depois cada pedaço em pedacinhos ainda mais pequenos, guardando um para cada uma das pessoas do barco, e oferecendo os restantes aos nossos familiares, amigos e a todos os que desejassem aceitá-los como presente. O velhote disse ainda que aquele cedro era especial, que um pedacinho dele devia ser usado ao peito, pendurado num fio. Também seria necessário estar de pés descalços sobre a erva no momento de o colocar ao pescoço, pressionando-o então de encontro ao peito nu com a palma da mão esquerda. Passado um momento sentir-se-ia uma sensação agradável vinda do calor que emana do cedro, e depois o corpo estremeceria um pouco. De quando em quando, sempre que se tivesse vontade, devia-se esfregar com as pontas dos dedos o lado do pedaço do cedro que não fica em contacto com o corpo, segurando com o polegar o outro lado. O velhote afirmou com confiança que uma pessoa que utilizasse um pedaço do cedro ressoante começaria a sentir-se bastante melhor no espaço de três meses, chegando mesmo a ser curado de muitas doenças.

– Mesmo de SIDA? – perguntei, contando-lhe resumidamente aquilo que sabia sobre a doença a partir do que tinha lido na imprensa.

O velhote respondeu com segurança:

– De quaisquer doenças!

Mas isto, na sua opinião, era uma tarefa fácil. O mais importante era que a pessoa detentora de tal pedacinho se tornaria mais bondosa, bem-aventurada e talentosa.

Eu sabia um pouco sobre as propriedades curativas dos cedros da nossa taiga Siberiana, mas que pudessem afectar os sentimentos e as capacidades, bem, isto naquela altura parecia-me muito inverosímil. Pensei: «certamente, os velhotes querem que eu lhes dê dinheiro, em troca deste cedro que eles consideram especial». Comecei a explicar-lhes que 'na grande cidade' as mulheres, para ficarem mais atraentes, usam jóias em ouro e prata, e não iriam dar nada por um pedaço de madeira, e que por isso eu não ia entrar em despesas com aquilo.

– Usam essas jóias sem nada saber – continuou o velhote – o ouro é como cinza, comparado com um pedacinho deste cedro, mas não é preciso dar nenhum dinheiro em troca dele, e ainda podemos dar-vos cogumelos secos, nós não precisamos de nada...

Sem querer argumentar e por respeito à sua idade, eu disse:

– Até pode acontecer que alguém venha a usar um pedacinho do vosso cedro... se algum magnífico mestre talhador lhe aplicar a sua mão para criar algo extraordinariamente belo...

Ao que o velhote respondeu:

– Também pode ser talhado, mas é melhor poli-lo. Muito melhor será que a própria pessoa o faça com os seus dedos, sempre que o coração o deseje. Então o cedro tornar-se-á belo também exteriormente.

Nesse momento, o mais novo dos velhotes desabotoou rapidamente o casaco antigo, depois a camisa, mostrou o que tinha ao peito e eu vi um círculo ou uma oval saliente. As suas cores eram variadas: violeta, framboesa e arruivado, formando um desenho estranho e com os veios da madeira a parecerem pequenos rios.

Não sou apreciador de obras de arte, embora tenha estado em museus e galerias. As obras da arte mundial não me despertaram nenhuma emoção em especial, mas isto que estava pendurado ao

pescoço do velhote despertava em mim mais sentimento e emoção do que visitar a Galeria Tretiakov. Perguntei-lhe:

– Há quantos anos anda a esfregar o seu pedacinho de cedro?

– Há noventa e três – respondeu o velhote.

– E quantos anos tem?

– Cento e dezanove.

Naquela altura não acreditei na resposta. Ele aparentava uns setenta e cinco anos. Sem pressentir a minha dúvida ou sem lhe dar importância, o velhote, um pouco preocupado, começou a convencer-me de que também nas outras pessoas o pedaço de cedro polido por elas durante três anos se tornaria muito belo. E mais ainda nas mulheres. Do corpo de quem o detém, dizia, virá um aroma agradável, incomparável aos que são fabricados artificialmente!

Realmente, dos velhotes emanava um cheiro muito agradável, que senti, apesar de fumar e ter provavelmente o olfacto embotado, como todos os fumadores.

Houve ainda outra coisa estranha nos velhotes...

De repente comecei a notar no seu discurso frases, pensamentos e conclusões nada característicos dos habitantes do afastado interior Norte. Ainda me recordo de alguns deles, até da entoação.

Uma das coisas que o velhote disse, foi:

– Deus criou o Cedro como acumulador da energia do Cosmos... Uma pessoa em estado de amor emana uma energia radiante. Em fracções de segundos esta energia, sendo reflectida pelos astros que estão por cima dela, volta à Terra e dá vida a todos os seres vivos.

O Sol é um destes astros, reflectindo apenas uma parte do espectro desta energia. As pessoas emitem apenas energia luminosa para o Cosmos.

Do ser humano para o Cosmos apenas é levada emanação luminosa. Do Cosmos para a Terra regressa apenas emanação benéfica...

Só raios luminosos podem viajar no Espaço, provindos do Homem na Terra. E só raios benéficos podem ser reflectidos do Cosmos para a Terra.

De uma pessoa sob influência de sentimentos malévolos apenas emanam raios obscuros que, não podendo elevar-se, vão para o fundo da Terra. São reflectidos pelo núcleo da Terra e voltam à superfície em forma de erupções vulcânicas, terramotos, guerras, etc.

A mais forte manifestação do reflexo da irradiação desses raios obscuros é o seu efeito sobre o ser humano que as enviou, aumentando os seus próprios sentimentos maléficos...

O cedro vive quinhentos e cinquenta anos. Com os seus milhões de agulhas ele capta e acumula em si todo o espectro da energia luminosa, de dia e de noite. Durante a vida do cedro passam por cima dele todos os corpos celestes que reflectem a energia luminosa...

Até um pequeno pedacinho de cedro contém mais energia benéfica para o ser humano do que todos as plantas energéticas juntas fabricadas pelo Homem na Terra.

O cedro recebe a energia que é emanada pelo ser humano através do Espaço, guarda-a, e devolve-a no momento adequado. Fá-lo quando esta não existe em quantidade suficiente no Cosmos, o que significa também no ser humano e em tudo o que vive e cresce sobre a Terra...

Muito raramente se encontram cedros que acumulam energia e não a devolvem. Os cedros começam a ressoar passados quinhentos anos de vida. É assim que falam connosco, através do seu som suave ressoante. Este é o modo como eles comunicam com as pessoas para que os levem e os serrem, a fim de que se faça uso da

energia acumulada na Terra. É isto que o cedro pede com o seu ressoar... E pode pedir durante três anos... Se não tiver contacto com as pessoas vivas, então, passados três anos, privado da oportunidade de dar a energia que recebeu e acumulou do Cosmos, perde a capacidade de a entregar directamente ao ser humano e começa a queimar a energia em si. Esse processo torturante de incineração e morte dura vinte e sete anos...

– Há pouco tempo encontrámos um cedro assim. Determinámos que ele já ressoa há dois anos. Ressoa muito baixinho. Talvez se esteja a esforçar para que o seu pedido se estenda por mais tempo, mas apenas lhe resta mais um ano, por isso é necessário serrá-lo e distribuí-lo pelas pessoas...

O velhote falou durante muito tempo e, por alguma razão, eu escutava-o. A voz deste estranho siberiano soava, ora com uma confiança tranquila, ora com grande inquietude. Quando se agitava começava a polir rapidamente com as pontas dos dedos o seu pedacinho de cedro, como se tocasse um instrumento musical.

Na margem do rio estava frio e o vento outonal soprava desde o rio. As rajadas de vento frio agitavam os cabelos grisalhos na cabeça descoberta do ancião, mas o casaquinho antigo e a camisa do velhote mantinham-se desabotoados, e ele continuava a polir com as pontas dos dedos o seu pedacinho de cedro pendurado ao pescoço e exposto ao vento, persistindo em tentar esclarecer-me da sua importância.

Lídia Petrovna, uma colaboradora da minha empresa, desceu do navio para a margem para me dizer que já estavam todos a bordo, prontos para largar e à espera que eu terminasse a conversa. Despedi-me dos velhotes e subi rapidamente para bordo do navio. Eu não podia satisfazer o pedido dos velhotes por duas razões: porque um atraso de três dias do navio traria um

grande prejuízo, e porque na altura eu considerei tudo o que os velhotes disseram como sendo uma superstição exagerada da parte deles.

No dia seguinte de manhã, durante a reunião de planeamento, vi que Lídia Petrovna tinha pendurado ao peito um pedacinho de cedro. Mais tarde contou-me que, quando eu tinha subido a bordo do navio, ela ainda se demorara um pouco na rampa do navio. Tinha visto como o velhote que conversara comigo me olhava desconcertado, enquanto eu me afastava deles, dizendo preocupado ao seu companheiro:

– Como é possível? Por que é que eles não entenderam? Não sei mesmo falar a língua deles... Não fui capaz de os convencer... Não fui capaz! Não consegui! Não consegui fazer nada... Porquê? Pai, diz-me.

O mais velho dos anciãos colocou a mão sobre o ombro do filho e respondeu calmamente:

– Não foste convincente, meu filho. Por isso é que eles não entenderam.

– Quando já subia a rampa – continuou Lídia Petrovna – o velhote que tinha falado contigo correu para mim de repente, pegou-me na mão e levou-me da rampa para as ervas.

Tirou apressadamente do bolso um pequeno fio ao qual estava atado este pedacinho de madeira de cedro, colocou-mo ao pescoço e pressionou-o com a sua mão e a minha de encontro ao peito. Cheguei a sentir um arrepio a percorrer-me o corpo. Ele fez isso tudo tão rapidamente, que nem tive tempo de dizer alguma coisa. Enquanto me afastava ele ia dizendo:

– Boa viagem para vós! Sejam felizes! Voltem aqui, por favor, no próximo ano! Tudo de bom para vós. Cá os esperamos! Façam uma boa viagem!

Quando o navio partiu, o velhote continuou a acenar com a mão ainda por muito tempo e depois sentou-se na erva. Eu vi-os através dos binóculos. O velhote que tinha conversado contigo e que depois me deu o pedacinho de cedro estava sentado nas ervas com os ombros a tremer... O mais velho, de barbas longas, inclinou-se e afagou-lhe a cabeça.

***

Por entre os afazeres comerciais, as contabilidades e os banquetes de comemoração do fim de navegação, não me lembrei mais dos estranhos anciãos Siberianos.

Durante o regresso do navio a Novosibirsk, senti dores intensas. Foi feito o diagnóstico – uma úlcera duodenal intestinal e osteocondrose da coluna dorsal.

No sossego do quarto de hospital fiquei isolado da azáfama quotidiana. O quarto individual de luxo permitia-me analisar com calma os resultados da expedição de quatro meses, assim como fazer um plano de negócios para o futuro. Mas a memória afastava todos os acontecimentos e, por alguma razão, trazia para primeiro plano os velhotes e o que eles me tinham contado.

A meu pedido, trouxeram-me ao hospital todo o tipo de literatura sobre cedros. Comparando o que lia com o que tinha ouvido, cada vez mais me surpreendia e começava a acreditar no que os velhotes me tinham dito. Afinal havia alguma verdade nas suas palavras, ou será que era mesmo tudo verdade?

Nos livros de medicina popular falava-se muito sobre as propriedades curativas do cedro. Aí se dizia que tudo, desde as pontas das agulhas à casca da árvore, tem propriedades curativas de grande eficácia. A madeira de cedro da Sibéria é bela e é utilizada

por mestres entalhadores para fazer móveis e caixas de ressonância para instrumentos musicais. As agulhas do cedro contêm óleos voláteis com grande capacidade de despoluir o ar do meio ambiente e a madeira de cedro tem uma fragrância característica, um cheiro balsâmico muito agradável. Um pedaço de madeira de cedro dentro de casa afasta as traças.

A literatura de ciência popular também referia que a qualidade do cedro que cresce nas regiões do Norte é superior à do cedro que cresce no Sul.

Já em 1972, o académico P.S. Pallas[2] tinha escrito que os frutos do cedro Siberiano restauram a virilidade masculina e rejuvenescem as pessoas, aumentam as defesas do organismo e auxiliam no combate contra muitas doenças.

Existia também uma série de fenómenos históricos directa ou indirectamente relacionados com o cedro. Apresento aqui um deles: um homem de média instrução, Grigorii Rasputin,[3] vindo de uma aldeia isolada na Sibéria, de um lugar onde cresce o cedro Siberiano, foi parar a Moscovo em 1907 com a idade de cinquenta anos, impressionando a família Imperial com as suas profecias e tendo-se por isso mesmo tornado seu convidado habitual. Rasputin era detentor de uma proeminente força masculina. Quando Grigorii Rasputin foi assassinado, quem viu a cena surpreendeu-se pois num primeiro momento, mesmo após ter sido cravejado de balas,

[2] Referência a Peter Simon Pallas (1741-1811), geólogo Alemão, paleontólogo, botânico e etnólogo, nascido em S. Petersburgo. Como Membro da Academia de Ciências de S. Petersburgo, foi um proeminente explorador da taiga Siberiana.

[3] Grigorii Efimovich Rasputin (1871?-1916), monge da região de Tiumen na Sibéria Ocidental, que parecia ter poderes curativos fora do comum. Rasputin ganhou a admiração da corte do Czar Nicolau I (especialmente da sua mulher Alexandra Feodorovna), demonstrando influência benéfica no seu filho Alexei, que sofria de hemofilia.

ele continuava vivo. Seria por ter crescido numa região de cedros e ter sido alimentado com pinhões de cedro?

Os jornalistas da época descreveram assim a sua resistência: «com a idade de cinquenta anos, ele podia começar uma orgia ao meio-dia, continuando a farra até às quatro da manhã; da comida e bebida seguia directamente para a igreja, onde ficava a rezar até às oito da manhã. Depois, em casa, Grisha bebia um chá e, como se nada fosse, recebia visitas até às duas da tarde. Seguidamente, juntava algumas damas e ia com elas para os banhos, dos banhos seguia para um restaurante nos arredores da cidade, onde repetia a actividade da noite anterior. Nenhuma pessoa normal poderia aguentar um ritmo assim.»

O actual campeão do mundo da luta que também ganhou os Jogos Olímpicos, Alexander Karelin[4], nunca foi vencido até hoje e é Siberiano, também ele originário dos lugares onde cresce o cedro. Este atleta também come sementes de Cedro. Será isto coincidência?

Apresento aqui apenas os factos que se encontram na literatura de ciência popular ou que podem ser confirmados por testemunhas. Uma destas testemunhas é Lidia Petrovna, que recebeu do velhote um pedacinho de cedro ressoante. Lidia é uma mulher de trinta e seis anos, casada e mãe de duas crianças. Todos os colaboradores da empresa que contactam com ela notaram as mudanças: ela tornou-se mais bondosa e sorridente. O marido de Lidia Petrovna, que eu conheço, conta que existe agora na família mais entendimento e notou que a mulher como que rejuvenesceu, começando a despertar nele mais sentimentos, respeito, e mesmo muito mais amor.

[4] Alexander Karelin (1967-....), multi-campeão Russo de luta, da Europa e do Mundo, nunca foi vencido em competições internacionais, de 1987 a 2000 (na maior parte das vezes, nunca sequer perdeu um ponto).

Mas todos estes factos e provas empalidecem perante o principal, do qual podem tomar conhecimento por vós mesmos e depois do qual não me restou sombra de dúvida – a Bíblia. No Antigo Testamento, no terceiro livro de Moisés[5], Deus ensina como curar as pessoas e desinfectar as casas com a ajuda... do CEDRO!!!

Quando comparei todos os factos e dados que recolhi de diversas fontes e testemunhos, desenhou-se um quadro de tal maneira forte, que em comparação com ele, os milagres do mundo perdem todo o seu brilho. Os grandes mistérios, que deixam normalmente as mentes humanas perplexas, começaram a parecer insignificantes em comparação com o mistério do cedro ressoante. Agora já não podia ter dúvidas sobre a sua existência. A literatura de ciência popular e os Escritos sagrados, também dos antigos Vedas, dissiparam-nas.

O cedro é mencionado quarenta e duas vezes na Bíblia, no Antigo Testamento. Quando Moisés presenteou a Humanidade com as tábuas dos Mandamentos, provavelmente sabia mais sobre os Cedros do que foi escrito no Antigo Testamento.

Nós habituámo-nos ao facto de que existem na Natureza determinadas plantas capazes de curar as doenças das pessoas. As propriedades curativas do cedro estão provadas pela literatura de ciência popular, assim como por investigadores de autoridade, como o académico Pallas, coincidindo com o que é narrado no Antigo Testamento.

Agora, atenção!

O Antigo Testamento, ao referir o cedro, apenas o cedro, não menciona outras árvores. E não nos diz o Antigo Testamento que o cedro é a mais forte substância medicinal de entre todas as que

[5] Levítico 14,4.

existem na natureza? De que se trata então? De um complexo medicinal? Mas como deverá ser utilizado? E porque é que aqueles velhotes, de entre todos os cedros, destacaram apenas o cedro ressoante?

Mas isto ainda não era tudo. O Antigo Testamento refere algo ainda muito mais enigmático:

O Rei Salomão construiu um templo de madeira de cedro. Para trazer o cedro do Líbano, entregou a outro Rei, Hiram, vinte cidades do seu reino. É incrível! Entregou vinte cidades em troca de um determinado material de construção! É verdade que ainda lhe foi concedido outro serviço. A pedido do Rei Salomão foram-lhe trazidas pessoas que «soubessem cortar a árvore.»

Que pessoas eram estas? Que conhecimento possuíam?

Ouvi dizer que mesmo hoje, em lugares distantes do interior da taiga, existem velhotes cujo trabalho é escolher árvores para construção. Há mais de dois mil anos, podia ser que todos o soubessem fazer e, no entanto, foram necessárias pessoas especiais. O templo foi construído e nele iniciou-se uma cerimónia... «os sacerdotes não podiam permanecer na cerimónia por causa da nuvem».

Que nuvem era aquela? Como surgiu e de onde surgiu ela dentro do Templo? O que poderia ser? Energia? Um espírito? Que fenómeno foi aquele e qual a sua ligação com o cedro?

Os velhotes falaram sobre o cedro ressoante como acumulador de energia...

Que cedro é mais forte, o do Líbano ou o da Sibéria?

O académico Pallas referiu que as propriedades curativas do cedro aumentam em proporção com a proximidade da tundra. Isso quer então dizer que o mais poderoso é o siberiano!

Na Bíblia está escrito: «... julguem pelos seus frutos». Significa de novo que é o siberiano!

Será que ninguém reparou em tudo isto?

Não compararam estes factos?

A Bíblia, no Antigo Testamento, a ciência do século passado, assim como a actual, são unânimes no que diz respeito ao cedro.

Também Elena Ivanovna Roerich[6], no seu livro *Ética Viva*, nos diz: «nos rituais de consagração dos reis do antigo Khorassan figurava um cálice de resina de cedro.»

Os Druidas também tinham um cálice de resina de cedro a que chamavam o Cálice da Vida. E só mais tarde, com a perda da realização do espírito, este foi substituído por sangue. O fogo de Zoroastro surgia da combustão da resina de cedro no cálice.

Então, de toda a sabedoria que os nossos antepassados detinham sobre o cedro, suas propriedades e utilizações, o que chegou até aos nossos dias?

Será possível que nada tenha sido preservado?!

O que saberiam sobre o cedro os anciãos siberianos?

Subitamente, veio-me à memória uma situação de muitos anos antes, que me fez até arrepiar. Na altura não lhe tinha dado importância, mas agora...

No início da *Perestroika*, sendo eu Presidente da *Associação de Empresários da Sibéria*, telefonaram-me um dia do Conselho Executivo de Novosibirsk (na altura ainda existiam Comités do Partido Comunista e Conselhos Executivos), pedindo-me para ir a uma reunião com um importante empresário do Ocidente. Ele tinha uma carta de recomendação do Governo da altura. Compareceram

[6] Elena Ivanovna Roerich, pensadora religiosa Russa, viajou pela Ásia com o marido Nicolai Roerich, proeminente artista Russo. Elena Ivanovna ficou tão fascinada pelas Religiões Orientais que dedicou a sua carreira ao estudo e escrita sobre estas. Em 1920, fundou em Nova Iorque com o marido a *Agni Yoga Society*, uma instituição sem fins lucrativos.

ao encontro alguns empresários e trabalhadores do Conselho Executivo.

O empresário Ocidental tinha um ar imponente e invulgar, com traços Orientais. Usava um turbante na cabeça e preciosos anéis nos dedos das mãos.

Falámos, como de costume, sobre as possibilidades de cooperação em vários campos. Entre outras coisas, disse-me: «nós gostaríamos de vos comprar pinhão de cedro.» Enquanto dizia estas palavras contraiu-se, e os seus olhos aguçados moveram-se, observando provavelmente a reacção dos colaboradores presentes. Eu memorizei bem este facto, porque naquela altura me admirei e interroguei sobre a razão de ele se ter transfigurado assim...

Depois da reunião oficial, a tradutora Moscovita que o acompanhava veio ter comigo, dizendo-me que ele me queria falar.

O empresário fez-me então uma proposta confidencial: se eu organizasse a entrega de pinhão de cedro, que teria que ser necessariamente fresco, este seria pago mais caro do que o preço oficial, e eu pessoalmente receberia uma boa percentagem.

Era preciso entregar o pinhão na Turquia, onde preparariam um óleo. Eu disse-lhe que ia pensar.

Decidi pessoalmente investigar que espécie de óleo era aquele. E descobri o seguinte: na Bolsa de Londres, que é a referência dos preços mundiais, o óleo de cedro custa... até quinhentos dólares o quilo! E ele propunha entregarmos as encomendas de pinhão de cedro a um preço de dois ou três dólares por quilo!

Telefonei para Varsóvia a um empresário meu conhecido e pedi-lhe para tentar saber se havia possibilidade de chegar directamente aos consumidores deste produto e perceber qual a tecnologia usada na sua extracção.

Passado um mês, respondeu-me:

– Não é possível. Não conseguimos ter informações sobre essa tecnologia. E estão envolvidas nestas questões tais forças Ocidentais, que é melhor não tocar no assunto e esquecer.

Dirigi-me então ao meu amigo investigador e colaborador do Instituto do Consumo da Sibéria. Comprei o pinhão, financiei o projecto e produzimos nos laboratórios do seu Instituto cem quilogramas de óleo de pinhão de Cedro.

Contratei também pessoas que encontraram o seguinte em documentos de arquivo: no período pré-revolucionário, e durante algum tempo já depois da Revolução, existia na Sibéria uma organização denominada *Co-operador Siberiano*. As pessoas desta organização comercializavam, entre outros óleos, o de pinhão de cedro. Os seus representantes, bastante ricos, encontravam-se em Harbin, Londres e Nova Iorque. Tinham bastante dinheiro em bancos do Ocidente. Depois da Revolução a organização entrou em colapso e muitos dos seus membros emigraram.

Um Membro do governo Bolchevista, Leonid Krasin, encontrou-se com o Director desta organização e propôs-lhe que regressasse à Rússia. Mas o Director da *Co-operador Siberiano* respondeu que ele ajudaria mais a Rússia encontrando-se para além das suas fronteiras.

Constava ainda dos materiais de arquivo que o óleo de cedro se extraía com o auxílio de prensas de madeira (somente de madeira!) em muitas aldeias da taiga siberiana.

A alta qualidade do óleo de cedro dependia da altura da colheita e do processo de preparação do pinhão.

Encontrar esses detalhes necessários não foi possível, nem através dos arquivos, nem do Instituto. O segredo tinha-se perdido.

Não há remédios curativos com propriedades análogas às do óleo de cedro, mas não terão aqueles que emigraram transmitido o segredo da preparação desse óleo a alguém no Ocidente?

Como se explica que o mais terapêutico pinhão de cedro cresça na Sibéria e a fábrica que extrai o óleo esteja situada na Turquia? Na Turquia não cresce um cedro como o da Sibéria!

Sobre que forças do Ocidente falava o empresário de Varsóvia? Por que não se podia tocar nesta questão? Não estariam estas forças a «contrabandear» o produto terapêutico de propriedades extraordinárias da nossa taiga da Rússia Siberiana?

Por que é que com tal riqueza aqui em casa, com propriedades de grande eficácia comprovada por séculos e milénios, nós gastávamos milhares ou até milhões de dólares em medicamentos estrangeiros, devorando-os como loucos? Como é que tínhamos perdido a sabedoria que os nossos antepassados detinham? Antepassados próximos, que tinham vivido neste mesmo século!

O que dizer sobre a Bíblia, que descreve situações com mais de dois mil anos? Que forças invisíveis tentavam tão insistentemente apagar da nossa memória os conhecimentos dos nossos antepassados? E ainda: «não te metas», como se não fosse da nossa conta! Tentavam apagar... e pelos vistos, conseguiam!

Uma revolta apoderou-se de mim. Reparei ainda que na farmácia se vendia óleo de cedro numa embalagem importada. Comprei um frasquinho de trinta gramas para experimentar, que continha, na minha opinião, não mais do que duas gotas de óleo dissolvido num excipiente qualquer. Era incomparável ao que preparámos no Instituto da Cooperativa de Consumo! E essas duas gotas dissolvidas custavam cinquenta mil rublos! E se não comprássemos no estrangeiro e fôssemos nós a vendê-lo? Só por conta deste óleo toda a Sibéria poderia viver sem pobreza!

Como fomos esquecer a tecnologia dos nossos antepassados? E agora queixávamo-nos de sermos pobres...

Pensei que iria conseguir descobrir alguma coisa. Eu próprio produzirei o óleo. Que enriqueça a minha empresa!

Decidi repetir a expedição no Norte pelo Rio Ob, utilizando apenas o navio principal *Patris Lumumba*. Carreguei o porão com produtos variados e transformei em loja a sala de cinema do navio. Precisei de contratar novas pessoas. Não chamei as da minha empresa. A situação financeira já tinha piorado enquanto tinha andado distraído.

Duas semanas depois da saída de Novosibirsk, os meus seguranças tinham-me dito que tinham ouvido conversas sobre o cedro ressoante. E, na sua opinião, entre os novos funcionários havia «pessoas estranhas». Chamei individualmente as pessoas da tripulação e falei-lhes acerca da planeada caminhada pela taiga. Alguns concordavam em ir, até de graça. Outros pediram mais dinheiro pela operação, porque esta não tinha sido contemplada quando começaram a trabalhar. Uma coisa era estar nas condições confortáveis do navio, outra era ir para a taiga a vinte e cinco quilómetros e carregar mercadoria.

Nessa altura os meus recursos já escasseavam e o tempo era pouco. Eu não planeava vender o cedro, pois os velhotes tinham dito que era preciso distribuí-lo. Eu achava mais importante não o cedro, mas o segredo da extracção do óleo. Estava interessado em receber todas as informações relacionadas com isto!

Pouco a pouco, com a ajuda dos seguranças, percebi que estavam a tentar seguir-me, principalmente quando saía do barco para a margem do rio. Contudo, não era claro o objectivo. Quem estaria por detrás dos perseguidores? Pensei e tornei a pensar no que fazer, e decidi que, para ter certezas, era necessário despistar todos de uma vez!

CAPÍTULO 3



O encontro

Sem explicar nada a ninguém, decidi atracar o navio perto do local onde, no ano anterior, tinha encontrado os velhotes. Fui sozinho à povoação, num pequeno barco a motor, e dei ordem ao comandante do navio para continuar ao longo do itinerário de comércio.

Tinha esperança de encontrar os dois velhotes siberianos com os quais tinha falado no ano anterior, com a ajuda dos habitantes locais, e de ter assim a possibilidade de ver com os meus próprios olhos o cedro ressoante, combinando depois com eles a forma mais económica de o trazer para o navio.

Ao dirigir-me a uma das casas mais próximas, depois de amarrar o barco a motor a uma pedra, vi uma mulher sozinha na margem do rio e aproximei-me dela na esperança de obter dela alguma informação interessante para mim.

A mulher estava vestida com um casaco acolchoado bem antigo, uma saia comprida e trazia calçadas umas galochas altas de borracha, como as que usam muitos dos habitantes do interior Norte no Outono e na Primavera. Na cabeça trazia um lenço atado de tal modo, que lhe tapava completamente a testa e o pescoço. Era difícil perceber quantos anos tinha. Saudei-a e falei-lhe sobre os dois velhotes que tinha encontrado no ano anterior.

– No ano passado foram o meu avô e o meu bisavô que falaram contigo, Vladimir – respondeu a mulher.

Fiquei admirado – a voz era jovem, a pronúncia muito clara, tratou-me logo por «tu» e ainda disse o meu nome.

Eu não me recordava do nome dos velhotes. Ter-nos-íamos apresentado? Pensei: «Certamente apresentámo-nos, uma vez que ela sabe o meu nome». Decidido também a tratá-la por «tu», perguntei:

– Como te chamas?

– Anastasia – respondeu a mulher. E estendeu-me a mão com a palma virada para baixo, como se fosse para ser beijada.

Achei engraçado aquele gesto de mulher da aldeia vestida com um casaco velho e galochas, na margem deserta do rio a tentar comportar-se como uma senhora de alta sociedade. Apertei-lhe a mão, claro que não a beijei.

Anastasia sorriu envergonhada e propôs-me que fosse com ela até à taiga, onde vivia a sua família:

– Mas é preciso caminhar vinte e cinco quilómetros pela taiga, isso não te incomoda?

– Bem, é bastante longe, respondi eu à mulher. E pensei para comigo «Ir pela taiga, onde não há caminhos, durante vinte e cinco quilómetros, não é simples. Deveria levar algum dos seguranças, mas para isso teria que alcançar o navio que partiu e não tenho nenhuma forma de comunicar com eles» Para não perder tempo decidi ir sozinho. Mas confirmei com a mulher:

– Podes mostrar-me o cedro ressoante?

– Posso.

– Sabes tudo sobre ele? Contas-me?

– Conto-te o que sei.

– Então, vamos.

Pelo caminho, perguntei a Anastasia há quanto tempo ela vivia isolada na taiga.

Anastasia contou-me que a sua família e os seus antepassados, de geração em geração, todos vinham vivendo na floresta de cedros. E isto, segundo o seu avô e bisavô, acontecia desde há milhares de anos. Contou-me ainda que muito raramente entravam em contacto com as pessoas da nossa sociedade civilizada, e que esses contactos ocorriam, não nos locais em que vivem permanentemente, mas sim quando iam aos lugares povoados, disfarçados de caçadores ou de moradores de outras povoações.

Anastasia estivera em duas cidades: Tomsk e Moscovo. E isto apenas por um dia[1], sem sequer passar lá a noite. Ela queria ver se não se enganara na sua ideia acerca do estilo de vida das pessoas da cidade. Tinha conseguido roupa e dinheiro para a viagem a vender bagas e cogumelos secos, e o passaporte tinha-lhe sido emprestado por uma mulher da aldeia.

Anastasia não concordava com a ideia do avô e do bisavô, de distribuir o cedro ressoante com as suas propriedades curativas, a muitas pessoas. Quando lhe perguntei porquê, ela respondeu-me que os pedacinhos do cedro seriam entregues tanto a boas como a más pessoas, e que o mais provável era que fossem apanhados na sua maior parte por indivíduos negativos para, no final, trazer mais malefícios do que benefícios. O mais importante, a seu ver, era ajudar o bem e as pessoas que fazem o bem. Ao ajudar todos, não se muda o desequilíbrio entre o bem e o mal, e pode ainda piorar-se a situação.

[1] Na Rússia, antes da *Perestroika*, era necessário ter uma espécie de visto para entrar e permanecer nas grandes cidades.

Depois do encontro com os velhotes tinha ido pesquisar a literatura de ciência popular, assim como uma série de obras históricas e científicas, nas quais se falava sobre as qualidades extraordinárias do cedro. Tentava agora entender o que Anastasia dizia sobre o estilo de vida das pessoas dos bosques de cedros e pensava: «O estilo de vida deles pode-se comparar com o quê ou com quem?»

Eu comparava-os à família Lykov[2], que penso ficou famosa principalmente através das publicações na imprensa. Era uma família que também tinha vivido muitos anos auto-suficiente na taiga.

Quando uns geólogos os descobriram por acaso, escreveram sobre eles nos jornais e eu tinha até memorizado um título: *«Beco da Sibéria»*. Falavam sobre eles em programas de televisão.

Após ler as publicações na imprensa, tinha ficado com a impressão de que os Lykov eram pessoas que conheciam bastante bem a Natureza, mas eram ignorantes em termos de educação e de compreensão da vida moderna. Aqui, a situação era diferente. Anastasia dava a impressão de ser uma pessoa muito bem informada sobre os problemas da nossa sociedade civilizada… parecia que sabia algo mais que eu não entendia muito bem. Ela debatia muito à vontade o tema da nossa vida citadina, conhecia-a.

Nós caminhámos uns cinco quilómetros, penetrando na floresta, e eu fiquei extremamente cansado porque não havia nenhum caminho e nem sequer um trilho, e tínhamos que passar por cima de árvores caídas e afastar ramos de arbustos. Mas como a mulher que seguia à minha frente não parecia sentir nenhum cansaço, não

[2] Lykov – uma família que viveu em isolamento auto-imposto na taiga, desconhecida para o mundo exterior durante a maior parte do período Soviético. Foram descobertos por um grupo de geólogos em 1978. A sua história é contada pelo jornalista da Komsomolskaia Pravda, Vasily Peskov no seu livro *Perdidos na taiga*.

me sentia à vontade para mostrar a minha fraqueza perante ela, propondo que parássemos para descansar.

Quando chegámos a uma pequena clareira, ao longo da qual corria um pequeno riacho, a mulher disse:

– Provavelmente estás cansado, verdade, Vladimir? Se quiseres, podemos descansar à beira deste pequeno riacho.

– Não estou muito cansado, mas está na hora de trincar alguma coisa – respondi, e sentei-me de imediato na erva da clareira, tirando de seguida da mochila as sandes e um frasco achatado com bom conhaque, propondo a Anastasia que bebêssemos. Mas ela recusou o conhaque e por alguma razão também não quis comer, dizendo-me:

– Eu não estou com fome nenhuma, come tu, enquanto eu tomo um banho de sol.

Após dizer isto, afastou-se uns três passos do sítio onde eu estava sentado, tirou o casaco, o lenço, a saia comprida e colocou-os na concavidade de uma árvore, ficando com um vestido curto e leve. Quando ela tirou o lenço que cobria a maior parte do rosto, eu quase me engasguei com o conhaque, de tão admirado com o que via. E quando ela ficou apenas com o leve vestido...

Se eu acreditasse em milagres classificava o que acontecera como algo da ordem da metamorfose.

Diante de mim apresentava-se uma mulher muito jovem de cabelos compridos e dourados, com uma figura magnífica. A sua beleza era invulgar. Era difícil imaginar qual das vencedoras dos concursos de beleza mais prestigiados poderia competir com ela pelo seu aspecto exterior e, como depois se revelou, pelo valor intelectual. Tudo naquela eremita siberiana era atraente e encantador.

Anastasia estava deitada sobre a erva, com os braços afastados e as palmas das mãos viradas para o sol, de olhos fechados em

deleite. Fiquei a olhar para ela como que enfeitiçado, e esqueci a comida.

Notoriamente sentindo o meu olhar fixo, ela virou a cabeça para o meu lado, sorriu levemente e fechou de novo os olhos.

O rosto dela não tinha maquilhagem, apenas traços perfeitos com a pele lustrosa, nada parecida com os rostos expostos à intempérie dos habitantes da Sibéria profunda, os olhos grandes cinzentos e bondosos e os lábios sorrindo levemente.

O seu vestido era curto e leve, um pouco parecido com uma camisa de noite, mas ela não dava a impressão de ter frio, apesar de a temperatura estar somente entre os 12 e os 15 graus.

O sol reflectia-se nas palmas das suas mãos douradas viradas para cima. Ela era maravilhosa e estava semi-nua.

Enquanto olhava para ela, os meus pensamentos e palavras confundiam-se. Tentava entender o que fazer e como agir, e pensava: «Para que é que ela se despiu? Para que é que se deitou na erva assim toda sedutora e bonita? Mas para que é que as mulheres em todas as épocas despem até ao limite as pernas ou o peito ou tudo de uma vez, com decotes e mini saias? Não é para chamar a atenção dos homens que as rodeiam? Como se dissessem: Olha, eu sou tão bela, tão aberta e acessível!... E o que resta aos homens fazer? Resistir à paixão da carne, e com isso rebaixar as mulheres com o seu desprezo, ou dar-lhes sinais de atenção?»

Naquela situação, que sinais de atenção eu deveria dar?

Eu e ela encontrávamo-nos na taiga sozinhos, o que significava que ali não eram precisas palavras, mas algo diferente. Tentar beijá-la? Ou será que ela quer mais do que isso? Perguntei:

– Anastasia, não tens medo de andar sozinha pela taiga?

Ela abriu os olhos, virou a cabeça para mim, sorriu e respondeu:

– Aqui nada tenho a temer, Vladimir.

– É interessante. Como é que te defenderias se te encontrasses com dois ou três homens, geólogos ou caçadores?

Ela não respondeu, apenas sorriu.

Pensei: «Como é que esta jovem beleza, incrivelmente sedutora, não tem medo de nada?»

Até hoje não consigo compreender o que aconteceu em seguida...

Cheguei-me perto de Anastasia, que estava deitada nas ervas, abracei-a pelos ombros e aproximei-a de mim. Ela não opunha muita resistência, embora eu sentisse que tinha bastante força no seu corpo firme. Fiquei um pouco estonteado com o aroma dos seus cabelos e a sua respiração, e tentei...

Mas não consegui fazer nada com ela. A última coisa de que me lembro, antes de perder os sentidos, foi dos seus olhos e das palavras que ela proferiu:

– Não, Vladimir, acalma-te!

Ainda antes disso, recordo-me de ter sido invadido por um pavor incrivelmente forte. Pavor não sabia de quê, como por vezes se tem na infância, quando se está só em casa e surge em nós um medo de alguma coisa.

Quando acordei ela estava de joelhos à minha frente. Uma das mãos estava pousada no meu peito, a outra acenando a alguém para cima e para os lados. Ela sorria, mas não para mim, parecia que era para alguém que invisivelmente nos rodeava ou se encontrava por cima de nós.

Era como se, com o seu gesto, mostrasse ao seu amigo invisível que nada de mal se passava com ela. Depois, olhou-me nos olhos tranquila e carinhosamente.

– Acalma-te, Vladimir, já passou tudo.

– Mas o que foi isto? – perguntei.

– A harmonia não aceitou a tua atitude para comigo, o desejo que surgiu em ti. Mais tarde, poderás entender tudo por ti mesmo.

– Que «harmonia» tem a ver com isto? Foste tu! Só tu é que começaste a resistir.

– Eu também não aceitei. Para mim foi desagradável.

Sentei-me e puxei o saco para junto de mim.

– Ora essa! Não aceitou! Fui ofensivo para ela... Oh, vocês, mulheres! Fazem tudo para seduzir. Destapam as pernas, põem o peito à mostra, andam de saltos altos. Não é cómodo andar de saltos altos, mas andam! Andam assim e abanam todos os atributos, mas assim que alguma coisa... «Ah, não preciso disso, eu não sou dessas»... Então para que é que se abanam? Hipócritas! Eu sou um empresário, já vi muitas mulheres de todos os géneros. Todas querem o mesmo, só se torcem é de maneiras diferentes. E tu, porque tiraste a roupa de cima? Nem está calor! Depois, deitaste-te nas ervas, caladinha, e ainda a sorrir assim...

– Não me sinto confortável com roupas, Vladimir. Visto-as quando saio da floresta para junto das pessoas, para me parecer com todos os outros. Deitei-me ao sol a descansar para não te incomodar enquanto comias.

– Não me querias incomodar... Mas incomodaste!

– Perdoa-me por favor, Vladimir. É claro que estás certo quando dizes que todas as mulheres querem que os homens lhes prestem atenção, mas não só às pernas e ao peito. Queremos que não passem por nós sem se dar conta daquele ser único que ali está, esperando que eles saibam ver mais do que isso.

– Mas aqui não passou ninguém sem se dar conta! E o que é preciso ver mais, se em primeiro plano estão chapadas as pernas? Oh como vocês mulheres são tão ilógicas!

– Aqui nada tenho a temer, Vladimir.

– É interessante. Como é que te defenderias se te encontrasses com dois ou três homens, geólogos ou caçadores?

Ela não respondeu, apenas sorriu.

Pensei: «Como é que esta jovem beleza, incrivelmente sedutora, não tem medo de nada?»

Até hoje não consigo compreender o que aconteceu em seguida...

Cheguei-me perto de Anastasia, que estava deitada nas ervas, abracei-a pelos ombros e aproximei-a de mim. Ela não opunha muita resistência, embora eu sentisse que tinha bastante força no seu corpo firme. Fiquei um pouco estonteado com o aroma dos seus cabelos e a sua respiração, e tentei...

Mas não consegui fazer nada com ela. A última coisa de que me lembro, antes de perder os sentidos, foi dos seus olhos e das palavras que ela proferiu:

– Não, Vladimir, acalma-te!

Ainda antes disso, recordo-me de ter sido invadido por um pavor incrivelmente forte. Pavor não sabia de quê, como por vezes se tem na infância, quando se está só em casa e surge em nós um medo de alguma coisa.

Quando acordei ela estava de joelhos à minha frente. Uma das mãos estava pousada no meu peito, a outra acenando a alguém para cima e para os lados. Ela sorria, mas não para mim, parecia que era para alguém que invisivelmente nos rodeava ou se encontrava por cima de nós.

Era como se, com o seu gesto, mostrasse ao seu amigo invisível que nada de mal se passava com ela. Depois, olhou-me nos olhos tranquila e carinhosamente.

– Acalma-te, Vladimir, já passou tudo.

– Mas o que foi isto? – perguntei.

– A harmonia não aceitou a tua atitude para comigo, o desejo que surgiu em ti. Mais tarde, poderás entender tudo por ti mesmo.

– Que «harmonia» tem a ver com isto? Foste tu! Só tu é que começaste a resistir.

– Eu também não aceitei. Para mim foi desagradável.

Sentei-me e puxei o saco para junto de mim.

– Ora essa! Não aceitou! Fui ofensivo para ela... Oh, vocês, mulheres! Fazem tudo para seduzir. Destapam as pernas, põem o peito à mostra, andam de saltos altos. Não é cómodo andar de saltos altos, mas andam! Andam assim e abanam todos os atributos, mas assim que alguma coisa... «Ah, não preciso disso, eu não sou dessas»... Então para que é que se abanam? Hipócritas! Eu sou um empresário, já vi muitas mulheres de todos os géneros. Todas querem o mesmo, só se torcem é de maneiras diferentes. E tu, porque tiraste a roupa de cima? Nem está calor! Depois, deitaste-te nas ervas, caladinha, e ainda a sorrir assim...

– Não me sinto confortável com roupas, Vladimir. Visto-as quando saio da floresta para junto das pessoas, para me parecer com todos os outros. Deitei-me ao sol a descansar para não te incomodar enquanto comias.

– Não me querias incomodar... Mas incomodaste!

– Perdoa-me por favor, Vladimir. É claro que estás certo quando dizes que todas as mulheres querem que os homens lhes prestem atenção, mas não só às pernas e ao peito. Queremos que não passem por nós sem se dar conta daquele ser único que ali está, esperando que eles saibam ver mais do que isso.

– Mas aqui não passou ninguém sem se dar conta! E o que é preciso ver mais, se em primeiro plano estão chapadas as pernas? Oh como vocês mulheres são tão ilógicas!

– Sim, infelizmente por vezes é assim que acontece na vida... Mas, e que tal se formos andando, Vladimir? Já acabaste de comer? Descansaste?

Surgiu-me o pensamento: «Será que vale a pena continuar a andar com esta filósofa selvagem? Ainda por cima ela é nitidamente detentora de algumas capacidades extraordinárias, uma vez que eu perdi os sentidos apenas ao tocar-lhe. Será que devia voltar para trás? Não, sozinho não consigo encontrar o caminho de volta ao rio. Preciso de continuar»

– Está bem, vamos – respondi eu a Anastasia.

CAPÍTULO 4



Animal ou pessoa?

Continuámos o caminho na direcção do lar de Anastasia. Ela deixou as suas roupas mesmo ali na concavidade da árvore, e colocou lá também as galochas. Ficou com o vestido curto e leve.

Pegou na minha mochila, depois de propor ajudar-me a levá-la.

Descalça, com um andar singularmente leve e gracioso, a beleza da taiga caminhava à minha frente abanando levemente a mochila, que carregava com uma mão.

Conversámos todo o tempo. Era muito interessante conversar com ela sobre quaisquer temas. Talvez fosse assim interessante, porque ela tinha ideias estranhas sobre tudo.

Por vezes, Anastasia fazia tropelias enquanto caminhava. Virava-se de frente para mim, falava, ria e andava para trás durante um bocado, completamente absorta na conversa, sem olhar onde punha os pés. Eu não percebia como era possível ela não ter tropeçado nem uma só vez, nem ter picado os pés descalços num dos muitos ramos secos. Não havia qualquer trilho visível no nosso caminho, mas também não existiam os habituais obstáculos da taiga.

Enquanto caminhava, ia tocando ou afagando, por vezes rapidamente, ora uma folha, ora um pequeno ramo de arbusto. Inclinando-se sem olhar, arrancava uma ervinha qualquer e... comia-a.

«Mesmo como um animalzinho» – pensei eu.

Quando apareciam bagas, Anastasia oferecia-mas, e eu também as comia ao andar.

O seu corpo não se distinguia por uma musculatura especial. Anastasia tem uma constituição média, sem ser magra ou gorda. O corpo bonito, bem alimentado e firme. No meu entender, tem bastante força e bons reflexos.

Quando eu tropecei e comecei a cair, pondo as mãos à frente, Anastasia voltou-se, veloz como um relâmpago, colocou a mão que tinha livre da mochila debaixo de mim, e eu caí mesmo por cima da palma dos dedos abertos da sua mão. Caí sem tocar com as minhas mãos no chão.

Ela suportou o meu corpo com a palma de uma só mão, e endireitou-o. Ao mesmo tempo continuava a falar, sem se esforçar nem um pouco.

Quando me endireitei com a ajuda da sua mão, continuámos a rota, como se nada tivesse acontecido. Pensei, por alguma razão, na pistola de gás que estava no meu saco.

Com toda a conversa interessante, sem nos darmos conta já tínhamos andado bastante. De repente, Anastasia parou, pôs o meu saco debaixo de uma árvore e exclamou alegremente:

– Cá estamos nós em casa!

Olhei em redor. Uma pequena clareira arranjada, flores por entre cedros majestosos, mas nenhuma construção. Não via nem uma pequena cabana. Nada mesmo! Nem a mais primitiva cabana para habitar ou passar a noite! E ela contente, como se tivéssemos chegado ao mais confortável lar.

– E a casa, onde está? Como dormir, comer, proteger-nos da chuva? – perguntei eu, mal contento a inquietação na minha voz.

– Esta é a minha casa, Vladimir. Aqui, há tudo.

Um sentimento sombrio de inquietação começou a apoderar-se de mim.

– Onde está tudo? Dá cá a chaleira, pelo menos para ferver água na fogueira. Dá-me um machado...

– Não tenho chaleira nem machado, Vladimir... Seria bom não acenderes uma fogueira...

– O que é que estás a dizer? Nem uma chaleira tu tens! Foste tu própria que me convidaste para tua casa, e a palavra casa entre as pessoas normais pressupõe uma construção com um tecto sobre a cabeça, na qual existe uma cozinha, pelo menos um quarto, provisões de comida. A água que eu tinha na garrafa acabou. Tu viste isso quando eu estava a comer, eu deitei a garrafa fora. Agora, só restam dois goles de conhaque. Até ao rio ou à aldeia é um dia de distância a pé, e eu estou tão cansado e cheio de sede! Onde vais buscar água? De onde bebes?

Vendo a minha agitação, Anastasia preocupou-se, pegou-me rapidamente na mão, e levou-me através da clareira para a floresta, dizendo pelo caminho:

– Não te preocupes, Vladimir! Por favor. Não te zangues. Eu farei tudo. Vais descansar. Vais dormir bem. Eu farei tudo. Não vais ter frio. Tens sede? Vou já dar-te de beber.

Apenas a dez ou quinze metros da clareira, por detrás dos arbustos, encontrámos um pequeno lago. Anastasia apanhou rapidamente água com as palmas da mão em concha, aproximando-as do meu rosto.

– Aqui está a água. Bebe, por favor.

– O quê, tornaste-te completamente selvagem? Como é que se pode beber simples água de uma poça qualquer da floresta? Viste que eu estava a beber «Borzhomi». No navio, até a água do rio para lavar é passada através de um filtro especial, desinfectada com cloro e ozonificada.

– Isto não é uma poça, Vladimir. Aqui, a água é pura e viva. Ela é boa! Não está meio morta como a que vocês usam. Esta água pode beber-se, é como o leite da mãe. Olha!

Anastasia levou as mãos aos seus lábios e bebeu a água.

Proferi abruptamente:

– Anastasia, és um animal?

– Porquê um animal? Porque a minha cama não é como a tua? Porque não tenho carro e outros objectos fabricados?

– Porque vives como um animal selvagem na floresta, não possuis nada e parece que até gostas!

– Sim, eu gosto de viver aqui.

– Estás a ver, acabas de o confirmar.

– Pensas, Vladimir, que a característica que distingue o ser humano das outras criaturas que vivem sobre a Terra é ter objectos manufacturados?

– Sim! Mais precisamente: viver de forma civilizada.

– Consideras que o teu estilo de vida é mais civilizado? Sim, é claro que pensas assim. Mas eu não sou um animal, Vladimir. Eu sou uma pessoa!

CAPÍTULO 5

Quem são eles?

Mais tarde, depois de ter passado três dias com Anastasia e de ter observado como aquela estranha jovem mulher vivia sozinha na remota taiga Siberiana, tentei compreender o sentido do seu modo de vida, comparando-o involuntariamente com o estilo de vida das pessoas que vivem nas grandes cidades.

Anastasia vive na floresta completamente só, não tem casa, quase não usa roupa e não guarda qualquer tipo de mantimentos. É descendente das pessoas que vivem aqui há milhares de anos, que representam literalmente uma outra civilização. Ela e os seus semelhantes resistiram até aos nossos dias com o auxílio, a meu ver, de uma decisão inteligentíssima, talvez a única atitude possível. Quando estão entre nós tentam não se evidenciar externamente das pessoas comuns, e nos lugares onde habitam misturam-se com a Natureza.

É difícil encontrar o local onde vivem permanentemente. A presença humana em tais lugares pode notar-se apenas porque está mais cuidado, mais bonito, como por exemplo, a clareira de Anastasia na taiga.

Anastasia nasceu aqui e é uma parte inseparável da Natureza. Ao contrário dos grandes eremitas que conhecemos, não se retirou apenas por algum tempo para a floresta. Ela nasceu na taiga e apenas

esporadicamente visita o nosso mundo. Encontrei depois uma explicação simples para o que parecia à primeira vista um fenómeno místico, quando eu tentava possuir Anastasia à força e inexplicavelmente tomou conta de mim um medo forte que me fez perder os sentidos – o ser humano pode domar um gato, um cão, um elefante, um tigre, um falcão... Aqui, TUDO em redor está domado. Este TUDO não pode permitir que suceda algo de mal com ela.

Anastasia contou-me que, quando ela tinha nascido e ainda não tinha sequer um ano, a mãe podia deixá-la sozinha um dia inteiro.

– E tu não esmorecias de fome? – perguntei.

A eremita da taiga olhou-me primeiro admirada, mas depois respondeu:

– Vladimir, o mundo foi criado originalmente de tal modo que o ser humano não necessitasse de gastar energia a pensar onde encontrar comida e que tipo de comida devia comer. Tudo em redor amadurece na sequência necessária para o ser humano. É preciso alimentar-se como se respira, sem dar atenção à comida, sem distrair o pensamento daquilo que é mais importante. O Criador entregou este problema a outros, para que o ser humano pudesse viver, cumprindo o seu propósito.

– Queres dizer então que centenas de milhões de pessoas do mundo civilizado, para se alimentarem como deve ser, vão trabalhar todos os dias em vão?

– O estilo de vida que escolheram é que as obriga a ir para o trabalho todos os dias.

– O que tem o estilo de vida a ver com isto? O estilo de vida dos camponeses e agricultores é diferente do citadino, mas também eles, para alimentar a família, trabalham de manhã à noite.

E também tu, para conseguires nem que seja uma semente de cedro, tens que empregar bastante esforço, penso eu, olha ali as

pinhas do cedro que se encontram na árvore, estão a uns dez metros de altura.

– Sim, estão lá no alto – concordou Anastasia – eu antes não pensava sobre isso. Fiz sempre como o avô me ensinou.

Ao pronunciar estas palavras, Anastasia levantou a mão direita e estalou os dedos. Passados dois ou três minutos apareceu ao lado de Anastasia, que estava sentada na erva, um esquilo fofo de cor encarniçada.

O bichinho começou a descascar rapidamente a pinha e a retirar de dentro dela as sementes de cedro e a colocá-las num montinho. Quando Anastasia estalou os dedos pela segunda vez, o esquilo tirou uma semente da sua casca e saltou agilmente para a palma da mão dela.

Anastasia aproximou o focinhito do animal da sua boca.

O esquilo passou da sua boca para a dela o grão da semente de cedro, saltou para fora da mão e pôs-se a descascar a semente de cedro seguinte.

Entretanto já se encontravam no chão mais de dez outros esquilos com pinhas de cedro entre as patas da frente, e o seu número aumentava rapidamente. Anastasia bateu com a palma da mão sobre a erva a um metro do lugar onde eu estava sentado. Todos os esquilos começaram a descascar as pinhas e a colocar as sementes no lugar indicado. Ao preparar uma pinha, cada esquilo afastava-se para apanhar outra. Passados alguns minutos, tinha-se formado à minha frente um monte de sementes de cedro.

A princípio, esta imagem pareceu-me inverosímil, mas depois lembrei-me da Cidade Académica de Novosibirsk, cujos edifícios habitacionais estão construídos no meio de um pinhal onde há muitos esquilos acostumados às pessoas. Os esquilos pedem comida aos habitantes quando eles passeiam e até se enfurecem quando

esta não lhes é oferecida. Neste caso, eu simplesmente observava o processo contrário. Disse a Anastasia:

– No mundo normal, no nosso mundo, tudo é diferente. Experimenta estalar os dedos perto de um quiosque comercial. Até podes tocar tambores, que não te dão nada! Mas tu dizes: «O Criador decidiu tudo.»

– Quem é que tem a culpa de o ser humano ter decidido mudar a Criação d'Ele? Se a mudança foi para melhor ou para pior, tenta entender tu mesmo, Vladimir.

Assim decorreu o diálogo com Anastasia sobre a alimentação. A sua posição é simples – é um pecado desperdiçar o pensamento naquilo que está disponível desde o início. O estilo de vida artificial do ser humano é que cria os problemas. Resulta que a eremita Anastasia, ao viver na taiga, não pensava nem um pouco sobre a alimentação, não desperdiçando assim energia física nem mental nesse assunto. Ao mesmo tempo, ela recebia alimentos ecologicamente limpos e idealmente equilibrados para o seu organismo. E nós, no mundo civilizado, temos não só que pensar na alimentação, mas também de trabalhar para ela de manhã à noite e ainda por cima obtemos produtos de qualidade questionável.

Nós estamos habituados ao nosso mundo, chamamo-lo de civilizado. Mas será que as pessoas da civilização actual não se esqueceram da existência de uma vida diferente, em harmonia com a natureza? Que patamar poderia alcançar a humanidade se tivesse dedicado os milénios do seu desenvolvimento, não ao mundo artificial, mas ao natural?

Conhecemos muitos exemplos da literatura, da imprensa e de programas de televisão, de bebés que por acidente foram parar ao meio da Natureza selvagem e foram amamentados por lobas. Aqui, as gerações vivem permanentemente em harmonia com o que as

rodeia e a sua relação com o mundo animal é diferente da nossa. Perguntei a Anastasia:

– Como é que não tens frio, enquanto eu estou de casaco vestido?

– Porque – respondeu ela – o organismo das pessoas que se cobrem de roupas e se escondem do frio e do calor perde cada vez mais a capacidade de se adaptar às mudanças do meio ambiente. Em mim, esta característica do organismo humano não se perdeu, por isso, não preciso especialmente de roupa.

CAPÍTULO 6



Um quarto na floresta

Eu não tinha comigo equipamento para dormir na floresta selvagem. Anastasia deitou-me numa espécie de toca ou gruta. Exausto, depois do duro percurso, adormeci depressa e profundamente. Quando acordei tinha uma sensação de felicidade e conforto, como se tivesse estado deitado numa cama extraordinariamente confortável.

A toca ou gruta era espaçosa, forrada com ramos de cedro pequenos e fofos, e ervas secas que enchiam o ar com um aroma agradável.

Quando me espreguicei estiquei os braços e, com uma mão, toquei uma pele de pêlo fofo, tendo por isso pensado que Anastasia fazia alguma espécie de caça. Cheguei-me para mais perto da pele, encostando as costas ao quentinho e decidi dormitar mais um pouco.

Anastasia estava na entrada do meu quarto de dormir da taiga e, vendo que eu tinha acordado, disse imediatamente:

– Que o dia de hoje te seja abençoado, Vladimir. Saúda-o também com a tua bondade. Mas, por favor, não te assustes.

Ela bateu as palmas e a «pele»... Horrorizado percebi que não era uma pele! Da toca começou a deslocar-se cuidadosamente um urso enorme. Quando recebeu uma palmadinha de aprovação de

Anastasia, o urso lambeu-lhe a mão e afastou-se pela taiga. Ela tinha posto na minha cabeceira algumas ervas soporíferas e pôs o urso a dormir ao meu lado para que eu não tivesse frio. Enquanto isso, ela dormira enrolada à entrada do lado de fora.

– Como é que pudeste fazer-me uma coisa destas, Anastasia? Ele podia ter-me arranhado ou esmagado!

– Não é «ele», é «ela» – é uma ursa! Ela não poderia fazer-te mal – respondeu Anastasia – é muito obediente. Tem muito prazer em receber tarefas e cumpri-las. Nem se mexeu durante toda a noite. Encaixou o nariz nos meus pés e ficou imóvel, estava muito feliz. Só se assustou um pouco quando tu durante o sono abriste os braços e lhe deste uma palmada nas costas.

CAPÍTULO 7



A manhã de Anastasia

Anastasia deita-se ao entardecer numa das aberturas feitas pelas criaturas da floresta, mais frequentemente na toca do urso. Quando o tempo está ameno ela pode dormir até mesmo sobre as ervas. A primeira coisa que faz ao acordar é alegrar-se exuberantemente com o nascer do Sol, com os novos brotos que surgem nos ramos, com os novos rebentos que saem da terra. Toca-os com as mãos, acaricia-os, de vez em quando ajusta alguma coisa. Depois, corre para junto das árvores pequenas, dá-lhes palmadinhas no tronco, e da copa estremecida cai por cima dela algo que parece poeira ou orvalho. Em seguida deita-se nas ervas, espreguiça-se e torce-se, feliz, durante uns cinco minutos. Todo o corpo fica coberto com uma espécie de creme húmido.

A seguir corre e salta para dentro de um pequeno lago, chapinha e mergulha. Mergulha bem!

A relação com o mundo animal que a rodeia é parecida com a relação do ser humano com os animais domésticos.

Durante a sua rotina matinal, muitos deles observam Anastasia. Os animais não se aproximam, mas basta ela olhar para qualquer um deles e chamá-lo com um gesto quase imperceptível, que o feliz contemplado salta do lugar e atira-se aos seus pés.

Vi como ela de manhã fazia palhaçadas, brincando com a loba, como se fosse um cão doméstico.

Anastasia deu uma palmada no dorso da loba e pôs-se a correr velozmente. A loba correu a apanhá-la, e quando já estava perto, Anastasia de repente saltou em movimento, empurrando durante o salto o tronco de uma árvore com os dois pés, e desatou a correr em direcção contrária.

A loba, com a inércia, correu para lá da árvore, virou-se e correu atrás de Anastasia que dava gargalhadas.

Anastasia nunca se preocupa com a roupa, nem com a comida. Anda a maior parte do tempo semi-nua ou nua. Alimenta-se de pinhões de cedro, de uma ou outra erva, de bagas e de cogumelos. Come apenas os cogumelos secos. Nunca apanha cogumelos nem pinhões e não faz provisões, nem sequer para o Inverno, sendo tudo preparado pelos inúmeros esquilos que por ali habitam. Nada há de extraordinário no facto de os esquilos fazerem provisões para o Inverno, eles agem assim em toda a parte, guiados pelo seu instinto. O que me surpreendeu foi outra coisa – quando Anastasia estala os dedos, os esquilos que se encontram por perto fazem uma corrida, tentando saltar para a mão estendida dela e dar-lhe o miolo do pinhão já descascado. E quando Anastasia dá uma palmada no seu joelho levantado, ou com a mão na terra, os esquilos fazem um som, como que a chamar e a alertar os outros, e começam a trazer e a colocar nas ervas diante dela cogumelos secos e outras provisões. E fazem-no, pareceu-me, com grande prazer. Pensei que ela os domesticava, mas Anastasia disse que eles agem como que por instinto e é a própria mãe esquilo que ensina os esquilinhos com o seu exemplo.

– Talvez anteriormente algum dos meus antepassados os tenha ensinado, contudo, o mais provável é que seja esse simplesmente

o seu propósito. Cada esquilo faz provisões para o Inverno numa quantidade algumas vezes superior à que ele mesmo poderia comer.

– À minha pergunta: «Como é que não congelas durante o Inverno sem as roupas adequadas?» – Anastasia, respondeu com outra pergunta:

– Por acaso no vosso mundo não existem exemplos de seres humanos com capacidade de resistir ao frio sem usar roupas?

Lembrei-me do livro de Porfiryi Ivanov[1] que, com qualquer temperatura, andava em calções e descalço, sem se importar com o frio e o gelo. O livro também descrevia como os fascistas, querendo testar a sua resistência, lhe deitavam água por cima quando faziam vinte graus negativos, e o levavam nu a andar de mota.

Na infância, Anastasia podia usufruir do leite de diferentes animais, para além do leite da mãe. Estes permitiam livremente que ela chegasse às suas tetas. Anastasia não faz da comida um ritual e nunca se senta propositadamente para comer. Enquanto caminha, arranca uma baga ou o rebento de uma planta e continua a sua actividade.

No final da estada de três dias no lar de Anastasia, eu já não podia relacionar-me com ela como no início do encontro. Depois de tudo o que vi e ouvi, Anastasia tornou-se para mim uma espécie de criatura... não um animal selvagem, porque o seu nível intelectual é bastante elevado e a sua memória...– a sua memória é tal, que nunca esquece o que alguma vez viu ou ouviu. Por vezes, parecia que as suas capacidades se encontravam para além dos limites da

1 Porfiryi Ivanov (1899–1983), famoso defensor da vida saudável através da proximidade com a Natureza. Aos trinta anos curou-se de cancro expondo-se a temperaturas extremamente baixas e limpeza espiritual. Depois de décadas de experimentação, formulou um conjunto de doze princípios éticos e práticos para uma relação saudável e harmoniosa com a Natureza no seu popular *Detka* (à letra bebé) e teve bastantes seguidores.

compreensão de uma pessoa comum. Mas esta minha atitude em relação a ela entristecia-a e incomodava-a.

Em contraste com certas pessoas que conhecemos com capacidades fora do vulgar, que se deixam envolver numa aura de mistério e exclusividade, ela tentava sempre esclarecer e desvendar o mecanismo das suas capacidades e provar que nela nada existe de sobrenatural, que ela é uma pessoa – uma mulher – pedindo-me a toda a hora para me dar conta disto. Eu tentava ter isto presente, fazendo um esforço para encontrar uma explicação para aquele fenómeno extraordinário, tentando raciocinar sobre isso.

O cérebro das pessoas da nossa civilização está sempre a trabalhar para, de todos as formas possíveis, desenvolver a vida quotidiana a fim de obter alimentos para comer, recursos para organizar a sua vida diária e satisfazer os impulsos sexuais. No mundo de Anastasia nenhum tempo se perde com estas coisas. Mesmo as pessoas que se encontram em situações como os Likovy[2] precisam de se ocupar todo o tempo com a alimentação e forma de abrigo. A Natureza não os ajuda tanto como na situação de Anastasia.

Há muitas tribos que vivem longe da civilização e também não têm este contacto. Anastasia explicava que os pensamentos deles não eram suficientemente puros, e que a Natureza e o mundo animal o sentiam.

2 Referenciado no Capítulo 2: O *encontro*.

CAPÍTULO 8

O pequeno raio de Anastasia

O que me pareceu mais extraordinário e místico enquanto estive na floresta, foi a capacidade de Anastasia ver à distância determinadas pessoas e as situações em que se encontravam. Talvez outras pessoas tivessem a mesma capacidade.

Ela fazia isto com a ajuda de um pequeno raio invisível, e afirmava que ele existe em cada ser humano, mas que as pessoas o desconhecem e, por isso, não sabem utilizá-lo.

– O ser humano ainda nada inventou que não exista já na Natureza. A tecnologia que permite que exista a televisão é apenas uma pobre imitação das capacidades deste pequeno raio.

Uma vez que o raio é invisível, eu não acreditei nele, embora ela tivesse tentado várias vezes demonstrar e explicar como funcionava e encontrar provas e explicações simples. Então, um dia...

– Diz-me, Vladimir, o que é para ti sonhar acordado? Há muitas pessoas que conseguem fazê-lo?

– Sonhar acordado, creio que muitos conseguem. Sonhar acordado é quando uma pessoa se imagina num futuro desejado.

– Muito bem. Significa então que não negas que uma pessoa tem a capacidade de moldar o seu futuro e diferentes situações específicas?

– Não nego.

– E o que é a intuição?

– A intuição... é talvez... sinto que é quando uma pessoa não está propriamente a analisar o que pode acontecer e como, mas certos sentimentos dão-lhe a entender como deve actuar.

– Então quer dizer que não negas a existência no ser humano de algo que o ajuda, para além das habituais propostas analíticas, a determinar as suas acções e as dos outros?

– Suponhamos que não nego.

– Óptimo! Muito bem! – exclamou Anastasia. – Agora, os sonhos! O sonho, o que é? Os sonhos que a maioria das pessoas têm enquanto dormem.

– Um sonho é... Não sei o que é! Um sonho é simplesmente um sonho.

– Está bem, está bem. Que seja simplesmente um sonho. Quer dizer que não negas a sua existência? Tu e outros sabem que uma pessoa no estado de sono, quando o corpo quase não é controlado pela parte consciente, pode ver pessoas e diferentes situações?

– Isso, penso que ninguém pode negar.

– Mas durante o sono as pessoas podem ainda conviver, conversar e ter sentimentos de empatia.

– Sim, podem.

– E o que pensas, uma pessoa pode controlar o seu sonho? Invocar enquanto dorme imagens e acontecimentos que deseja ver? Como na televisão comum, por exemplo?

– Não penso que alguém consiga fazer isso. O sonho chega como por si...

– Enganas-te. O ser humano pode controlar tudo. Ele foi concebido mesmo para controlar tudo.

O pequeno raio de que te falo é constituído pela informação que existe no ser humano, de forma concentrada – pela imaginação, intuição, estados de espírito e, consequentemente, pelas visões semelhantes ao sonho que são controláveis pela vontade do ser humano.

– Como é que se pode controlar um sonho, estando a dormir?

– A dormir não, pode ser enquanto se está acordado. Como se o programasses antecipadamente e com uma precisão absoluta. O sonho acontece de forma caótica durante o sono, pois o ser humano perdeu a maior parte das capacidades, a de conduzir os fenómenos naturais e a si próprio. Decidiu, portanto, que o sonho é simplesmente um produto acidental do cérebro cansado. Na verdade, quase todas as pessoas na Terra perderam essa capacidade... Se quiseres, tento ajudar-te agora mesmo a ver alguma coisa à distância.

– Tenta!

– Deita-te nas ervas, descontrai-te para que o corpo absorva menos energia. É preciso que estejas confortável. Não está nada a incomodar-te? Agora, pensa na pessoa que conheces melhor, por exemplo, a tua mulher. Lembra-te dos seus hábitos, do modo de andar, das roupas e onde, segundo pensas, ela pode estar agora – vê tudo na tua imaginação.

Eu recordei a minha mulher, sabendo que ela naquele momento poderia encontrar-se na nossa casa de campo. Imaginei a casa, alguns objectos e a forma como estavam dispostos. Lembrei-me de muitas coisas em pormenor, mas não vi nada. Disse isso a Anastasia, ao que ela respondeu:

– Não estás a conseguir descontrair totalmente, faz como se estivesses a adormecer. Eu ajudo-te. Fecha os olhos. Afasta os braços do corpo.

Depois senti o toque dos dedos dela nos meus. Comecei a entrar em estado de sono ou de vigília...

...Ali estava a minha mulher de pé, na cozinha da casa de campo. Por cima do roupão habitual tinha vestido um casaco de malha. Quer dizer que está frio em casa! Outra vez, problemas com o sistema de aquecimento!

A minha mulher estava a preparar café no fogão a gás e ainda algo mais na caçarola de barro. O rosto dela estava carrancudo e infeliz. Os movimentos eram indolentes. De repente, levantou a cabeça e, com um passo leve, aproximou-se da janela, olhou para a chuva e sorriu. O café transbordou no fogão, ela pegou no fervedor com o café a entornar, no entanto não fez caretas e não se irritou como de costume. Tirou o casaco...

Nisto, acordei.

– Viste alguma coisa? – perguntou Anastasia.

– Vi. Mas pode ser que tenha sido um sonho normal?

– Como pode ser normal? Não planeaste ver precisamente a tua mulher?

– Sim, planeei. E vi-a. Mas onde está a prova de que ela estava ali mesmo, na cozinha, no momento em que eu a vi?

– Fixa este dia e esta hora, Vladimir, se o queres comprovar. Quando chegares a casa, pergunta-lhe. Não notaste mais nada fora do normal?

– Nada.

– Por acaso não viste um sorriso no rosto dela, quando se aproximou da janela? Ela sorriu e não se aborreceu com o café entornado.

– Ah, sim, reparei nisso. Talvez tenha visto alguma coisa boa que a tenha alegrado.

– Ela viu apenas chuva. A chuva de que nunca gosta.

– Então porque é que ela sorria?

– Eu também estava a olhar para a tua mulher com o meu pequeno raio e aqueci-a.

– Quer dizer que o teu pequeno raio a aqueceu, e que o meu é frio?

– Tu estavas a olhá-la apenas por interesse, sem empregares sentimentos.

– Significa que o teu pequeno raio pode aquecer uma pessoa à distância?

– Sim, pode.

– E que mais pode fazer?

– Pode obter ou transmitir determinada informação, melhorar a disposição de uma pessoa e libertar parcialmente uma pessoa das doenças, e muitas coisas diferentes, dependendo da energia que se tenha, da força dos sentimentos, da vontade e do desejo.

– E o futuro – consegues ver?

– Claro!

– O passado também?

– O futuro e o passado são quase a mesma coisa. A diferença está apenas nos detalhes externos. O essencial permanece imutável.

– Como? O que pode permanecer imutável?

– Por exemplo, há mil anos, as pessoas tinham outro vestuário. Utilizavam outros objectos no dia-a-dia. Mas isto não é o mais importante. Há mil anos, assim como agora, as pessoas tinham os mesmos sentimentos. Os sentimentos não estão sob o poder do tempo – medo, alegria, amor. Imagina Iaroslav o Sábio[1], Ivan o

[1] Iaroslav, o Sábio, em Russo Iaroslav *Mudryi* (978?-1054), Grande Príncipe de Kiev, conseguiu impor um grau de unidade entre os príncipes que guerreavam naquela que era a Rússia de Kiev, consolidar as suas fronteiras a Sul e a Oeste e estabelecer ligações de dinastia com várias Nações Europeias.

Terrível[2] ou os Faraós do Egipto, podiam amar uma mulher exactamente com os mesmos sentimentos que tu ou qualquer outro homem de hoje.

– É interessante. Mas não percebo. Afirmas que qualquer pessoa pode ter um raio desses?

– Claro que sim. Mesmo hoje em dia as pessoas ainda têm sentimentos, intuição, capacidade de sonhar o futuro acordadas, de conjecturar e visualizar situações específicas, de ter sonhos enquanto dormem, embora tudo isto de uma forma caótica e descontrolada.

– Será então necessário treinar-se? Desenvolver algum tipo de exercícios?

– Isso pode fazer-se com a ajuda de exercícios. Mas sabes, Vladimir, há uma condição essencial, para que o pequeno raio seja controlado pela vontade...

– Que condição é essa?

– É imprescindível ter sentimentos puros. A força do raio depende da força dos sentimentos luminosos.

– Ora essa! Já estava tudo a ficar tão claro... O que têm a ver os pensamentos puros com isto? Que sentimentos luminosos?

– Eles são a energia do raio...

– Chega, Anastasia, isso já não é interessante. Depois disto ainda vais acrescentar mais alguma coisa...

– Já disse tudo o que é essencial.

– Dizer, disseste, mas existem demasiadas condições! Vamos lá falar sobre outra coisa. Alguma coisa mais simples...

[2] Ivan, o Terrível, em Russo: Ivan IV, Ivan Groznyi (1530-1584), o primeiro Grande Príncipe Russo que se proclamou a si mesmo *Czar de Todas as Rússias*. O seu reinado foi marcado por repressão sangrenta de rivais políticos e aristocratas abastados, relações fortalecidas com a Inglaterra, reformas políticas, sociais e a expansão do Império Russo para Este.

***

Durante todo o dia Anastasia ocupa-se a pensar, a visualizar variadíssimas situações do nosso passado, presente e vida futura.

Anastasia é detentora de uma memória prodigiosa. Lembra-se de imensas pessoas que viu em pensamentos ou através do seu raio, e dos seus sentimentos internos. Como actriz genial, pode imitar o modo como caminham, falam e até mesmo pensar como elas. Ela concentra o pensamento na experiência de vida de muitas pessoas do passado e do presente. Utiliza esse conhecimento, visualiza o futuro e ajuda os outros. Fá-lo a grande distância com o auxílio do raio invisível, e aqueles a quem ela presta ajuda em forma de sugestão ou resolução, ou que são curados por ela, não se dão conta nem desconfiam que estão a ser ajudados.

Só mais tarde é que eu soube que tais raios, imperceptíveis aos nossos olhos e com intensidades diferentes, emanam de todas as pessoas. O Académico Akimov[3] fotografou-os com a ajuda de aparelhos especiais e publicou fotografias destes raios em 1996, na edição de Maio da revista «Milagres e Aventuras» (*Tchudesa i Prikliuchenia*). Infelizmente nós não podemos fazer uso destes raios, como ela. No mundo da ciência, fenómenos semelhantes ao raio são chamados *campos de torsão*.

***

A visão do mundo de Anastasia é peculiar e interessante.

– O que é Deus, Anastasia? Ele existe? Se existe, então por que ninguém O vê?

[3] Anatoly Evgenievich Akimov, Director do Instituto Internacional de Físicas Teóricas e Aplicadas da Academia de Ciências Naturais da Rússia.

– Deus é a Consciência ou Inteligência interplanetária. Ele encontra-se fora da matéria. Metade d'Ele encontra-se no campo imaterial do Universo. É o conjunto de todas as energias. A outra metade está dispersa em partículas e concentrada na Terra, em cada ser humano. As forças das trevas lutam por bloquear estas partículas.

– O que pensas que espera a nossa civilização?

– A médio prazo está compreender a inviabilidade do caminho tecnocrata e o movimento de regresso às origens.

– Queres dizer que todos os nossos estudiosos são seres subdesenvolvidos que nos levam para um beco sem saída?

– Quero dizer que através deles o processo se acelera, assim como a consciência do caminho errado.

– Então construímos todas as máquinas, carros e casas em vão?

– Sim.

– Anastasia, não te aborreces de viver aqui sozinha, sem televisão nem telefone?

– Que coisas primitivas enumeraste! O ser humano tem tudo isso desde o início, mas de uma forma mais perfeita. Eu também o tenho.

– Televisão e telefone?

– Afinal, o que é a televisão? Um aparelho de que necessitas para que a imaginação atrofiada receba determinada informação, construindo imagens e enredos. Eu posso desenhar qualquer enredo com a ajuda da minha imaginação, qualquer imagem, construir as mais incríveis situações, e ainda por cima, participar nelas e influenciar os enredos. Oh! Se calhar não falei muito claramente, não foi?

– E o telefone?

– Uma pessoa pode falar com outra sem a ajuda do telefone, para isso são necessários apenas vontade, desejo dos dois e uma imaginação desenvolvida.

CAPÍTULO 9

Concerto na Taiga

Propus a Anastasia que fosse a Moscovo e aparecesse na televisão.

– Imagina, Anastasia, com a tua beleza podias ser modelo fotográfico ou manequim de nível mundial.

Neste instante, apercebi-me de que ela não precisava de nada que fosse mundano e ao mesmo tempo, como qualquer mulher, gostava de ser bonita. Anastasia riu-se:

– A mais bonita de todas, eh? – perguntou-me e começou a brincar como uma criança, andando pela clareira, imitando uma modelo a andar na passerelle. Eu achei graça ao modo como ela imitava uma modelo, colocando um pé em frente do outro, caminhando e mostrando os acessórios imaginários. Aplaudi e entrei na brincadeira, anunciando:

– Agora, prezado público, a vossa atenção, por favor! Perante vós está a mais formidável e magnífica ginasta de incomparável beleza, Anastasia!

Este anúncio alegrou-a ainda mais, correu para o centro da clareira e executou um incrível salto mortal, primeiro para a frente, depois para trás, para a direita, para a esquerda, e depois deu um salto muito alto. Agarrou com uma mão um tronco de árvore, balançou-se duas vezes e lançou o corpo para outra árvore. De novo,

com um salto mortal correu para o centro da clareira, escondendo-se atrás de uns arbustos, espreitou sorrindo como se estivesse atrás da cortina e esperasse impacientemente o novo anúncio. Lembrei-me de uma cassete de vídeo com uma gravação das minhas canções favoritas interpretadas por cantores famosos. Por vezes, ao serão, eu via-a na minha cabina a bordo do navio. Tinha esta cassete gravada na minha memória e, sem sequer pensar que Anastasia poderia reproduzir alguma coisa, anunciei:

– Respeitável público, vamos apresentar os melhores solistas da música pop actual, interpretando as suas melhores composições. A vossa atenção, por favor!

Oh, como me tinha enganado ao não acreditar nas capacidades dela! A seguir aconteceu algo... que seria impossível supor! Anastasia, assim que deu um passo em frente saindo da cortina improvisada, começou a cantar com a voz de Alla Pugachova[1] Não, ela não parodiava a grande cantora, não imitava a sua voz, mas cantava livremente, transmitindo não apenas a voz e a melodia, mas também os seus sentimentos.

No entanto, o mais impressionante era que Anastasia acentuava certas palavras, acrescentando algo próprio, trazendo à canção traços complementares e a canção de Alla Pugachova, que aparentemente seria impossível de ultrapassar, invocava agora uma nova gama de sentimentos, iluminando mais claramente as imagens. Por exemplo, nas palavras brilhantemente interpretadas:

[1] Alla Borisovna Pugachova (1949), uma das mais populares cantoras de palco e televisão da Rússia do Século XX. Recebeu muitos prémios internacionais. Pugachova, conhecida como uma «lenda nacional Russa», faz muitas tournées pelo estrangeiro, incluindo Canadá e América. A sua Companhia *Alla* cresceu a partir do *Teatro da Canção de Alla Pugachova*, do qual é Directora Artística desde 1988.

Era uma vez um pintor,
Tinha uma casa e telas.
Mas ele amava uma actriz,
Aquela que adorava flores.
Então vendeu a casa,
Vendeu os quadros e as telas
E com todo o dinheiro comprou
Um mar inteiro de flores.

Anastasia acentuou a palavra «tela».

Admirada e assustada, ela gritou esta palavra. Precisamente a tela, a posse mais preciosa para um pintor, sem a qual este não pode criar, e entrega-a pela sua amada! Depois, enquanto cantava as palavras «para longe o comboio a levou», ela representou o pintor como uma pessoa apaixonada, a olhar para o rasto de um comboio que se afastava e levava para sempre a sua amada. Representou a dor, o desespero e o sentimento de estar perdido!

Ainda a estremecer com o que vira e ouvira, eu não aplaudi no final da canção. Anastasia, fazendo uma vénia, esperou pelos aplausos e, como não os ouviu, começou uma nova canção com grande entrega. Interpretou por ordem todas as minhas canções preferidas, que tinham sido gravadas na cassete de vídeo. E todas estas canções, que eu tinha ouvido tantas vezes, eram agora mais brilhantes e expressivas na sua interpretação.

Após apresentar a última canção e mais uma vez não ouvindo aplausos, Anastasia dirigiu-se à sua «cortina». De novo boquiaberto, fiquei sentado mais um pouco, sob o efeito da impressão que me causara. Depois, saltei, aplaudi e gritei:

– Fabuloso, Anastasia! *Encore*! Bravo! Todos os intérpretes ao palco!

Anastasia caminhou cuidadosamente e fez uma vénia. Eu continuava a gritar.

– *Encore*! Bravo! – batia com os pés no chão ao mesmo tempo que batia palmas.

Ela também se alegrou. Bateu palmas e gritou:

– *Encore*, significa «mais»?

– Sim, mais! E mais! E mais!... Cantas tão bem, Anastasia! Melhor que eles próprios!

Nisto calei-me e comecei a observar Anastasia com atenção. Pensava no quão multifacetada devia ser a sua alma, uma vez que podia trazer tanto de novo, belo e luminoso a canções que aparentemente já tinham sido idealmente interpretadas.

Também imóvel, ela olhava-me com ar de interrogação. Então perguntei-lhe:

– Anastasia, tens alguma canção tua? – poderias cantar algo que eu nunca tenha ouvido antes?

– Sim, mas a minha canção não tem palavras. Será que vais gostar?

– Por favor, canta a tua canção.

– Está bem.

Ela começou a cantar a sua canção invulgar. Anastasia primeiro gritou, como um bebé recém-nascido, seguidamente a sua voz soou baixinho, suave e carinhosa.

Ela estava de pé debaixo de uma árvore, com as mãos encostadas ao peito, a cabeça inclinada, como se embalasse e acarinhasse um bebé com a sua voz, dizendo-lhe algo de muito amoroso. Por causa desta voz, impressionantemente pura, tudo ficou em silêncio: os pássaros, as cigarras e os insectos nas ervas.

Depois, foi como se Anastasia rejubilasse com o bebé que acordara. O som da alegria transparecia na voz. Sons incrivelmente agudos pairavam sobre o chão e levantavam voo no infinito.

A voz de Anastasia ora implorava a alguém, ora entrava numa luta ora, de novo, acarinhava um bebé e oferecia felicidade a tudo o que a rodeava...

Senti-me também completamente invadido de felicidade. Quando ela terminou a canção, exclamei alegremente:

– Agora, senhoras e senhores, a apresentação exclusiva de um número inimitável da única domadora mundial! A mais ágil, corajosa e encantadora, capaz de dominar qualquer predador! Vejam e estremeçam!

Anastasia até soltou um guinchou de entusiasmo. Saltou, bateu as palmas de forma rítmica, gritou qualquer coisa e assobiou. Na clareira começou a acontecer algo indescritível.

Primeiro apareceu a loba. Saltou por detrás dos arbustos e deteve-se no limite da clareira, olhando intrigada em volta. Nas árvores em redor da clareira, passando de ramo em ramo, saltavam esquilos. Dois falcões voavam baixo e nos arbustos estremeciam uns animaizinhos quaisquer.

Ouviu-se o estalar de ramos secos; afastando e levantando arbustos, surgiu correndo pela clareira um urso enorme que parou perto de Anastasia, como se tivesse ficado enterrado na terra. A loba uivou-lhe em desacordo porque, pelos vistos, o urso chegou-se muito perto, sem ter sido convidado para tal.

Anastasia correu para o urso, esfregou-lhe o focinho, pegou-lhe nas patas da frente e pô-lo na vertical. A julgar pelo facto de que ela não empregava força física considerável, o urso cumpria as indicações dela, dependendo de como e quanto as entendia. O animal ficou em pé sem se mover, tentando perceber o que lhe era pedido.

Anastasia começou a correr, saltou alto, segurou-se ao pêlo do pescoço do urso, fez o pino e pulou de novo, fazendo uma pirueta no ar. Então, agarrou o urso pela pata e começou a inclinar-se,

puxando-o e dando a impressão de que o lançava por cima de si. O urso primeiro ia a cair sobre Anastasia, mas no último momento apoiou-se com as suas patas no chão e fez, provavelmente, todo o possível para não magoar a sua dona ou amiga.

A loba, cada vez mais preocupada, já não conseguia permanecer no mesmo lugar e andava de um lado para o outro, rosnando insatisfeita. Na extremidade da clareira apareceram mais alguns lobos, e quando Anastasia «lançou» o urso, mais uma vez, por cima de si, tentando ainda que ele passasse sobre a sua cabeça, ele caiu de lado e ficou imóvel.

Finalmente, enervada e expressando a sua zanga, a loba deu um salto na direcção do urso.

Veloz como uma seta, Anastasia pôs-se em frente da loba e esta, travando com as quatro patas, deu uma cambalhota e foi bater nos pés de Anastasia, que colocou logo uma mão sobre o lombo da loba, firmada no chão, obediente. Com a outra mão acenava, como na ocasião em que eu a quis abraçar sem ter autorização.

Sem ser de forma ameaçadora, mas agitada, a floresta sussurrava. A excitação sentia-se nos grandes e pequenos animais que saltavam, corriam e se escondiam. Anastasia começou a retirar a agitação. Primeiro afagou a loba, deu-lhe uma palmadinha no lombo e mandou-a embora, como se faz a um cão. O urso estava deitado de lado numa posição incómoda, como se fosse um fantoche. Provavelmente esperava para ver o que lhe ia ser pedido. Anastasia chegou perto dele, fê-lo levantar, fez-lhe uma festa no focinho e mandou-o embora da clareira, assim como à loba.

Corada e alegre, Anastasia correu e sentou-se ao meu lado. Inspirou fundo e expirou lentamente. Notei que a sua respiração ficou logo normal, como se não tivesse feito aquele extraordinário exercício físico.

– Eles não entendem hipocrisia, nem é necessário que entendam, não é muito bom – observou Anastasia, e perguntou-me:

– Como estive? Pensas que posso encontrar algum emprego no vosso mundo?

– Saíste-te muito bem, Anastasia, mas tudo isto já temos. As domadoras dos circos também mostram coisas muito interessantes, não vais conseguir um lugar. Para conseguir entrar é preciso passar as barreiras burocráticas, um monte de formalidades e intrigas.

A seguir, a nossa brincadeira consistiu em escolher hipóteses: onde poderia Anastasia encontrar emprego no nosso mundo e como poderia ultrapassar as formalidades que existem? Mas não encontrávamos possibilidades fáceis, já que Anastasia não tinha documentos, nem educação, nem registo de residência. E, com base nos relatos sobre a sua origem, apenas tendo em conta as suas capacidades, mesmo sendo extraordinárias, ninguém lhe daria crédito. Passando a um tom sério, Anastasia disse:

– É claro que gostaria de ir mais uma vez a uma cidade, talvez a Moscovo, para me certificar da exactidão da minha forma de moldar algumas situações da vossa vida. Não entendo, por exemplo, como é que as forças das trevas conseguem enganar as mulheres a tal ponto que elas, sem sequer desconfiarem, atraem os homens com as maravilhas do corpo, sem lhes dar oportunidade de fazer a escolha verdadeira, vinda da alma. Depois, sofrem com isto, não conseguem estabelecer uma família verdadeira, porque...

Começaram novamente as considerações surpreendentes, que necessitam ser aqui trazidas – sobre o sexo, a família, a educação das crianças – e pensei que a coisa mais incrível de tudo o que vi e ouvi, era a sua capacidade de falar sobre o nosso quotidiano, de o conhecer tão detalhadamente!

CAPÍTULO 10



Quem acende uma nova estrela?

Na segunda noite, receando que Anastasia colocasse de novo a ursa a aquecer-me e ainda inventasse mais alguma coisa, recusei veementemente deitar-me para dormir, caso ela não se deitasse ao meu lado. Pensei: «se estiver ao meu lado, nada de estranho vai inventar» – E disse-lhe:

– Chama-se a isto convidar para casa? Imaginei que aqui houvesse pelo menos algum tipo de construção, mas nem sequer me deixas fazer uma fogueira, e ofereces-me animais para me fazerem companhia durante a noite. Se não tens uma casa decente, não tens que convidar!

– Está bem, Vladimir, não te preocupes, por favor, não tenhas medo. Nada de mal te acontecerá. Se quiseres, deito-me ao teu lado e aqueço-te.

Desta vez tinham sido espalhados na toca escavada ainda mais raminhos de cedro, tinham sido cuidadosamente colocadas ervas secas e as paredes tinham ramos espetados.

Despi-me e coloquei as calças e a camisola debaixo da cabeça. Deitei-me, tapando-me com o casaco. Dos raminhos de cedro emanava aquele mesmo aroma adocicado, do qual se falava na literatura de ciência popular por ser purificador do ar, e embora na taiga o ar já fosse tão limpo, respirava-se assim ainda mais facilmente!

As ervas secas e as flores acrescentavam um aroma ainda mais leve e extraordinário.

Anastasia cumpriu com a palavra e deitou-se ao meu lado. Senti que o aroma do seu corpo se evidenciava de todos os outros, era mais agradável do que os perfumes mais refinados, do que todos os cheiros de mulher que eu já havia sentido. E do seu corpo emanava um calor extremamente agradável que parecia envolver todo o seu corpo e que, quando eu me aproximei, envolveu também o meu corpo. Era como se eu e Anastasia nos encontrássemos dentro de um globo ou de um casulo invisível, mas que se sentia. Era possível que me envolvesse a tal aura invisível. Ao lado de Anastasia sentia-me confortável e tranquilo, mas agora nem me surgia o pensamento de a possuir como no primeiro dia em que a conheci. Lembrei-me de como, durante a nossa paragem, enquanto eu tentava beijar Anastasia, fui de repente inundado por um pavor, tendo perdido os sentidos. Depois desse acontecimento não me tinha surgido mais desejo físico por ela, nem quando a vi despida.

Estava deitado e imaginava o filho que a minha mulher não me tinha chegado a dar. Pensei em como seria maravilhoso se o meu filho nascesse de Anastasia. «Ela é tão saudável, robusta e bonita. O bebé, por conseguinte, seria saudável. Parecido comigo. Com ela também, mas mais comigo. Teria uma personalidade forte e inteligente. Saberia muito. Seria talentoso e feliz».

Imaginei o meu filho recém-nascido encostado a mamar no seu mamilo, e sem querer, pus a mão no seio firme e morno de Anastasia.

Neste instante, por todo o meu corpo passou um arrepio que logo desvaneceu, mas não era um arrepio de medo, era outra sensação extremamente agradável. Não tirei a mão, apenas sustive a respiração e esperei para ver o que acontecia. Senti como sobre

a minha mão assentou a suave palma da mão dela. Ela não me afastava.

Levantei-me um pouco e fiquei a olhar o belo rosto de Anastasia. A noite branca do Norte tornava-o ainda mais atraente. Não era possível desviar o olhar.

Os olhos carinhosos azuis acinzentados olhavam-me.

Não me contive, inclinei-me e tocando-a ao de leve, rápida e cuidadosamente beijei-lhe os lábios entreabertos.

Novamente correu pelo meu corpo um arrepio agradável. O meu rosto era envolvido pelo aroma da sua respiração.

Os seus lábios não proferiram como na vez anterior – «não, acalma-te» – e não senti medo nenhum. Os pensamentos sobre o filho não me abandonaram. E quando Anastasia me abraçou carinhosamente, fazendo-me uma festa no cabelo, e se entregou com todo o corpo, eu senti algo indescritível!

Só quando acordei de manhã é que me dei conta que nunca antes na vida tinha tido uma sensação tão grande de admiração e satisfação.

Estranho também que, normalmente, depois de uma noite passada com uma mulher sentia sempre um cansaço físico, mas aqui era tudo o oposto. Tinha a sensação de ter co-criado algo grandioso.

A satisfação não era apenas física, tinha outra dimensão incrivelmente bela e feliz, que até então desconhecia. Surgiu-me até o pensamento de que só por isto valia a pena viver. Porque razão nunca tinha antes sentido algo parecido, embora tivesse tido mulheres diferentes, bonitas, amadas e experientes no amor?

Anastasia era virgem. Uma virgem curiosa e meiga e, para além disso, havia alguma coisa nela que não estava presente em nenhuma das mulheres que eu conhecera. O quê? Onde estaria ela agora? Movimentei-me para a entrada da confortável toca e espreitei para a clareira.

A clareira ficava um pouco mais abaixo da colina onde se encontrava a habitação nocturna. Estava coberta por uma camada de nevoeiro matinal de meio metro.

Neste nevoeiro, Anastasia rodopiava de braços abertos.

Ela levantava em seu redor uma nuvem de nevoeiro. Quando este a envolvia completamente, Anastasia, saltando levemente e esticando as pernas em espargata como uma bailarina, voava sobre a camada de nevoeiro, aterrava num novo lugar e de novo, sorrindo, enrolava à sua volta uma outra nuvem, através da qual passavam os raios do Sol nascente que afagavam Anastasia. Aquela imagem encantava e entusiasmava e eu gritei cheio de emoção:

– Aaaa-naaaas-taaaa-siaaaa! Bom dia, minha linda fada da floresta Anastaaaa-siaaaa!

– Bom dia, Vladimir! – gritou ela alegremente em resposta.

– Que bom, que felicidade! De onde vem? – gritei com toda a força, tão alto quanto podia.

Anastasia levantou a mão ao encontro do Sol, rindo-se com o seu riso sedutor e feliz, e cantando, exclamou para mim e ainda para mais alguém em cima:

– Só o ser humano, entre todos os seres do Universo, tem a dádiva de sentir-se assiiiiiim!

Só um homem e uma mulher, que sinceramente desejem ter um bebé um do outro!

Só alguém que sente isto acende uma estrela no céu!

Só o ser hu-maaaa-no, com a intenção de criar e co-criar!

Aaaa-graaaa-deeee-ço-Te! – e voltando-se para mim, acrescentou rapidamente:

– Só um ser humano, com a intenção de criar e co-criar e não de satisfazer as suas necessidades carnais.

Novamente soltou risadas, saltou, esticou-se em espargata, como que sobrevoando o nevoeiro. Depois correu para mim e sentou-se ao meu lado à entrada da habitação nocturna e começou a levantar os cabelos dourados de baixo para cima e a penteá-los com os dedos.

– Quer dizer que não consideras que o sexo é algo de pecaminoso? – perguntei.

Anastasia ficou imóvel. Olhou para mim espantada, e respondeu:

– Alguma vez o que aconteceu foi aquele sexo que no teu mundo se chama assim? E se não, o que é mais pecaminoso, entregar-se para que surja no Mundo um ser humano, ou reprimir-se e não deixar um ser humano nascer? Um ser humano verdadeiro!

Fiquei pensativo. Realmente, a proximidade nocturna com Anastasia não podia dizer-se que tinha sido o «sexo» habitual. Então, o que tinha acontecido durante a noite? Qual seria a palavra adequada? Perguntei de novo:

– Por que é que nunca me tinha acontecido uma experiência parecida com esta? Penso que a muitos outros no mundo também não!

– Entendes, Vladimir, as forças das trevas tentam desenvolver no ser humano paixões carnais básicas para não o deixar ter a experiência da graça oferecida por Deus. Eles tentam convencer de todas as formas possíveis que é possível obter satisfação facilmente, pensando apenas na satisfação carnal. Deste modo, afastam o ser humano da verdade.

As pobres e enganadas mulheres, sem o saberem, recebem apenas sofrimentos e toda a vida procuram a felicidade perdida. Mas procuram no lugar errado.

Nenhuma mulher pode evitar que um homem se perca, se ela própria se permite entregar em troca da satisfação apenas das

necessidades carnais. Se isso aconteceu, então, a sua vida a dois não será feliz.

A sua vida em conjunto será somente uma ilusão de união, uma mentira, um engano aceite por convenção, porque a mulher perde-se independentemente de estar casada com esse homem ou não.

Oh, quantas leis e regras foram inventadas pelas pessoas, tentando fortalecer artificialmente essa associação falsa. Leis espirituais e mundanas – tudo em vão. Elas apenas obrigam as pessoas a fingir, adaptando-se a elas, a representar a existência da união. Os pensamentos mais profundos permaneceram sempre imutáveis e não estão sob o poder de nada, nem de ninguém.

Jesus Cristo viu isso. E então, tentando contrariá-lo, disse: «aquele que olha para uma mulher com desejo libidinoso já cometeu adultério com ela em seu coração»[1].

Depois, no vosso passado não distante tentaram cobrir de vergonha alguém que largasse a família. Nada, nem ninguém em tempo algum e em alguma situação, conseguiu parar o desejo do ser humano de procurar intuitivamente a sensação de graça, de grandiosa satisfação, de a procurar incessantemente.

A falsa união é terrível.

Os filhos... Entende, Vladimir, os filhos sentem a falsidade, a mentira de tal união. E colocam em dúvida tudo o que os pais dizem. As crianças já sentem intuitivamente uma união falsa durante a concepção. Sentem-se mal com isso.

Diz-me, que pessoa quer aparecer no mundo como consequência da satisfação carnal? Qualquer pessoa gostaria de ser concebida durante uma grandiosa emanação de amor, da aspiração de co-criar, e não surgir no mundo como consequência de actos carnais.

1 Mat 5,28.

As pessoas que entram numa falsa união vão depois procurar satisfação às escondidas do outro. Vão esforçar-se por possuir mais e mais corpos ou usar os seus corpos de forma fútil e inconsciente, sabendo apenas intuitivamente que estão a afastar-se da verdadeira felicidade e da verdadeira união

– Anastasia, espera lá. Será que um homem e uma mulher ficam assim tão perdidos, se na primeira vez o que acontece entre eles é simplesmente sexo? Não existirá um caminho inverso, a possibilidade de corrigir a situação?

– Há uma possibilidade. Agora, já sei o que fazer. Mas, onde posso encontrar as palavras para o expressar? Eu procuro a toda a hora essas palavras. Procurei no passado e no futuro, mas não as encontrei. Pode ser que estejam mesmo aqui perto! Não tarda surgirão, nascerão novas palavras, capazes de tocar o coração e a mente das pessoas. Novas palavras sobre a antiga verdade dos primeiros antepassados.

– Anastasia, não te preocupes assim tanto. Diz o que pretendes com aquelas palavras que tens agora. O que é mais necessário para a verdadeira satisfação, além de dois corpos?

– Consciência! A aspiração comum à criação. Sinceridade e pureza.

– Como é que sabes tudo isto, Anastasia?

– Não sou a única a sabê-lo. As pessoas iluminadas tentaram esclarecer este sentido, como Veles[2], Krishna[3], Rama[4], Shiva[5], Cristo, Maomé, Buda.

2 Veles – na tradição Russa-Eslava, o deus da Sabedoria e da Natureza, pertencente à *Triglav* (Trindade) e a incarnação do Deus Creador *Rod* na Terra.

3 Krishna – incarnação do deus Vishnu, que faz parte da *Trimurti* (as três personalidades de Deus na tradição Hinduísta) responsável pela preservação do mundo.

4 Rama – um deus-rei e uma incarnação de Vishnu (na tradição Hinduísta).

5 Shiva – uma das divindades da Trimurti, juntamente com Vishnu e Brahma. Enquanto Brahma é considerado o criador do mundo. Shiva é tido como o responsável por destruí-lo no final de cada ciclo cósmico.

– Leste sobre eles? Onde? Quando?

– Não li sobre eles, simplesmente sei o que eles diziam, o que pensavam e o que queriam.

– Então, a teu ver, se for simplesmente sexo é uma coisa má?

– Muito má. Ele afasta o ser humano da Verdade. Destrói famílias. Uma enorme quantidade de energia é desperdiçada.

– Então porque se editam tantas revistas com mulheres nuas em poses eróticas, filmes eróticos e pornográficos? E tudo isto tem uma enorme popularidade. A procura faz aumentar a oferta. Queres dizer que a nossa Humanidade é totalmente ruim?

– A Humanidade não é ruim, mas o mecanismo das forças das trevas, que faz sombra à espiritualidade e que provoca os desejos carnais mais elementares, é um mecanismo muito poderoso. Traz muitas desgraças e sofrimento às pessoas. Actua através das mulheres, utilizando a sua beleza. Beleza esta, cuja verdadeira função é suster no homem a alma de poeta, artista e criador. Mas para isso, a mulher tem que ser pura, se não houver pureza suficiente, surge a tentativa de atrair o homem com os encantos do corpo. Engana-o com a beleza exterior de um recipiente vazio e é inevitável que com esse engano sofram toda a vida.

– O que pode resultar? – perguntei – Em milhares de anos a Humanidade não foi capaz de vencer esse mecanismo das forças das trevas? Não conseguiu vencê-lo, apesar dos esclarecimentos, como tu dizes, dos seres espirituais e iluminados? Quer dizer que é impossível vencê-lo? Ou talvez nem seja necessário lutar?

– É possível e necessário. É absolutamente necessário!

– Quem o pode fazer?

– As mulheres! As mulheres capazes de entender a verdade e o seu propósito. Então, também os homens mudarão.

– Não, Anastasia, é pouco provável. Um homem normal vai sempre ficar excitado com as pernas bonitas de uma mulher, o peito... especialmente, quando está em trabalho ou em férias, longe da companheira. É assim que as coisas são. Neste ponto, ninguém mudará, nem o fará de outro modo.

– Mas, eu fi-lo contigo.

– Fizeste o quê?

– Agora, já não serás capaz de fazer esse nefasto sexo.

Um pensamento terrível atingiu-me como um choque eléctrico e começou a afastar a sensação maravilhosa que nascera de noite.

– O que é que fizeste, Anastasia? O quê? Eu... eu agora sou... impotente?

– Pelo contrário, agora tornaste-te um homem verdadeiro. Só que vais considerar que o sexo comum é repugnante. Ele não te trará aquilo que sentiste. O que sentiste é possível só numa situação em que haja o desejo de ter um filho e que a mulher queira o mesmo de ti. Que te ame...

– Ame? Então, nessas condições durante uma vida inteira apenas pode acontecer algumas vezes...

– É o suficiente para se ser feliz durante toda a vida, asseguro-te, Vladimir. Vais entender... mais tarde vais sentir e entender...

As pessoas entram muitas vezes em ligações meramente carnais, desconhecendo que ninguém consegue alcançar a satisfação verdadeira, utilizando apenas o seu corpo.

Um homem e uma mulher, unidos em todos os planos da existência, aspirando à criação, sentem uma satisfação grandiosa. O Criador deu apenas ao ser humano a possibilidade de ter esta experiência. Não é fugaz e não pode ser comparada com a experiência meramente física. Guardando por muito tempo essa sensação, todos os planos da existência te farão feliz, e à mulher!

A mulher, que é capaz de conceber e dar à luz à imagem e semelhança do Criador!

Anastasia estendeu a mão para mim e tentou chegar-se mais perto – saltei afastando-me para o canto da toca – e gritei:

– Deixa-me sair por bem!

Ela levantou-se. Eu saí para o exterior. Anastasia ficou de pé à minha frente, no seu olhar não havia nenhum sentimento de culpa, eu afastei-me dela alguns passos e disse severamente:

– Tu privaste-me daquilo que é talvez o maior prazer na minha vida. Todos o procuram, todos pensam sobre ele, mas nem todos o dizem.

– São ilusões, Vladimir, esses prazeres. Eu ajudei-te a livrares-te de um apetite terrível, prejudicial e pecaminoso.

– Seja ilusão ou não, todos o reconhecem como um prazer. Nem penses livrar-me de outros apetites que consideras prejudiciais. Senão vou-me embora daqui. Nem conviver com mulheres, nem beber, nem petiscar, nem fumar! Isto não é habitual para a maioria das pessoas na vida normal.

– O que há de bom em beber, em fumar, em digerir de forma inútil e prejudicial uma enorme quantidade de carne de animais, se há tantas plantas especialmente concebidas para a alimentação do ser humano?

– Alimenta-te com as tuas plantas, se gostas. Agora, não te metas comigo. Muitos de nós têm prazer em fumar, beber e estar sentados a uma boa mesa. É assim que é costume entre nós, percebes? É costume.

– Tudo o que enumeraste é mau e prejudicial.

– Mau? Prejudicial? Se os meus convidados vierem à minha festa, sentando-se à mesa, e eu lhes disser: «Roam umas nozes, comam uma maçã, bebam água e não fumem», aí sim, será mau.

– Porventura o mais importante quando reúnes amigos é sentarem-se logo à mesa a beber, a comer e a fumar?

– Se é o mais importante ou não, não interessa. É assim que está estabelecido em todo o mundo, por todas as pessoas. Em alguns países até há pratos que são um ritual, como, por exemplo, o peru assado.

– Isso não está estabelecido entre todas as pessoas do vosso mundo.

– Mesmo que não esteja entre todas, eu vivo entre normais.

– Por que é que consideras os que estão à tua volta como os mais normais?

– Porque são a maioria.

– Isso não é um argumento suficientemente forte.

– Para ti não é suficiente, porque é impossível explicar-te.

A minha raiva para com Anastasia começou a passar. Lembrei-me que ouvira falar de medicamentos e médicos sexólogos e pensei, «Se ela me lesou, os médicos conseguem emendar a situação», e disse:

– Está bem, Anastasia, vamos combinar o seguinte: não me zango mais contigo. Obrigado pela belíssima noite. Mas não tentes livrar-me de mais algum dos meus hábitos. E, em relação ao sexo, eu resolvo a situação com a ajuda dos nossos médicos e dos medicamentos modernos. Vamos nadar.

Dirigi-me ao lago, deleitando-me com a floresta matinal. Voltou de novo a boa disposição, mas ela... ora essa! Vem por trás e diz:

– Os medicamentos e os médicos não te vão ajudar. Para pôr tudo como estava, eles terão que apagar da tua memória o que aconteceu e o que sentiste.

Detive-me, pasmado.

– Então, devolve-me tudo.

– Não posso.

Novamente a sensação de raiva, de loucura e ao mesmo tempo medo apoderaram-se de mim.

– Tu... Sua descarada! Intrometes-te descaradamente e viras a minha vida de pernas para o ar. Quer dizer, fazer brincadeiras desagradáveis, tu podes! Mas quando é para resolver a situação dizes: «não posso»!

– Não fiz brincadeiras desagradáveis. Tu querias tanto um filho. Mas já passaram vários anos e ainda não tens um filho. Nenhuma das mulheres da tua vida te daria um filho. Também quis ter um filho teu e também queria que fosse um menino. E eu posso... por que razão te preocupas de antemão, pensando que vai ser mau para ti? Pode ser que ainda venhas a perceber... Não tenhas medo de mim, por favor, Vladimir. Eu não interfiro absolutamente nada com a tua mente. Aconteceu por si só. Em grande parte, pela tua vontade. Recebeste o que querias.

Eu gostaria de te libertar pelo menos de mais um pecado mortal.

– Qual é?

– O orgulho.

– És estranha! A tua filosofia e o teu modo de vida não são humanos.

– O que é que em mim não é humano e te assusta?

– Vives na floresta sozinha, comunicas com as plantas e com os animais. Ninguém entre nós vive assim tão próximo deles.

– Como assim, Vladimir, porquê? – exclamou Anastasia inquieta – Os *dachniki*[6] também comunicam com as plantas e os animais, só que por enquanto fazem-no inconscientemente. Mas depois eles entenderão. Muitos já começaram a entender.

[6] *Dachniki* – pessoas que passam tempo (dias livres, especialmente as férias do Verão) a cultivar um jardim na sua *dacha*, ou casa de campo.

– Ora esta! Agora és uma *dachnik*? E esse teu raio! Não lês livros, mas sabes muito. É um misticismo qualquer...

– Eu vou tentar explicar-te tudo, Vladimir. Mas, não de uma vez. Esforço-me, mas não consigo escolher as palavras adequadas, mais compreensíveis para ti. Acredita, por favor, que tudo o que faço é inerente ao ser humano. Foi-lhe dado desde o início. Nas origens, todos o poderiam fazer. De qualquer modo as pessoas retornarão às origens, e isso vai acontecer gradualmente, quando as forças da luz triunfarem.

– E o teu «concerto»? Cantaste com todas as vozes, representaste os meus cantores preferidos, e ainda por cima pela ordem em que estão na minha cassete de vídeo!

– Tens razão, Vladimir, uma vez vi essa cassete. Depois conto-te como isso aconteceu.

– O quê? Decoraste logo as letras e as melodias de todas as canções?

– Sim, decorei. O que tem isso de complicado e de místico? O que fui dizer, o que fui mostrar! Assustaste-te comigo! Provavelmente, sou desajeitada e não sei conter-me. O avô uma vez disse-me isso. Eu achava que ele falava por amor. Mas afinal, sou mesmo assim, não me contenho. Por favor... Vladimir...

Anastasia falava preocupada como uma pessoa normal, talvez por isso o medo que tinha dela quase desapareceu. Todos os meus sentimentos estavam preenchidos com a expectativa do meu filho.

– Já não estou com medo... Mas, contém-te mais. O avô também te disse isso?

– Sim, o avô também mo disse... Mas eu continuo a falar, a falar... Quero tanto dizer tudo! Sou uma tagarela, não é? Mas vou esforçar-me. Vou esforçar-me muito por me conter. Vou tentar dizer apenas o que for compreensível.

– Anastasia, quer dizer que em breve vais dar à luz?

– Claro! Mas, será fora de tempo.

– Como assim, fora de tempo?

– É absolutamente necessário que seja no Verão, quando a Natureza ajuda a tomar conta.

– Por que é que decidiste assim, se é tão arriscado para ti e para o bebé?

– Não te preocupes, Vladimir, pelo menos ele sobreviverá.

– E tu?

– Eu tentarei resistir até à Primavera, aí tudo se ajustará.

Anastasia disse isto sem sombra de tristeza ou receio pela sua vida, depois correu e saltou para a água do pequeno lago. Os salpicos brilharam ao sol como fogo de artifício e caíram na água limpa e lisa como um espelho. Passados uns trinta segundos, o seu corpo começou a surgir à superfície. Ela flutuava, deitada na água com as mãos estendidas, com as palmas das mãos viradas para cima, e sorria.

Eu permanecia de pé na margem, olhando-a e pensava: «Será que o esquilo vai ouvir o estalar dos seus dedos quando ela estiver deitada com a criança num dos seus abrigos? Será que algum dos seus amigos de quatro patas a vai ajudar? Será suficiente o calor do corpo dela para aquecer o pequeno?»

– Se o meu corpo arrefecer e o bebé nada tiver para comer, vai chorar – disse Anastasia baixinho, enquanto saía da água – E o seu grito de insatisfação consegue acordar a Natureza, ou pelo menos uma parte, antes do começo da Primavera, e então, tudo estará bem. Eles tomarão conta dele.

– Tu leste o meu pensamento?!

– Não! Imaginei que tu estavas a pensar sobre isto. É natural.

– Anastasia, disseste que nos territórios vizinhos vivem parentes teus. Eles poderiam ajudar-te?

– Estão muito ocupados, não devo interromper o seu trabalho.

– Estão ocupados com o quê, Anastasia? E que fazes durante todo o dia, se efectivamente és completamente servida pela Natureza circundante?

– Eu ocupo-me... Faço por ajudar as pessoas do vosso mundo, a quem chamam *dachniki* ou jardineiros.

CAPÍTULO 11



Os seus queridos *Dachniki*

Anastasia falou muito e cheia de entusiasmo, acerca das possibilidades que podem abrir-se às pessoas que convivem com as plantas. Em geral, ela fala sobre dois temas com especial entusiasmo e inspiração, diria até apaixonadamente: são eles a educação das crianças e os *dachniki*. Se eu contasse tudo o que ela me disse sobre os *dachniki*, toda a importância que ela lhes dá, então, penso que nos ajoelharíamos diante deles. Vejam só! Ela considera que eles salvaram toda a Nação da fome, que semeiam também a bondade nas almas, que educam a sociedade do futuro... É impossível enumerar aqui tudo o que diz, seria preciso um livro inteiro. Anastasia tenta prová-lo, argumentando:

– Entende, Vladimir, hoje a sociedade em que vives pode compreender muito através do convívio com as plantas que se cultivam nas *dacha*. Precisamente nas *dacha*, onde quem as trata conhece cada planta do seu terreno; não estou a falar das enormes plantações impessoais e sem sentido, pelas quais rastejam máquinas monstruosas. As pessoas sentem-se melhor quando trabalham nas *dacha*. O tempo de vida de muitas delas aumentou e elas tornaram-se mais bondosas. São aliás estes *dachniki* que permitem à sociedade tomar consciência do beco sem saída que é o caminho tecnocrático.

– Anastasia, se é assim como dizes ou não, agora não importa. Mas qual é o teu papel nisto tudo? Em que consiste a tua ajuda?

Ela pegou-me pela mão, levando-me para as ervas. Deitámo-nos de costas com as palmas das mãos viradas para cima.

– Fecha os olhos, descontrai e tenta imaginar o que te vou dizer. Com o meu pequeno raio vou encontrar e ver à distância algumas das pessoas a quem vocês chamam *dachniki*.

Ficou calada por algum tempo e depois começou a falar baixinho:

– Uma senhora idosa desembrulha uma gaze na qual estão demolhadas sementes de pepinos. As sementes já cresceram bastante e vêem-se rebentos pequeninos. Ela pegou numa semente. Olha, eu dei-lhe a entender que não é necessário demolhar as sementes, os rebentos deformam-se quando são semeados e aquela água não é muito adequada, a semente assim fica doente. Ela pensa que foi ela que deduziu. Sim, em parte é assim, eu apenas a ajudei um bocadinho a deduzir. Agora vai partilhar as suas ideias, contar a outras pessoas. Uma pequena tarefa está feita.

Anastasia contou então que visualizava na sua consciência todo o tipo de situações de trabalho, lazer e interacção, tanto das pessoas umas com as outras, como com as plantas. Quando a situação que visualiza está mais próxima da realidade, é estabelecido o contacto, no qual ela pode ver a pessoa, determinar a sua doença, saber de que está a sofrer e o que sente. É como se entrasse na imagem da pessoa e, assim, pode partilhar os seus conhecimentos. Anastasia disse que as plantas reagem a um ser humano, que podem amá-lo ou detestá-lo e influenciar positiva ou negativamente a sua saúde.

– Aqui tenho muito trabalho. Ocupo-me dos terrenos das *dacha*. Os *dachniki* vão para os seus terrenos e plantações como se fossem ter com os filhos, infelizmente esta relação é apenas intuitiva, ainda

não fortaleceram a clara realização do verdadeiro propósito que se encontra por detrás desta ligação.

Tudo, mas tudo na Terra, cada ervinha, cada insecto, é criado para o ser humano. Todos têm a sua tarefa a cumprir e estão destinados a servir o Homem. A multiplicidade de plantas medicinais é a confirmação disto. Mas as pessoas do vosso mundo sabem muito pouco sobre como usufruir totalmente das possibilidades que lhes são oferecidas.

Pedi a Anastasia que me mostrasse as vantagens dessa comunicação consciente através de um exemplo concreto, que fosse possível ver, verificar na prática e comprovar por meios científicos. Anastasia pensou um pouco, depois de repente iluminou-se e exclamou:

– Os *dachniki*, os meus amados *dachniki*! Eles irão provar tudo isto, vão mostrar-vos e darão que fazer à vossa ciência. Como é que não pensei nisso antes, como é que não percebi?

Alguma ideia nova acabada de surgir fê-la empolgar de alegria.

Em todo o tempo que passei com Anastasia, nunca a vi triste. Ela podia estar séria, pensativa, concentrada, mas mais frequentemente estava feliz com alguma coisa. Desta vez estava muito alegre – saltou, bateu as palmas e pareceu-me que a floresta ficou mais resplandecente, que se agitou e começou a responder-lhe com o murmurar das copas das árvores e as vozes dos pássaros.

Ela contorceu-se, como que numa dança. Depois, brilhando de felicidade, sentou-se de novo ao meu lado, e disse:

– Daqui em diante vão acreditar! E serão eles, os meus amados *dachniki*. Eles é que vão mostrar-vos e provar-vos tudo!

Tentei fazer com que ela voltasse depressa à conversa interrompida, e por isso comentei:

– Não é de todo garantido. Tu dizes que cada insecto foi criado para a felicidade do ser humano, mas como é que as pessoas vão

acreditar nisso quando olham com nojo para as baratas que rastejam pela mesa da cozinha? Estas também foram criadas para dar felicidade?

– As baratas – respondeu Anastasia – rastejam apenas sobre uma mesa que esteja suja para recolher as migalhas de comida em decomposição, que por vezes são partículas invisíveis a olho nu, para as transformar e colocar num lugar retirado, deixando de ser prejudiciais. Se houver muitas baratas, leva-se uma rãzinha para casa e as baratas a mais desaparecerão de imediato.

O que Anastasia propôs em seguida que fosse feito pelos *dachniki* contradiz possivelmente a ciência da fitocultura, e de certeza que contradiz as regras geralmente aceites pela prática de semear e cultivar as variedades de plantas de terreno e horta. No entanto, as suas afirmações são tão grandiosas que me parece que vale a pena experimentar, tendo essa oportunidade. Mesmo que não seja em toda a extensão do terreno, pelo menos faça-se a experiência numa pequena área uma vez que só se prevêem benefícios. Para além disso, muito do que ela disse já foi confirmado pelas experiências de Mikhail Prokhorov[1], especialista em biologia.

[1] Mikhail Prokhorov é Director de programação ecológica de uma empresa particular em Moscovo, Doutorado em Biologia. Autor de muitos estudos sobre a interacção entre as pessoas e as plantas. Prokhorov fala da possibilidade da influência directa dos seres humanos no crescimento e no desenvolvimento das plantas e, em certas situações na saúde e no comportamento dos animais.

CAPÍTULO 12



Conselhos de Anastasia

A semente como médico

Anastasia afirmou:

– Cada uma das sementes que é semeada contém em si uma enorme quantidade de informação acerca do universo. Esta informação não é comparável, nem em tamanho, nem em exactidão, com nenhuma coisa feita pela mão humana. Com o auxílio desta informação, a semente sabe exactamente, até ao milésimo de segundo, o momento em que tem que brotar e crescer, que nutrientes absorver da Terra, como utilizar as vibrações dos astros – sol, lua, estrelas – em que planta se tornar e que frutos produzir.

Os frutos estão destinados a serem o sustento do ser humano, e podem combater e evitar qualquer doença do organismo humano com mais eficácia e poder do que todos os medicamentos fabricados no presente ou no futuro. Mas para isso, a semente deve saber qual o estado da pessoa para, durante o processo de maturação, alimentar o fruto com a proporção necessária de nutrientes, a fim de curar alguém em particular de uma doença já existente ou que tenha tendência para contrair.

Para que uma semente de pepino, de tomate ou de qualquer outra planta que se cultive no terreno contenha a informação sobre a saúde de uma pessoa, é necessário o seguinte:

Antes de semear, pôr na boca uma ou mais sementes e mantê-las debaixo da língua pelo menos durante nove minutos.

Depois, segurar a semente entre as palmas das mãos cerca de trinta segundos, e é importante fazê-lo estando de pé e descalço no sítio da terra onde a vai semear.

Deve-se abrir então as mãos, trazendo com muito cuidado a semente para perto da boca e soprar o ar dos pulmões para a semente, aquecendo-a com a respiração. A semente saberá desta forma tudo o que há dentro da pessoa que a semeia.

Em seguida é preciso segurar a semente nas mãos abertas ainda por trinta segundos, apresentando a semente aos astros. A própria semente determinará o momento de despontar e todos os planetas a ajudarão, dando ao rebento a luz de que necessita para produzir frutos, especialmente para a pessoa que a semeou.

Em seguida a semente pode ser deitada à terra, e em nenhum caso deverá ser regada de imediato, pois a água retira a saliva que envolve a semente e que contém toda a informação, que está a ser absorvida pela planta. Pode ser regada três dias depois de ter sido semeado.

É necessário que seja semeada nos dias apropriados para cada vegetal (as pessoas já sabem isso, segundo o calendário lunar). Semear mais cedo, desde que não se regue, não é tão prejudicial como semear tarde demais.

Não se deve arrancar todas as ervas daninhas que cresçam perto dos rebentos da semente. É imprescindível deixar pelo menos uma erva daninha de cada espécie e as ervas podem ser cortadas, não arrancadas.

Segundo as palavras de Anastasia, a semente absorve deste modo a informação sobre a pessoa que a semeia e, enquanto desenvolve o fruto, irá seleccionar do universo e da Terra a máxima quantidade de energia necessária para esta pessoa em particular.

Não se podem arrancar todas as ervas daninhas, porque todas elas têm a sua função: algumas protegem a planta das doenças, enquanto outras dão informação adicional. Durante o período em que a planta está a crescer, é imprescindível comunicar com ela, pelo menos uma vez durante o crescimento, de preferência durante a lua cheia, acercando-se dela e tocando-a.

Anastasia afirmou que os frutos nascidos de uma planta que cresceu desta forma e que são consumidos pela pessoa que a cultivou, têm a capacidade de a curar absolutamente de todas as doenças, de travar consideravelmente o envelhecimento do organismo, de a livrar dos hábitos prejudiciais, e ainda de multiplicar as capacidades mentais e de trazer um sentimento de paz interior.

Os frutos terão mais eficácia se forem consumidos o mais tardar três dias após terem sido colhidos.

É necessário aplicar as instruções mencionadas acima a diferentes espécies de plantas cultivadas no terreno.

Não é necessário semear assim toda a fileira de pepinos, de tomate, e assim por diante, é suficiente fazê-lo só com algumas sementes de cada.

Os frutos cultivados deste modo vão distinguir-se dos outros da mesma espécie, não apenas pelo sabor; se lhes for feita uma análise, verifica-se que também se diferenciam pela proporção de nutrientes que contêm.

Quando se plantarem os rebentos é muito importante alisar com as mãos e com os dedos dos pés descalços a terra lavrada e cuspir para a pequena cova. À pergunta: «porquê com os pés?», Anastasia

esclareceu que através da transpiração dos pés são eliminadas substâncias (provavelmente toxinas) que contêm informação sobre as doenças do organismo. Esta informação é recebida pelos rebentos, que irão transmiti-la aos frutos, tornando-os assim capazes de neutralizar as doenças. Anastasia aconselhou que se caminhe descalço pelo terreno de tempos a tempos.

– E que plantas deveremos cultivar?

Anastasia respondeu:

– A variedade que existe na maior parte dos terrenos é suficiente: framboesa, cássis, groselha, pepino, tomate, morango silvestre, qualquer espécie de macieira. É muito bom se houver ginja ou cereja e flores. Não é muito importante a quantidade de plantas de cada espécie, nem a extensão da área de cultivo destas variedades.

Entre as plantas obrigatórias, sem as quais é difícil imaginar um microclima energético completo, encontra-se o girassol (pelo menos um). É imprescindível semear uma área de um metro e meio a dois metros quadrados de cereais – centeio ou trigo, por exemplo – e absolutamente necessário deixar uma pequena ilha de pelo menos dois metros quadrados para ervas selvagens variadas. Essa «ilha» não deve ser semeada artificialmente, ela deve ser natural e, se não tiverem preservado as ervas selvagens no vosso terreno, é essencial trazer da floresta algumas ervas com raízes e criar esta ilha com a sua ajuda.

Perguntei a Anastasia se seria mesmo necessário cultivar estas plantas que ela considera imprescindíveis no próprio terreno, se por detrás da cerca, ali bem perto, já existirem estas ervas variadas. E obtive a seguinte resposta:

– Tem importância não apenas a variedade de plantas, mas também a forma como estas são plantadas e a convivência, a comunicação com elas, que lhes permite receber a informação de que necessitam.

Já te falei sobre um dos métodos de semear, este é o principal método para o fazer. O mais importante é impregnar o pedacinho de Natureza que te rodeia com informação sobre ti. Só assim o efeito de cura e o suporte vivificante do corpo será significativamente maior do que o proveniente dos frutos simples. Na Natureza selvagem, como vocês a chamam, que não é selvagem, somente desconhecida para vós, há muitas plantas que podem curar absolutamente todas as doenças que existem. Estas plantas foram criadas com esse fim, mas o homem perdeu, ou quase perdeu, a capacidade de as identificar.

Contei a Anastasia que entre nós há muitas farmácias especializadas que comercializam ervas medicinais e que há também médicos ou simples conhecedores que fazem tratamentos com ervas profissionalmente, ao que ela respondeu:

– Existe um médico principal, que é o teu corpo. Ele foi concebido originalmente para ter a capacidade de saber que erva deve ser utilizada, e quando. Para saber como se alimentar e como respirar, para além de ser capaz de determinar uma doença ainda antes dela se manifestar. Ninguém pode substituir o teu corpo, já que ele é o único médico que Deus te ofereceu individualmente, e só a ti pessoalmente. Eu conto-te como lhe podes dar a possibilidade de actuar em teu benefício.

Ao estabeleceres ligação com as plantas do teu terreno, elas irão cuidar-te e curar-te. Elas irão fazer o diagnóstico preciso e preparar o medicamento específico e mais eficaz, justamente para ti.

A quem ferram as abelhas?

Em cada terreno é imprescindível ter pelo menos uma colmeia de abelhas.

Eu disse a Anastasia que entre nós são raras as pessoas que sabem lidar com as abelhas. Para isso, as pessoas estudam em escolas especiais, mas nem sempre conseguem bons resultados.

Ao que ela respondeu:

– A maior parte do que fazem para manter uma colmeia de abelhas só atrapalha. Nos últimos mil anos, apenas duas pessoas na Terra conseguiram aproximar-se do entendimento dessa forma de vida única.

– Quem foram eles?

– Foram dois monges que são considerados santos. Podes ler sobre eles nos vossos livros, que se encontram nos arquivos dos mosteiros.

– O quê, Anastasia, também lês literatura de igreja? Onde? Quando? Nem sequer tens um único livro!

– Eu utilizo um método mais perfeito de receber informação.

– Qual? Estás a dizer outra vez coisas que não se entendem. Prometeste que não ias recorrer a fantasias nem a misticismos.

– Vou falar-te sobre isso, posso tentar ensinar-te. Agora não irias entender, mas é simples e natural.

– Está bem. Mas então, o que é necessário para manter as abelhas nos terrenos?

– É apenas necessário fazer uma colmeia como a que as abelhas teriam nas suas condições naturais, é tudo. O trabalho posterior consiste só em retirar das abelhas uma parte do mel, cera e outras substâncias que elas produzem, que são muito benéficas para o ser humano.

– Anastasia, isso não é nada simples. Quem é que sabe como deve ser essa colmeia natural? Se me dissesses como é que eu a posso fazer com os materiais que temos disponíveis, seria mais viável.

– Está bem – disse-me ela a sorrir – Tens que esperar um bocadinho. Eu tenho que visualizar, tenho que ver o que existe disponível, como tu dizes, para as pessoas no mundo de hoje.

– Onde deve ser colocada para que não estrague a vista do lugar? – acrescentei.

– Também vou tentar ver isso.

Ela deitou-se nas ervas, como sempre fazia para visualizar as situações do nosso mundo, mas desta vez fiquei a observá-la atentamente. Anastasia estava deitada sobre a erva com os braços abertos e as palmas das mãos viradas para cima. Os dedos estavam meio dobrados e as extremidades, mais precisamente as extremidades de quatro dedos de cada mão, tinham também as pontas apontadas para cima.

Os dedos das mãos dela mexeram-se primeiro um bocadinho e depois pararam.

Os olhos estavam fechados e o corpo todo descontraído. De início, o rosto também estava descontraído, mas em seguida correu por ele uma brisa imperceptível de algum sentimento ou sensação.

Mais tarde, ela explicou que ver à distância está ao alcance de qualquer pessoa, desde que seja educada de certa forma.

E sobre a colmeia, Anastasia disse o seguinte:

– É necessário um cepo. Podes pegar num tronco com um buraco e escavar para aumentar a cavidade ou construí-lo com tábuas de árvores caducas. A largura das tábuas deve ser pelo menos de 6cm; o espaço interior pelo menos 40 x 40 cm; e o comprimento cerca de 1,20 m. Nos cantos das junções internas devem ser colocadas pequenas ripas triangulares para que os cantos fiquem arredondados. As ripinhas podem ser só levemente coladas, pois as abelhas vão depois fixá-las melhor. Um dos topos pode ser encerrado totalmente com uma tábua com a mesma espessura, e o

outro topo deve ser de forma a poder abrir-se. Para isso, deve-se fazer coincidir o tamanho da tábua com o da abertura, de modo a poder depois ser fixada com um trapo ou com ervas. Tapar todo o fundo com trapos. A todo o comprimento de uma das junções entre as tábuas deixar uma fresta com cerca de 1,5 cm. As frestas ou a fresta única não devem chegar até ao topo da abertura, deixar uns 30 cm de distância deste. Esta colmeia pode ser colocada sobre estacas em qualquer parte do terreno, devendo ser colocada sobre a terra a pelo menos 20 a 25 cm de altura, com as frestas viradas para Sul. Mas ainda é melhor instalá-la debaixo do telhado da casa, assim a pessoa não incomoda as abelhas quando levantam voo e elas também não incomodarão.

Neste caso, a colmeia deve ser colocada horizontalmente um pouco inclinada, num ângulo de 20 a 30 graus. A parte que se abre deve ficar virada para baixo.

A colmeia também pode ser instalada no sótão, mas para isso tem que haver aqui uma boa ventilação.

O melhor é fixá-la mesmo debaixo do telhado, virada a Sul, ou em cima do telhado. É necessário apenas garantir que é possível alcançar a colmeia para extrair uma parte dos favos, que estarão repletos de mel.

Deve colocar-se sobre uma pequena plataforma e por cima deve ter um toldo para a proteger do Sol. Durante o Inverno pode ser embrulhada para a isolar do frio.

Comentei com Anastasia que uma colmeia assim será bastante pesada e o toldo e a plataforma podem estragar a aparência da fachada da casa. O que fazer neste caso?

Ela olhou para mim um pouco admirada, e depois disse:

– O que acontece é que a forma de agir dos vossos apicultores não é muito correcta. O meu avô contou-me. Os apicultores

modernos inventaram muitas formas de construir colmeias e todas têm em conta que o ser humano irá intrometer-se continuamente no ninho das abelhas – os apicultores retiram e voltam a colocar as molduras com favos e no Inverno movem as colmeias de um lugar para outro, mas isto não se deve fazer.

As abelhas constroem os favos com uma distância precisa entre eles, tendo em conta todo o sistema de ventilação e a luta contra os inimigos, e qualquer interferência destrói este sistema. Em vez de produzirem mais mel e criarem novas abelhas, têm que se ocupar com o remendar dos estragos.

Em condições naturais as abelhas vivem nas concavidades das árvores e dão conta de todos os seus problemas. Contei-te como podem ser criadas em condições o mais próximo possível das naturais. Podem-se retirar muitos benefícios da sua presença. São elas que polinizam com mais eficácia todas as plantas e fazem crescer a produção, mas isso já todos vocês devem saber bem.

Pode ser que desconheçam que as abelhas abrem com as suas trombinhas os canais das plantas através dos quais entra a informação adicional reflectida pelos planetas, e que é necessária às plantas e, por conseguinte, ao ser humano.

– Mas as abelhas ferram as pessoas! Que descanso terá uma pessoa na *dacha*, se estiver sempre com medo de ser picada?!

– As abelhas ferram quando a pessoa tem uma atitude agressiva para com elas, as afasta, se assusta ou está com uma disposição interior muito agressiva, não só para com as abelhas, mas também para com qualquer outro ser. As abelhas sentem-no e não aceitam o emanar de quaisquer sentimentos obscuros. Além disso, elas podem ainda ferrar em partes do corpo onde há canais que comunicam com um órgão interno doente, ou onde a aura protectora está rompida, ou ainda onde haja outros desequilíbrios.

Vocês sabem o quão efectivamente as abelhas curam doenças como a que chamam de radiculite, contudo, não é de longe a única coisa que elas podem fazer.

Se fosse falar de todas as possibilidades, e ainda provar as evidências, como tu queres, terias que passar aqui comigo, não três dias, mas muitas semanas. No vosso mundo escreve-se muito sobre abelhas, eu apenas fiz algumas correcções a esses conhecimentos – acredita, por favor, que são correcções essenciais.

É muito simples instalar uma colónia de abelhas numa colmeia como esta. Para isso, é preciso atrair um enxame à colmeia, colocando anteriormente dentro dela um pouco de cera e alguma planta doce. Não é preciso construir nenhumas molduras nem favos artificiais. Mais tarde, quando as colónias de abelhas estiverem estabelecidas em vários terrenos vizinhos, as abelhas vão reproduzir-se e quando fizerem enxames irão ocupar as colmeias vazias.

– Como se deve recolher o mel?

– Abre-se a tampa inferior, quebram-se os favos que estão pendentes e recolhe-se o mel selado e o pólen. Não se pode ser ganancioso. É necessário que fique uma parte do mel para as abelhas terem no Inverno. E no primeiro ano é melhor nem retirar mel nenhum.

Saúdo-te, Manhã!

Anastasia falou então sobre a rotina da manhã nas condições do terreno da *dacha*:

– De manhã, preferencialmente ao nascer do Sol, pode sair descalço para o terreno e aproximar-se das plantas de que se tiver vontade, e dar uma festinha a uma ou outra. Não é necessário fazê-lo como uma tarefa obrigatória nem repetitiva ou um ritual diário,

mas como se quiser, segundo a vontade surja. Contudo, é necessário fazer isto antes de se lavar. Assim as plantas sentirão o cheiro das substâncias que são expelidas pelo organismo durante o sono através dos poros da pele.

Se estiver bom tempo e houver por perto pelo menos um pequeno espaço com ervas, o que é aconselhável que exista, é necessário deitar-se sobre elas durante uns quatro minutos e espreguiçar-se. Se nesta altura aparecer algum insecto a rastejar sobre corpo, não o afastar. Muitos insectos desobstruem os poros do corpo da pessoa, limpando-os. Normalmente, são desobstruídos os poros através dos quais saem as toxinas que trazem à superfície da pele todo o tipo de doenças internas, possibilitando que a pessoa os lave. Se no terreno existir algum lago ou reservatório de água é imprescindível mergulhar nele. Se não existir, pode entornar-se água por cima do corpo, ficando descalço perto da horta com as plantas ou, melhor ainda, entre os carreiros de plantas. Pode ainda fazer-se, por exemplo, uma manhã junto à fila de framboesa, outra junto à de groselha, etc.

Depois de se molhar não se deve enxugar de imediato. Devem sacudir-se as gotinhas de água das palmas das mãos, como que a espalhá-las pelas plantas em redor. Sacudir as gotas de água das partes restantes do corpo da mesma maneira. Em seguida, pode fazer-se as rotinas habituais de se lavar e utilizar os produtos e acessórios a que esteja habituado.

Rotina do fim do dia

À noite, antes de dormir, é importante lavar os pés, usando água à qual se adiciona uma pequena quantidade (algumas gotas) de suco de anserina ou de urtiga – ou os dois ao mesmo tempo, mas não usar

sabão nem shampoo. Depois dos pés lavados, despejar a água na horta. Depois, se houver necessidade, podem lavar-se os pés com sabão.

Esta rotina do fim do dia é importante por duas razões: quando os pés transpiram, através do suor saem toxinas que expelem as doenças internas do organismo; e é necessário lavá-los para limpar os poros. O extracto de anserina ou de urtiga é bom, porque facilita este processo. Ao deitar-se fora a água na terra, está-se a dar informação adicional sobre o estado presente do corpo aos microrganismos e plantas.

Isto também é importante. Somente após o recebimento desta informação o mundo visível e invisível que os rodeia pode fabricar e extrair do universo e da Terra tudo aquilo que é necessário para que o organismo funcione bem.

Ele próprio prepara tudo

Eu ainda estava interessado em saber o que Anastasia tinha a dizer sobre alimentação, uma vez que ela se alimenta de uma forma muito peculiar. Por isso perguntei-lhe:

– Anastasia, diz-me como pensas que uma pessoa se deve alimentar – o que deve comer, quando, quantas vezes ao dia e em que quantidade? Entre nós dá-se muita atenção a esta questão. Existe uma grande quantidade de literatura, receitas de alimentação terapêutica, conselhos para emagrecer.

– Nas condições do mundo tecnocrata, é difícil imaginar de outro modo o estilo de vida das pessoas. As forças obscuras tentam sempre substituir o mecanismo natural deste mundo, que foi dado ao ser humano na origem, pelo seu desajeitado sistema artificial, que contradiz a Natureza humana.

Pedi a Anastasia para falar mais concretamente, sem as suas deduções filosóficas, e ela continuou:

– Sabes, a essas tuas questões sobre o quê, quando e que quantidade o ser humano deveria comer, ninguém pode responder melhor do que o organismo de cada pessoa em particular. A sensação de fome e de sede foram dadas pela Natureza para isso mesmo, para dar sinal individualmente a cada pessoa, indicando quando tem que comer. Esse será o momento mais adequado para cada um.

O mundo tecnocrata é incapaz de proporcionar ao ser humano a possibilidade de satisfazer a sensação de fome e de sede no momento desejado pelo organismo, e por isso começou a empurrar as pessoas para o padrão das suas convenções sem base, ainda por cima justificando-o com uma certa racionalidade.

Imagina uma pessoa que está sentada durante metade do dia quase sem gastar energia, enquanto outra executa algum trabalho físico ou simplesmente corre, enchendo-se de suor, gastando assim dezenas de vezes mais energia – ambas têm que comer exactamente à mesma hora!

Uma pessoa deveria comer no momento que lhe é aconselhado pelo organismo e não pode haver outro conselheiro. Entendo que nas condições do vosso quotidiano isso seja quase impossível, mas para as pessoas que se encontrem nos seus terrenos, perto das suas casas, existe esta possibilidade e é essencial aproveitá-la, livrando-se das directrizes artificiais que vão contra a Natureza.

O mesmo posso dizer em resposta à tua pergunta sobre o que se deve comer. Será aquilo que no momento se encontrar, por assim dizer, «à mão». O organismo escolherá por si o que lhe é necessário. Entre as coisas não tradicionais posso aconselhar o seguinte: se na vossa casa existe algum animal, um gato ou um cão, observem-no com atenção. Ele, de vez em quando, escolhe de entre as ervas uma

espécie qualquer e come-a. Pelo menos algumas ervinhas dessas é necessário arrancar e juntar à comida. Não é obrigatório fazer isto diariamente – uma ou duas vezes por semana é suficiente.

Também é necessário ceifar por si próprio as espigas dos cereais, debulhar, moer, fazer farinha e cozer pão. É extremamente importante. Uma pessoa que coma este pão somente uma ou duas vezes por ano, recebe uma reserva de energia capaz de activar as suas forças espirituais internas – não só acalmar a alma, mas também exercer uma influência benéfica no estado físico.

Este pão pode também ser partilhado com os familiares e os amigos. Neles, irá também exercer uma influência muito benéfica, se for dado com sincera bondade.

É muito bom para a saúde de uma pessoa pelo menos uma vez por ano, durante o Verão, alimentar-se durante três dias apenas com aquilo que crescer na sua horta, utilizando como complemento pão, óleo de girassol e o mínimo de sal.

Já antes descrevi como Anastasia se alimenta. Enquanto falava comigo sobre tudo isto, ela ia arrancando, descontraidamente, uma ervinha, depois outra, mastigava e também me ia oferecendo. Decidi provar. O sabor não me impressionou, mas também não provocou nenhuma sensação desagradável.

O processo de alimentação e sobrevivência do organismo de Anastasia está integrado na Natureza, e nunca faz parar o seu pensamento, que está ocupado com outros problemas. Ao mesmo tempo, a sua saúde constitui uma parte inseparável da sua extraordinária beleza exterior.

Segundo as afirmações de Anastasia, o organismo de uma pessoa que estabeleça tal relação com a Terra e as plantas, o mundo vegetal e o solo do seu terreno, tem a possibilidade de se libertar absolutamente de todas as doenças.

Uma doença é por si só o resultado do afastamento entre o ser humano e os mecanismos naturais, cuja função é cuidar da saúde e sobrevivência. Para estes mecanismos naturais a luta contra qualquer doença não representa nenhum problema, uma vez que nisso consiste o sentido da sua existência. Uma pessoa que tenha estabelecido este tipo de contacto com Natureza, ao aproximar-se de um pequeno terreno no mundo natural, pode extrair benefícios bem maiores do que somente a luta contra as doenças.

CAPÍTULO 13



Dormindo sob a sua estrela

Já antes contei como Anastasia se animava quando falava sobre as plantas e as pessoas que comunicam com elas. Pensei que ela, vivendo na Natureza, só conhecia bem a Natureza, mas ela possui também informação sobre as relações entre os planetas. Ela sente literalmente os astros. Avaliem por vós mesmos, quando lerem como ela fala acerca de dormir sob o céu estrelado:

– As plantas, ao receberem a informação sobre uma pessoa em particular, trocam a informação com as forças cósmicas. Mas elas são apenas intermediárias, cumprindo uma função muito direccionada ao corpo e a certos planos emocionais. Elas nunca tocam os processos complexos que, de entre todo o mundo animal e vegetal do planeta, são inerentes apenas ao cérebro humano e aos planos de existência humanos. No entanto, esta troca de informação que se estabelece permite ao ser humano fazer o que está apenas sob o seu poder, nomeadamente, interagir com a inteligência do universo ou, mais precisamente, trocar informação com esta inteligência. Este processo simples permite-lhe fazer isto e também sentir o efeito benéfico de tal interacção.

Anastasia descreve assim este processo:

– Numa noite em que haja condições climatéricas favoráveis, prepare-se para passar a noite debaixo do céu estrelado. Deverá

situar o lugar para dormir perto dos arbustos de framboesa, de groselha ou dos cereais plantados. Deverá estar sozinho.

Deitado, com o rosto virado para os astros, não deve fechar logo os olhos. Vagueie com o olhar, física e mentalmente por eles. Não fique tenso enquanto pensa neles. O seu pensamento deve estar leve e livre.

Primeiro, tente pensar sobre os astros que estão mais visíveis, depois pode idealizar acerca do que é íntimo para si – as pessoas que lhe são próximas, aquelas a quem deseja bem.

Não pense sequer em vingança nem deseje mal a ninguém. O efeito pode ser prejudicial para si.

Este processo simples despertará algumas das muitas células adormecidas do seu cérebro, a maioria das quais nunca chegam a despertar durante o período de vida de uma pessoa.

As forças cósmicas estarão consigo a ajudá-lo a alcançar a realização dos mais inimagináveis sonhos luminosos, a alcançar a tranquilidade no coração, a estabelecer relações favoráveis com os que ama e a fortalecer, ou fazer nascer, o amor deles para consigo.

É bom passar por este processo algumas vezes. É eficaz somente nos lugares onde tenha contacto constante com o mundo vegetal. E vai senti-lo logo de manhã.

É especialmente importante fazer este procedimento em cada véspera de aniversário da pessoa. Demoraria muito e não é importante explicar agora como actua este mecanismo. Não acreditarias em parte das explicações e a outra parte não entenderias. É bem mais fácil e possível falar resumidamente sobre isto com os que já tenham experimentado e sentido o efeito em si próprios, uma vez que a informação recebida e confirmada irá abrir a receptividade para a informação seguinte.

CAPÍTULO 14



A mulher das estrelas

Numa das noites que passei perto de Anastasia tive oportunidade de ver como ela própria comunica com as estrelas.

Na véspera, ao fim do dia, Anastasia disse:

– Vladimir, a noite que está para vir é importante para mim. Eu não poderei deitar-me ao teu lado, mas não te preocupes, eu posso chamar a loba e ela vai guardar a entrada da toca e proteger-te enquanto dormes.

Eu não queria dormir sozinho na toca. A entrada não era tapada e qualquer animal poderia entrar e atacar-me enquanto dormia. Os animais protegiam Anastasia, mas eu, ficando sozinho, poderia não lhes agradar. Podia ser que eles nem me fizessem nada de mal, mas a sensação de alerta ou de medo não me deixariam adormecer. Deste modo, perguntei:

– Anastasia, e tu onde vais estar esta noite?

– Dentro de água no lago, Vladimir.

– Quer dizer que vais tomar banho. Tens mesmo que tomar banho precisamente esta noite?

– Sim, Vladimir, esta noite é única no ano e eu não devo deixá-la passar. Eu não a interroguei sobre a razão pela qual ela tinha que ir para o lago naquela precisa noite, estava mais interessado na minha questão de como ficar em segurança. Propus-lhe:

– Eu também vou contigo para o lago. Fico sentado na margem enquanto tu te banhas.

– Está bem, Vladimir. Mas veste algo mais quente e levamos erva seca. Assim, se quiseres dormir, podes deitar-te sobre ela.

Assim fizemos. Quando escureceu, deitei-me sobre a erva seca e fiquei a ver o que acontecia.

Aquela noite estava amena e sem vento. As copas das árvores não faziam ruído, não se ouvia nenhum ruído por entre as ervas, nem o sussurrar dos habitantes nocturnos da taiga. No céu limpo luziam inúmeras estrelas de forma extraordinariamente brilhante.

Anastasia ficou de pé na margem do lago olhando em silêncio a sua superfície lisa, na qual as estrelas grandes e pequenas se reflectiam como num espelho. Depois despiu o vestido e entrou nua no lago. Durante algum tempo ficou com a água pelos joelhos, depois agachou-se e começou a afagar cuidadosamente a água com as palmas das mãos. E de repente Anastasia mergulhou na miríade de estrelas reflectidas na água. Mergulhou com cuidado, sem agitar a água. Ao emergir, começou a nadar devagar, em círculo. Foi depois diminuindo gradualmente o diâmetro dos círculos, até que se encontrou precisamente no centro do lago. Ali, virou-se de costas e ficou deitada a flutuar na água com o rosto virado para o céu, com os braços estendidos para os lados.

Como as estrelas do céu se reflectiam na água do lago, parecia que ela estava deitada no meio de um espaço repleto de astros luminosos por toda a parte, por cima e por baixo, fazendo ela própria parte da família estelar.

A água do lago pulsava com uma luz colorida e suave, quase imperceptível. O lago estrelado e todo o espaço em redor encantavam, e eu adormeci, sem pensar em nada.

Acordei com a aurora, quando as estrelas já não se reflectiam no lado, e Anastasia estava sentada ao meu lado vestida com o seu vestidito de malha, abraçando os joelhos, com a cabeça pousada sobre eles. Ela não se mexia.

Embora fosse muito cedo, eu já não conseguia dormir. Queria saber porque é que ela tinha feito aquele procedimento nocturno tão estranho?

Cheguei-me para perto de Anastasia e, afagando o seu braço, disse:

– Não te ofendas com o que te vou dizer, Anastasia.

– Diz, Vladimir, eu não me ofendo.

– Esta noite foi muito bonito no lago. Eu nunca tinha visto algo tão belo na minha vida e nunca tinha tido uma experiência tão agradável. Parecia que este lago não se encontrava na taiga siberiana, mas sim no meio do universo. Mas, Anastasia, não devias ficar tanto tempo dentro de água. Agora tens que te cuidar. Penso que não devias fazer o que fizeste esta noite. A água já não está suficientemente morna para tomar banho, tu podes constipar-te ou pode acontecer qualquer outra coisa má, e tu estás à espera de bebé e deves proteger-te, ainda por cima não vejo nenhum sentido nesse procedimento ou ritual.

– Há um sentido naquilo que eu fiz, Vladimir.

– Qual?

– A água deste lago banhou a minha mãe, quando eu apareci no mundo. E em geral, a água é muito, muito importante, ela está presente em todos os seres vivos existentes no universo.

A água da vida contém em si toda a informação sobre a co-criação da vida no universo. E ela ainda contém todos os pensamentos e sentimentos que alguma vez o ser humano produziu. E a água também pode sentir e reagir às emoções humanas.

– Pode ser que seja assim, Anastasia, eu não sei, mas para quê tomar banho de noite no lago? Porque é que tens que fazer isso?

– Vladimir, eu quero conhecer a forma como viveram as pessoas desde o seu aparecimento até aos dias de hoje. Quero determinar em que momentos e séculos elas foram mais felizes. Saber o que lhes trouxe a maior felicidade, e depois falar sobre isso às pessoas de hoje, para que elas sejam felizes, para que os nossos filhos sejam felizes.

– Mas porventura isso é possível, conhecer os feitos das pessoas que viveram há muitos séculos atrás?

– É possível, sim, Vladimir. Quando uma criança nasce, ao crescer, ela torna-se parecida com os seus pais, exteriormente e não só, mas ela também é parecida com o primeiro homem. Ela tem o mesmo sangue e na profundidade da sua memória guarda toda a informação desde o momento da co-criação. Ela não pensa sobre essa informação, mas com algum esforço é possível relembrar tudo.

– Suponhamos que é possível, mas essas lembranças serão apenas sobre os antepassados dessa pessoa em particular.

– Claro, Vladimir, que é apenas sobre os seus antepassados, sobre os seus progenitores. A memória das minhas células mostra-me imagens da vida dos meus progenitores e antepassados, apenas dos meus.

Anastasia deu um salto, correu até ao lago e tocou cuidadosamente a água, depois virou-se para mim e continuou:

– Mas a água conhece o passado de todas as pessoas, nela existe informação sobre todos e sobre tudo o que alguma vez sucedeu no universo. E ela ajuda-me a ver isso. Quando eu me encontro no centro do lago e penso, ela pensa juntamente comigo e procura as imagens necessárias, ela até verifica tudo o que sucede em todos os planetas, porque ela está em toda a parte.

No lago reflectem-se as estrelas, e as estrelas reflectem-se nos meus olhos, nesse momento nós somos um. Toda a informação do universo se torna acessível ao ser humano, uma vez que nesse momento ele se sente uma partícula do universo. O universo alegra-se quando o ser humano se sente uma partícula sua, e está pronto para o servir e materializar, na realidade, o que foi pensado pelo ser humano.

Eu escutava como Anastasia falava com uma convicção tranquila sobre o universo, as estrelas e a água e pensava: «Esta jovem beldade vive na taiga e não tem nenhuns problemas domésticos como no nosso mundo tecnocrático, talvez por isso os seus pensamentos e noções sobre o funcionamento do universo sejam tão peculiares. Ela fala sobre as suas noções do mundo com tanta convicção, que nem me sinto à vontade para falar sobre as minhas dúvidas em relação ao que ela diz». Disse em voz alta:

– Tu, Anastasia, analisas a vida humana como se fosses uma cientista. Que espaço de tempo conseguiste visualizar?

– Para já muito pouco, apenas nove milénios.

– Esse teu muito pouco, é na verdade muito! E que conclusões tiraste daquilo que viste?

– Eu conto-te sobre as minhas conclusões mais tarde, Vladimir. Ou mostro-te simplesmente imagens e tu e as outras pessoas poderão tirar as vossas próprias conclusões a partir delas.

– As pessoas poderão tirar conclusões, claro, se acreditarem no que tu dizes. Por exemplo, falas sobre a água de uma forma particular, mas onde estão as provas de que a água pode guardar informação e ainda reagir às emoções humanas?

– Eu acho que os vossos cientistas modernos têm essas provas.

– Eu não ouvi dizer nada sobre isso. A nossa relação com a água é simples, ela é simplesmente água, uma partícula da natureza que rodeia o ser humano.

– Sim, é uma partícula, uma partícula viva e há pouco quem pense nela como um ser vivo. Tu pedes provas, embora a maior parte do teu corpo seja constituída por água.

Eu posso falar-te sobre os procedimentos que qualquer pessoa pode ter, para sentir por si própria as possibilidades magníficas da água viva.

– Fala.

– Para ti ou para quem queira experimentar por si mesmo as propriedades curativas da água, é primeiro necessário encontrar uma nascente com água que seja mais ao seu gosto.

Deve-se trazer essa água para casa, dividi-la em recipientes e congelá-la. Em cada noite deve-se colocar num recipiente sobre a mesa, a quantidade necessária para ser utilizada no dia seguinte, de preferência sobre um pano verde.

Antes de dormir é necessário dizer à água palavras bondosas ou simplesmente pensar sobre ela de forma carinhosa.

Nessa sala não deve estar demasiado calor e é necessário que reste ainda um pouco de gelo na água. Se não for o caso, é preciso acrescentar um pedacinho de gelo que se guarda em separado no congelador.

É desejável acrescentar à água morna um pedacinho de gelo. E ao chá quente que bebes também.

Enquanto o gelo estiver a derreter, é bom pensar sobre a água com carinho, podem dizer-se palavras bondosas para ela, como se fosse um ser vivo. Pode acrescentar-se uma gotinha de óleo de cedro à água descongelada. Não importa em que quantidade de água cairá essa gotinha, a informação dela vai espalhar-se por todo o volume de água, essa informação é muito importante.

Antes de dormir pode afagar-se o recipiente com a água e soprar ar de dentro de ti para a água.

No dia seguinte, quando acordares, saúda a água. É desejável beber a água em golinhos pequenos e sem pressa.

E ainda se pode molhar o rosto.

Quando no teu corpo houver qualquer tipo de doenças, a água começará a curá-las. Vais sentir melhoras após três dias.

Se consumires essa água durante noventa e nove dias, até as doenças sérias sairão do teu corpo e vais notar como a pele no teu rosto melhorará significativemente.

Se quiseres que o teu corpo rejuvenesça e o pensamento comece a trabalhar com maior rapidez, então para além de consumir a água podes tomar óleo de cedro de manhã, ao meio-dia e ao início da noite, um golinho de cada vez. E ainda mel de diferentes plantas e pólen de flores na quantidade que te for agradável. Mas não se deve misturá-los com a água. Se assim fizeres durante trinta dias, o teu pensamento começará a trabalhar com grande velocidade, e o corpo vai rejuvenescer.

– Aquilo que tu contas, Anastasia, merece atenção, porque pode ser comprovado por cientistas e pessoas comuns. Mas de onde sabes tudo isso? Dos teus antepassados?

– Da água – proferiu Anastasia e começou a rir, rodopiou alegrando-se com alguma coisa, depois parou e acrescentou seriamente – e ainda das estrelas.

CAPÍTULO 15



Um ajudante para educar o seu filho

Quando perguntei a Anastasia de que forma um terreno de plantio, mesmo tendo sido plantado da maneira especial como ela descreveu e estando em contacto íntimo com uma pessoa, podia facilitar a educação de crianças, esperava ouvir uma resposta do género: «é essencial desenvolver nas crianças o amor para com a Natureza.» Contudo, enganei-me. O que ela disse impressionou-me pela simplicidade de argumentos e, ao mesmo tempo, pela profundidade do sentido filosófico.

– A Natureza e a inteligência do universo fizeram-no de tal modo, que cada novo ser humano nasce como um soberano, um rei! É como um anjo – puro e imaculado. A moleirinha ainda aberta recebe um fluxo enorme de informação do Universo. As capacidades inerentes a cada recém-nascido são tais, que permitem que este se torne no mais sábio ser do universo, à semelhança de Deus. Leva muito pouco tempo até que comece a oferecer felicidade e graça aos pais. Este tempo, durante o qual ele se torna desperto sobre o que constitui a criação, e reconhece a essência do universo e o sentido da vida humana, é um período de apenas nove anos terrenos. Tudo o que necessita para o realizar já existe. Os pais têm apenas que não distorcer a forma genuína e natural em que a criança vê o mundo, não o separando das mais perfeitas criações do Universo.

O mundo tecnocrata, contudo, não permite que os pais o façam.

O que vê o bebé com o seu primeiro olhar consciente? Um tecto, a borda da cama, uns trapos, as paredes; atributos e valores do mundo artificial, criados pela sociedade tecnocrata. E é também neste mundo que se encontra a mãe e o seu peito. «Certamente, é assim que tem que ser!», pensa ele.

Os seus pais, sorridentes, oferecem-lhe brinquedos e outros objectos que chocalham e chiam, os brinquedos, como se estes fossem preciosidades. Para quê? Ele gastará imenso tempo a tentar compreender para que é que chocalham e chiam.

Tentará compreendê-los com o seu consciente e também com o subconsciente.

Depois, estes mesmos pais sorridentes vão embrulhá-lo nuns trapos, e ele vai sentir-se desconfortável! Tentará libertar-se, mas em vão! O único meio de protesto é um grito! Um grito de protesto, um pedido de ajuda, um grito de indignação! A partir deste momento, este anjo e soberano torna-se um escravo, um mendigo que pede esmolas.

Presenteiam o bebé com atributos do mundo artificial, um atrás do outro, como se fosse uma bênção. Novos brinquedos, roupas novas, impingem tudo isto como se estes objectos fossem o que há de mais importante no mundo ao qual ele chegou.

Mesmo pequeno, ele é já o ser mais perfeito no universo, mas cerceiam-no, tratando-o assim como um ser imperfeito, e mesmo nas instituições onde, como vocês pensam, se dá instrução, falam-lhe sobre os valores do mundo artificial.

Somente cerca dos nove anos mencionam «por alto» a existência do mundo da Natureza, como agregado de algo mais importante – o mundo dos objectos manufacturados.

A maioria das pessoas não está em posição de tomar consciência da verdade até o fim dos seus dias. A pergunta aparentemente simples: «em que consiste o sentido da vida?» – fica assim sem resposta.

E este, o sentido da vida, encontra-se na verdade, na alegria e no amor.

Uma criança de nove anos educada no mundo natural tem uma percepção da criação e uma visão do mundo mais exacta do que todas as instituições educacionais do vosso mundo, e do que muitos dos proeminentes cientistas da vossa sociedade.

– Espera aí, Anastasia! Provavelmente, estás a falar do conhecimento da Natureza. Se a sua vida decorrer assim como a tua, então eu posso concordar contigo. Mas uma pessoa moderna é obrigada a viver precisamente no nosso mundo tecnocrata, como tu lhe chamas, agora se isso é bom ou mau, já é outra questão.

Uma pessoa educada assim como tu propões vai conhecer a Natureza, senti-la, mas no resto será completamente ignorante. Existem outras ciências como a matemática, a física, a química, ou simplesmente o conhecimento da vida e das suas manifestações sociais.

– Para quem tomar atempadamente conhecimento acerca do que constitui a criação, tudo isso é irrelevante. Se essa pessoa quiser ou considerar necessário salientar-se na área de alguma ciência, superará com facilidade aquelas que não tomaram conhecimento das bases do universo...

– Como é que isso pode acontecer de repente?

– Uma pessoa do mundo tecnocrata ainda nada inventou que não exista na Natureza. Mesmo o mais perfeito mecanismo inventado mais não é do que uma pobre imitação do que existe já na Natureza.

– Está bem, que seja assim. Mas tu prometeste explicar-me como é que se pode educar e desenvolver as capacidades de uma criança nas nossas condições. Fala de modo que possa ser compreendido, dando exemplos concretos.

– Vou tentar dar exemplos concretos – respondeu Anastasia – Eu já visualizei situações como estas e tentei sugerir a uma família o que deveria fazer, mas eles não conseguiram encontrar o momento crucial para fazer ao filho a pergunta... Estes pais tiveram um filho extraordinariamente puro e talentoso, que podia trazer muitos benefícios às pessoas que vivem na Terra, mas... Estes pais vão com este bebé de três anos para o seu terreno da *dacha* e levam consigo os seus brinquedos preferidos. Brinquedos artificiais, que tomam o lugar das verdadeiras prioridades do universo.

Oh, se eles não o fizessem!... A criança poderia ficar entretida com alguma coisa mais interessante do que a convivência sem sentido, e até prejudicial, dos objectos manufacturados.

Primeiro que tudo, peçam-lhe para vos ajudarem, mas façam-no com toda a seriedade, porque ainda por cima ele vai ajudar-vos mesmo.

Se fizerem uma sementeira, peçam-lhe que segure as sementes preparadas para semear, ou para remexer a terra ou para ser ele a colocar a semente na cova preparada para o efeito. Ao mesmo tempo, contem-lhe o que estão a fazer, pode ser assim, por exemplo:

«Nós colocamos a sementinha dentro da cova e cobrimo-la com terra. Quando o sol brilhar e aquecer a terra, a semente vai sentir calor e vai começar a crescer, vai querer ver o sol e espreitará da terra um rebentinho verde, assim como este – Neste momento, mostra-se-lhe uma ervinha qualquer – Se o rebento gostar, vai crescer mais e mais e poderá transformar-se numa árvore, ou numa coisa mais pequena, como uma flor. Eu quero que esta planta nos

traga um fruto saboroso, e tu vais comê-lo se gostares dele. O rebentinho vai preparar o seu fruto para ti.»

De cada vez que forem com a criança para o vosso terreno, ou quando ele acordar de manhã, a primeira coisa a fazer é proporem-lhe ir ver se o rebento apareceu. Se virem o rebento a despontar, alegrem-se.

Se plantarem em vez de semear, também é preciso explicar à criança o que estão a fazer. Se estão a plantar uma fileira de tomates, por exemplo, deixem que ele traga os caules um a um. Se ele quebrar um caule sem querer, segurem na mão o caule quebrado e digam: «Eu penso que este não vai sobreviver e não dará fruto, porque se quebrou, mas mesmo assim vamos experimentar plantá-lo.» E plantem pelo menos um caule quebrado juntamente com os outros. Passados alguns dias, quando visitarem de novo a horta com o vosso filho e os caules de tomate já estiverem fortalecidos, apontem-lhe o caule quebrado que estará murcho e relembrem a criança de que ele estava quebrado quando foi plantado. Não lhe falem num tom de voz repreensivo. É necessário falar com a criança de igual para igual. Na vossa consciência deverá estar presente que nalgumas coisas ele vos ultrapassa, por exemplo na pureza de pensamentos. Ele é um anjo! Se conseguirem entender isto, no futuro já vão conseguir agir intuitivamente, e o vosso filho tornar-se-á uma pessoa capaz de vos fazer verdadeiramente felizes.

Quando forem dormir sob o céu estrelado, levem o vosso filho convosco. Deitem-no ao vosso lado, deixem que ele olhe o céu e as estrelas, mas de modo algum lhe digam os nomes dos planetas, nem a forma como entendem a sua origem e função, porque vocês mesmos não o sabem e os dogmas que existem no vosso cérebro irão apenas afastar a criança da verdade. O seu subconsciente sabe a verdade e ela passará, por si mesma, para a sua consciência. Podem

dizer-lhe apenas que gostam de olhar para as estrelas a brilhar, e perguntar-lhe de qual das estrelas gosta mais.

Em geral, é muito importante saber fazer perguntas a uma criança. No ano seguinte, poderá propor à criança que faça a sua própria horta, que a embeleze, dando-lhe a oportunidade de fazer nela tudo o que ela quiser. De modo algum se deve obrigá-la a fazer alguma coisa ou corrigir-lhe o que ela fez. Pode apenas perguntar-se-lhe o que quer, e pode-se prestar ajuda somente após lhe ter sido pedida autorização para trabalhar em conjunto. Quando forem à horta semear cereais, deixem que seja ela a lançar com a sua mão os grãos à terra.

– Está bem – respondi a Anastasia, desconfiado – pode ser que assim a criança desenvolva o interesse para com o mundo vegetal, e poderá tornar-se um bom agrónomo, mas de onde surgirão os conhecimentos nas outras áreas?

– Como assim, de onde? A questão não está apenas em ela saber e sentir como crescem as coisas. O mais importante é que começará a pensar, a analisar, e no seu cérebro vão despertar as células que a partir daí irão funcionar toda a sua vida. Elas é que a tornarão mais inteligente e talentosa em comparação com aquelas nas quais as células estão adormecidas.

No que diz respeito à vida quotidiana, dentro do que chamam de progresso, ela pode revelar-se insuperável em qualquer área, e a pureza do seu pensamento, superior à das outras pessoas, vai torná-la mais feliz. O contacto estabelecido com os seus planetas vai permitir-lhe receber permanentemente nova informação, e trocar mais e mais informação. Tudo isto será recebido pelo seu subconsciente e transmitido ao consciente sob a forma de novas ideias e descobertas. Exteriormente, será uma pessoa comum, mas interiormente... Vocês chamam essas pessoas de génios.

CAPÍTULO 16

A escola da floresta

– Diz-me, Anastasia, foi assim exactamente que os teus pais te educaram?

Ela respondeu-me depois de uma breve pausa, durante a qual provavelmente recordou a sua infância. Anastasia sentou-se depois na erva, afagou-a com as palmas das suas mãos e começou a falar:

– Eu praticamente não me lembro dos meus pais em corpo. Eu fui criada pelo avô e pelo bisavô exactamente como te expliquei agora. Mas desde muito cedo que sentia a Natureza e o mundo animal que me rodeava, talvez sem ter inteira noção do propósito de todo o seu mecanismo, mas isso já não é o mais importante, quando se consegue sentir.

Eu continuei a viver nesta clareira sem pai nem mãe, mas não estava sozinha.

À minha volta, na erva, viviam inúmeros insectos e escaravelhos; eu apresentava-lhes a minha mão, eles saltavam e rastejavam-me pelos braços, e eu observava-os, analisando por que razão seriam tão diferentes. Porque era uma alegria brincar com eles, ou por alguma outra razão?

Também me agradavam os animais grandes, era interessante para mim estar com eles, especialmente quando aprendi, não apenas a andar, mas também a correr.

Era amiga da loba, da ursa e da raposa. Elas também eram minhas amigas, enquanto entre si, por vezes, brigavam.

Eu queria muito compreender a linguagem e pensamento delas, porque queria entender porque é que nenhuma delas me deixava afastar da clareira.

Quando nenhum dos animais grandes se encontrava perto de mim, eu muitas vezes queria caminhar pela taiga para longe da clareira, para ver o que acontecia por lá.

Mas, assim que me afastava um pouco, logo algum deles me barrava o caminho e ainda me protegia rosnando.

Uma vez, a ursa deu-me uma palmada com a pata. Eu fiquei naquela altura tão ofendida com ela, que decidi não olhar mais na sua direcção.

Ela andou atrás de mim um dia inteiro, e eu virava-me para o outro lado. Depois começou a uivar em lamento. Eu fiquei com pena dela, aproximei-me e fiz-lhe uma festa, e ela começou a lamber-me as mãos e os pés alegremente.

Compreendi então que os animais conversavam através da tonalidade dos sons que faziam, e também com gestos, e comecei a observá-los atentamente e a aprender a sua linguagem.

Mais tarde compreendi também que não me deixavam afastar da clareira porque fora dali era o território de outros animais que não me conheciam, como acontecia com aqueles que habitavam no espaço onde tinha nascido.

De tempos a tempos, o avô e o bisavô vinham ter comigo à clareira. Muitas vezes faziam-me perguntas e pediam-me que lhes respondesse.

Entre nós, a geração mais velha relaciona-se com um bebé ou uma criança como com uma divindade, e testa a sua pureza através das respostas da criança.

Eu pedi a Anastasia que se recordasse de uma pergunta concreta e da resposta a essa pergunta. Ela sorriu, e contou-me:

– Uma vez eu estava a brincar com uma cobrinha. Virei-me, e ali estavam o avô e o bisavô perto de mim e a sorrirem. Alegrei-me de imediato, porque era interessante estar com eles. Eles eram os únicos que me podiam fazer perguntas e os seus corações batem no mesmo ritmo que o meu, enquanto o dos animais é diferente.

Corri para eles. O bisavô fez-me uma vénia e o avô sentou-me nos seus joelhos. Eu conseguia ouvir como batia o seu coração, e mexia nos pêlos da sua barba. Ninguém falava. Pensávamos somente. Era um sentimento bom, de tranquilidade e alegria. Depois, o avô perguntou-me:

– Diz -me, Anastasia, por que é que me crescem pêlos aqui e aqui – apontando para a cabeça e para a barba – E não aqui? – apontando para o nariz e para a testa.

– Eu toquei-lhe na testa e no nariz, mas a resposta não surgia e eu não podia dar-lhe uma resposta sem pensar, tinha que compreender por mim própria.

Quando vieram outra vez, o avô disse-me novamente:

– Bem, continuo a pensar, por que é que me crescem pêlos aqui, e não aqui? – apontando novamente para o nariz e para a testa.

O bisavô olhou-me com seriedade e atenção. Então, pensei que podia ser mesmo um problema sério, e perguntei-lhe:

– Avô, porque perguntas, queres muito que o teu cabelo cresça por toda a parte? Mesmo na testa e no nariz?

O bisavô ficou pensativo, enquanto o avô respondeu:

– Não, não quero.

– Então, por isso é que não crescem, porque tu não queres! – disse eu ao avô.

Ele reflectiu, afagando a barba, e disse como se perguntando a si mesmo:

– E aqui crescem, porque eu assim quero?

Eu confirmei-lhe:

– Claro, avô, tu, eu e Aquele que te inventou.

Neste ponto, o bisavô perguntou-me com um tanto de excitação:

– E quem foi que inventou?

– Aquele que inventou tudo – respondi.

– Onde está Ele, mostra-mo! – perguntou-me o bisavô, fazendo-me uma vénia.

Eu não pude responder-lhe logo, mas esta pergunta permaneceu em mim, e passei frequentemente a pensar nela.

– E depois respondeste-lhe? – perguntei.

– Respondi-lhe, passado mais ou menos um ano, e recebi novas perguntas. Enquanto não tinha respondido, nem o avô nem o bisavô me fizeram mais perguntas e eu afligia-me com isso.

CAPÍTULO 17



Atenção para com o ser humano

Quando perguntei a Anastasia quem a tinha ensinado a falar, já que ela quase não se lembrava da mãe e do pai, e tanto o avô como o bisavô raramente conviviam com ela, as respostas que obtive surpreenderam-me, chocaram-me e penso que necessitam de reflexão por parte de especialistas, pelo que vou tentar reproduzi-las da forma mais completa possível. Para mim, o significado foi sendo revelado gradualmente.

À minha primeira pergunta, ela respondeu-me com outra pergunta:

– Referes-te à capacidade de falar as línguas de diferentes povos?

– Como assim, «diferentes», tu sabes falar mais do que uma língua?

– Sim – respondeu Anastasia.

– Incluindo Alemão, Francês, Inglês, Japonês e Chinês?

– Se aparece um interlocutor interessante e existe vontade de conversar numa língua cómoda para ele, sim. Por exemplo, eu agora estou a falar na tua língua.

– Queres dizer, em Russo.

– No teu Russo, eu tento falar usando expressões e palavras que tu utilizas no teu discurso. A princípio foi um bocadinho difícil para mim, porque tens um vocabulário limitado e repetes as expressões

de linguagem. Também exprimes os sentimentos de forma pouco rica. Não é uma linguagem que me permita dizer facilmente, de modo exacto, tudo o que eu gostaria de dizer.

– Espera, Anastasia. Vou agora perguntar-te alguma coisa numa língua estrangeira e tu respondes.

Disse-lhe: «olá» em Inglês, depois em Francês. Ela respondeu prontamente, mas não em palavras, saudou-me em gestos.

Infelizmente eu não domino línguas estrangeiras. Na escola estudei Alemão, mas mesmo assim não tinha boas notas. Lembrei-me de uma frase inteira que eu e os meus colegas de escola aprendemos bem de cor. E disse-a a Anastasia:

– *Ich liebe dich, und gib mir deine Hand.*

Ela estendeu-me a mão e respondeu em alemão:

– Eu dou-te a minha mão.

Apareceram rosáceas nas suas faces, estendeu-me a mão e proferiu em sussurro:

– Disseste-me algo muito bom, Vladimir...

Ela entendia-me, qualquer que fosse a língua em que eu falasse.

Surpreendido com o que ouvira, ainda sem acreditar nos meus ouvidos, perguntei:

– Quer dizer que podem ensinar-se todas as línguas a qualquer pessoa?

Senti intuitivamente que para este fenómeno extraordinário devia haver alguma explicação simples, e eu queria compreendê-la.

– Anastasia, talvez possas explicar-me isto na minha linguagem e tentando dar alguns exemplos, de forma a eu perceber – pedi-lhe um pouco agitado.

– Está bem, está bem, mas acalma-te, descontrai, senão não vais entender. E primeiro vou ensinar-te a escrever em Russo.

– Eu sei escrever. Fala-me é sobre o ensino de línguas estrangeiras.

– E não apenas a escrever, eu vou ensinar-te a ser um escritor com talento. Vais escrever um livro.

– Isso é impossível!

– É possível! E é simples!

Anastasia pegou num pauzinho, desenhou na terra todo o alfabeto Russo e sinais de pontuação, e perguntou-me quantas letras estavam ali.

– Trinta e três – respondi.

– Como vês, as letras nem são muitas. Podes chamar livro àquilo que desenhei?

– Não – respondi – é o alfabeto comum, nada mais. Letras comuns.

– Mas todos os livros em língua Russa são feitos de combinações diferentes destas letras comuns – observou Anastasia – Concordas? Entendes como tudo é tão simples?

– Sim, mas nos livros elas estão dispostas de outra forma.

– Correcto, todos os livros são constituídos por numerosas e variadas combinações destas letras. O autor distribui-as automaticamente, sendo ao mesmo tempo guiado por sentimentos. Assim se deduz que nasce primeiro, não a combinação de letras e sons, mas os sentimentos desenhados pela imaginação dele.

E naqueles que vierem a ler surgirão aproximadamente os mesmos sentimentos, que ficam na memória durante muito tempo. Consegues recordar-te de algumas imagens ou situações de livros que leste?

– Consigo – respondi, depois de pensar.

Por alguma razão lembrei-me do *Herói do Nosso Tempo*, de Lermontov, e comecei a contar a história a Anastasia. Ela interrompeu-me:

– Estás a ver, podes descrever os heróis deste livro, e contar-me o que eles sentiram, embora tenha passado bastante tempo desde que

o leste. Se eu te pedisse que me dissesses em que sequência estão distribuídas as trinta e três letras do alfabeto Russo neste livro, e que combinações são construídas por elas, poderias recriá-lo?

– Não, isso é impossível. Eu não me lembro de todo o texto palavra por palavra.

– Isso é realmente muito difícil. Quer dizer que os sentimentos de uma pessoa se transmitiram a outra com o auxílio de inúmeras combinações das trinta e três letras. Olhaste para estas combinações de letras e esqueceste-as imediatamente, mas os sentimentos e as imagens ficaram na tua memória por muito tempo. O que se passa é que, se os sentimentos emocionais forem directamente associados com estes símbolos, sem pensarmos em quaisquer convenções, a alma impele estes símbolos a organizarem-se, a alterarem as combinações entre si de tal forma, que o leitor pode em seguida sentir a alma de quem escreveu... E se, na alma de quem escreveu...

– Espera, Anastasia, Diz-me isso de forma mais simples e compreensível. Dá um exemplo concreto que ilustre o ensino das línguas. E quem te ensinou isso?

– O meu bisavô – respondeu Anastasia.

– Conta com exemplos, por favor.

– Ele brincava comigo.

– Como é que ele brincava? Conta.

– Tem calma, descontrai-te! Não consigo perceber porque estás tão impaciente!

E continuou, calmamente:

– O bisavô brincava comigo como se estivesse a gracejar. Sempre que ele vinha ter comigo sozinho, sem o avô, aproximava-se, dobrava-se pela cintura numa vénia, estendia-me a mão, e eu estendia-lhe a minha. Primeiro segurava-me na mão, depois, apoiado num joelho beijava-a e dizia: «Olá Anastasia».

Uma vez chegou, fez tudo como de costume, olhando-me com ternura como sempre, mas os lábios diziam algo que eu não entendi. Olhei para ele admirada, e ele tornou a dizer-me qualquer coisa diferente, sem ligação alguma com a anterior. Eu não aguentei mais e perguntei-lhe:

– Avozinho esqueceste o que tinhas para me dizer?

– Esqueci – respondeu.

Depois o bisavô afastou-se de mim uns passos, pensou em algo e aproximou-se de novo. Estendeu-me a mão e eu a minha para ele. Apoiou-se num joelho e beijou-me a mão. O olhar afectuoso, os lábios a mexer, mas não dizia nada. Até me assustei. Então, dei-lhe uma dica:

– Olá, Anastasia! Eram estas as palavras que dizias sempre, avôzinho.

– Certo – confirmou o bisavô, e sorriu.

Neste momento compreendi que era um jogo, e passámos a brincar assim frequentemente. Inicialmente era simples, depois o jogo tornou-se gradualmente mais complexo, e também mais interessante. Eu tentava observar o rosto do bisavô com muita atenção e memorizava as palavras que correspondiam a certa expressão dos olhos, às rugas na testa, ao movimento dos lábios e a gestos quase imperceptíveis. Foi um jogo que começou quando tinha cerca de três anos e foi até aos onze anos, quando fiz uma espécie de teste. Este consiste em olhar atentamente para a pessoa com quem se está a falar e ser capaz de compreender o que a pessoa está a dizer sem palavras, qualquer que seja a língua em que ela se exprime.

Esta espécie de diálogo é muito mais perfeita que o discurso verbal, muito mais rápida e completa. É o que vocês chamam de transmissão de pensamento à distância. Consideram-no um fenómeno invulgar, do domínio do fantástico, mas é apenas uma atitude

atenta para com o ser humano, imaginação desenvolvida e boa memória. Isto envolve não só um método mais perfeito de troca de informação, mas também uma forma de conhecer a alma humana, juntamente com ambos os mundos, vegetal e animal, e o que constitui a criação como um todo.

– Então isso é tudo... mas eu pensei que tu podias falar em qualquer língua, e afinal tu simplesmente sentes os pensamentos do teu interlocutor, e mesmo assim não imediatamente, apenas passado algum tempo de convívio com ele.

– Sim, é assim Vladimir, mas em seguida podem decorar-se também todas as palavras que correspondem aos pensamentos, qualquer que seja a língua em que essas palavras são proferidas. E ainda, com a ajuda deste jogo, pode aprender-se a compreender a vontade dos animais e dos pássaros.

– Anastasia – perguntei, e o que tem isto a ver com as plantas que crescem numa horta, num pedaço de terra, qual é a importância que tem nisto tudo?!

– Como assim, que importância tem? – ao mesmo tempo que um bebé está a conhecer o mundo das plantas como uma partícula do funcionamento do Universo, entra em contacto com os seus planetas. Com o auxílio destes e dos pais, conhece a verdade muito rapidamente e desenvolve-se intensamente nas áreas de Psicologia, Filosofia e Ciências naturais – as vossas disciplinas. Mas, quando estiver a brincar a este jogo, se usar como exemplo alguma espécie de objecto do mundo artificial feito pelo homem, a criança confunde-se. Assim, não recebe ajuda das forças da Natureza ou do universo.

– Já te disse, Anastasia – um bebé até se pode tornar um Agrónomo. Mas nas outras áreas, donde lhe vem o conhecimento?

Anastasia continuou a afirmar que, numa pessoa educada desta forma, surgem capacidades que lhe permitem assimilar rapidamente conhecimentos em qualquer área das nossas disciplinas lectivas.

CAPÍTULO 18



Discos voadores? Nada de extraordinário!

Pedi-lhe então que me desse um exemplo dos seus conhecimentos na área da tecnologia.

– Queres que te diga como funcionam todos os diversos mecanismos do vosso mundo?

– Alguma coisa da qual os nossos proeminentes cientistas se estejam só a aproximar. Podes, por exemplo, fazer uma grandiosa descoberta científica.

– Mas isso é o que eu te tenho estado a revelar a toda a hora.

– Não só para mim, para o mundo científico, para que seja considerada uma descoberta que possa ser comprovada, assim na área da tecnologia, como as naves espaciais, o átomo ou um combustível para os automóveis. Já que dizes que tudo é tão simples!

– Em comparação com o que tento explicar-te, estas áreas que mencionas são coisas da idade da pedra, para usar uma expressão da vossa linguagem.

– Óptimo! Para ti é primitivo, mas em compensação será fácil para mim compreender. Podes provar que é verdade e confirmar que a tua inteligência é superior à minha. Diz-me, por exemplo, o que pensas dos nossos aviões e naves espaciais, não são mecanismos perfeitos?

– Não. São até bastante primitivos. Eles são uma confirmação de que o caminho de desenvolvimento do mundo tecnocrata é primitivo.

Esta resposta alertou-me, uma vez que eu percebi que, ou ela sabia verdadeiramente mais do que se podia imaginar com uma consciência normal, ou os seus juízos eram os de uma louca. Continuei a questioná-la:

– Em que consiste o primitivismo dos nossos foguetões e aviões?

Anastasia respondeu-me, após uma breve pausa, dando-me assim oportunidade de me concentrar.

– O funcionamento de todas as vossas máquinas, mesmo a mais simples, é baseado na energia de explosão. Não conhecendo quaisquer fontes de energia natural mais eficazes utilizam estas, que são tão primitivas, com uma incrível e insistente teimosia. Nem mesmo as consequências destrutivas da sua utilização vos detêm! A extensão de voo dos vossos aviões e foguetões é simplesmente de rir, de acordo com a escala do universo elevam-se apenas um pouquinho acima da Terra, e mesmo assim este meio já atingiu quase o seu limite, não concordas? Mas isto é ridículo! Uma substância em combustão ou em explosão impulsiona uma estrutura assombrosa, a que chamam nave espacial. No entanto, grande parte desta nave tem por objectivo precisamente «resolver» o problema da propulsão.

– E que outro princípio de movimentação pela atmosfera pode haver?

– Um disco voador pode ser um bom exemplo – respondeu Anastasia.

– O quê? Sabes alguma coisa sobre discos voadores e o seu sistema de propulsão?

– Claro que sei. Ele é muito simples e racional.

Até me secou a garganta, e comecei a apressá-la:

– Conta, Anastasia, depressa... e de modo que eu possa compreender.

– Está bem, não te excites, senão, com a preocupação vais ter mais dificuldade em perceber. O princípio de propulsão de um disco voador é baseado na energia de produção de vácuo.

– Como assim? – explica-me.

– Tu tens ainda um vocabulário limitado, para que percebas devo servir-me apenas dele.

– Vou então acrescentar mais – disse inquieto e sem preâmbulos — frasco, tampa, comprimido, ar... – comecei a enumerar todas as palavras que me vinham à cabeça naquele momento, até disse palavrões.

Anastasia interrompeu-me:

– Não é preciso aborreceres-te, sei todas as palavras com as quais podes exprimir-te, mas existem ainda outras e um outro modo completamente diferente de transmitir a informação. Com o seu auxílio, poderia explicar-te num minuto, assim pode demorar umas duas horas. Isso é muito, e eu realmente gostava de te falar sobre outra coisa muito mais significativa.

– Não, Anastasia, conta-me sobre os discos voadores, o princípio da sua movimentação, os métodos de propulsão e os transmissores de energia. Enquanto não perceber, não vou ouvir mais nada.

– Está bem – continuou ela – uma explosão é quando uma substância sólida se transforma rapidamente, sob uma influência particular, num gás ou líquido ou quando, por uma reacção, duas substâncias gasosas passam a ser mais leves. Isto é claro que toda a gente entende.

– Sim – respondi – Se um pó for queimado transforma-se em fumo e a gasolina transforma-se em gás.

– Sim, mais ou menos. Se tu ou as vossas pessoas, tivessem pensamentos mais puros, e consequentemente um conhecimento dos mecanismos da Natureza, poderiam já saber há muito tempo que, se existe uma substância capaz de expansão, de aumentar de volume num instante, passando a outro estado através de uma explosão, então tem que existir o processo oposto[1]. Na Natureza são os microrganismos que transformam as substâncias gasosas em sólidas. De facto, todas as plantas fazem isto, só que em velocidades diferentes e com variados graus de resistência e solidez da substância resultante. Olha à tua volta e verás que as plantas absorvem os nutrientes da terra, respiram ar e então, produzem com estes um corpo vigoroso e sólido, por exemplo, a madeira ou, ainda mais resistente e rijo, uma casca de noz ou um caroço de ameixa. O mais pequeno microrganismo invisível a olho nu faz isto com incrível velocidade, é como se a sua alimentação fosse somente ar. É este mesmo tipo de microrganismos que impulsiona os discos voadores. Eles são parecidos com as micro-células do cérebro, só que as suas funções são estritamente dirigidas. Têm somente uma função – propulsão. E cumprem-na na perfeição, podendo acelerar um disco voador até um duodécimo da velocidade do pensamento de um ser humano habitante da Terra. Estes microrganismos estão localizados dentro da superfície superior do disco voador e posicionados entre as suas paredes duplas, com uma distância de

[1] Muitos cientistas não convencionais têm criticado a geração de energia pela explosão ou combustão de fuel como contranatural e destrutiva. Um deles, chamado por alguns de «feiticeiro da água» Viktos Schauberger (1885-1958), ilustre Engenheiro florestal Austríaco, falou – em termos muito semelhantes aos de Anastasia aqui – da «energia de impulsão» como alternativa natural às tecnologias destrutivas de hoje. Schauberger recebeu profundas intuições sobre o funcionamento da Natureza e, entre outras coisas, esteve envolvido na investigação sobre o uso da impulsão (ou energia de um vácuo) para propulsão. Para uma descrição fascinante sobre o trabalho de Schauberger em eco tecnologia, engenharia florestal, purificação de água e outras áreas, ver o livro de Callum Coats, *Energias Vivas* (Living Energies).

aproximadamente três centímetros entre si. As superfícies superior e inferior das paredes exteriores são porosas e têm buraquinhos minúsculos. Através destes buraquinhos, os microrganismos chupam o ar, criando assim vácuo à frente do disco. As correntes de ar começam a congelar ainda antes de tocarem o disco, quando passam através destes microrganismos, transformando-se em bolinhas.

Em seguida, as esferas aumentam de tamanho aproximadamente até 0,5 centímetros de diâmetro e vão amolecendo. Depois, rolam por entre as paredes da parte inferior do disco, para de novo se decomporem em forma de gás. Podem comer-se, se isso for feito antes de se decomporem.

– As paredes do disco voador, de que são feitas?

– Elas são cultivadas, crescem.

– Como assim?

– Por que te admiras em vez de pensar? Muitas pessoas cultivam um fungo[2] em diferentes frascos. O fungo embebe a água no qual é imerso, fica saborosa e um pouco ácida. O fungo fica com a forma do recipiente em que se encontra. A propósito, esse fungo é muito parecido com um disco voador, ele cria paredes duplas. Se adicionarmos à sua água ainda um outro microrganismo, ocorre a solidificação. Este assim chamado microrganismo pode ser desenvolvido, ou melhor, gerado com o poder do cérebro ou da vontade, através de uma imagem ou de um conceito muito claro.

[2] Este fungo, famoso pelas suas propriedades medicinais, é conhecido como Kombucha (Medusomyces gisevii). Aparenta uma pilha de panquecas ou uma medusa espalmada (o seu nome científico deriva da palavra Alemã para «medusa»), com muitas camadas flutuando à tona de água no recipiente em que é colocado, e eventualmente assumindo a forma desse recipiente. O fungo é cultivado em chá fraco e açucarado. O resultado é uma bebida de sabor agradável usada tanto como refresco como para a cura de um grande número de doenças. Na Rússia este fungo é cultivado por muitas pessoas, sendo colocado em grandes frascos de vidro nos parapeitos das janelas das cozinhas.

– Podes fazê-lo? – perguntei.

– Sim, mas apenas os meus esforços não serão o suficiente. É imprescindível a influência de algumas dezenas de pessoas, detentoras das mesmas capacidades, e é preciso fazê-lo aproximadamente durante um ano.

– Na nossa Terra existe tudo o que é preciso para fazer ou cultivar, como tu dizes, esse disco voador e os microrganismos?

– Claro que existe — Na Terra existe tudo o que há no universo.

– E como se pode colocar os microrganismos dentro das paredes do disco, se são assim tão pequenos que não se vêem?

– Uma vez que a parede superior cresça, ela atrai-os e recolhe-os em grande quantidade, como na colmeia as abelhas são atraídas pelos alvéolos do favo. Aqui, também é necessária a força de vontade de várias dezenas de pessoas. Mas que sentido faz contar detalhadamente tudo o resto, se de qualquer modo vocês não vão conseguir cultivá-la devido à ausência, por enquanto, de pessoas entre vós com a vontade, a inteligência e os conhecimentos necessários?

– E tu, podes ajudar de alguma forma?

– Posso.

– Então, ajuda...

– Mas eu já o fiz.

– O que fizeste? – disse eu sem perceber.

– Contei-te como as crianças deveriam ser educadas. Vou dizer-te ainda mais. Tu contarás isso às pessoas. Muitas vão tomar consciência e os filhos educados desta forma vão ter a inteligência, o conhecimento e a vontade que lhes permitirão fazer, não só um disco voador primitivo, mas muito mais...

– Anastasia, donde te vêm os conhecimentos sobre discos voadores? Vêm também através da comunicação com as plantas?

– Eles aterraram aqui... e eu ajudei-os um pouco a reparar o disco voador.

– Eles são mais inteligentes do que nós?

– Nada disso, até alcançarem o ser humano ainda lhes falta muito, eles temem-no, não se aproximam, embora sejam muito curiosos. De início tiveram medo de mim. Apontaram-me os paralisadores de pensamento. Armaram um espectáculo. Tentaram assustar-me, impressionar-me. Dificilmente os acalmei e os convenci de que os trataria com afeição.

– Mas como podem ser menos inteligentes, se fazem o que o ser humano ainda não consegue fazer?

– O que há de surpreendente nisso? As abelhas também elaboram construções incríveis com materiais naturais, incluindo sistemas completos de ventilação e de aquecimento, mas isso não significa que sejam superiores ao ser humano em inteligência. No universo não há nada, nem ninguém mais forte do que o ser humano, à excepção de Deus!

CAPÍTULO 19



O cérebro, um super computador

A possibilidade de construir um disco voador interessou-me bastante. Mesmo se examinarmos o princípio de propulsão apenas como uma hipótese, esta é já por si inovadora. Contudo, o disco voador é um mecanismo complexo e para nós, terrestres, não é um objecto de primeira necessidade.

Por esta razão, eu queria ouvir alguma coisa que fosse compreensível de imediato. Que esta «alguma coisa» não necessitasse de uma investigação de mentes rebuscadas de cientistas, mas pudesse ser posta em prática nas nossas vidas e trazer benefícios a todas as pessoas. Comecei por pedir a Anastasia que trouxesse uma solução para alguma questão premente com que a nossa sociedade estivesse a ser confrontada nos dias de hoje. Ela concordou, mas perguntou:

– Podes, pelo menos pôr essa questão em termos mais específicos? Como é que eu posso resolver alguma coisa quando não sei o que tens em mente?

Comecei a pensar qual seria o problema que nós hoje enfrentamos e vieram-me à cabeça os seguintes termos para a questão:

– Sabes, Anastasia, hoje nas nossas grandes cidades estamos a ser confrontados com o problema da poluição do meio ambiente. O ar nestas cidades está tão poluído que se torna difícil respirar.

– Mas vocês é que o poluem!

– Sim, é óbvio que nós é que o poluímos. Por favor, ouve-me e não comeces a filosofar acerca de como devemos ser mais puros, ter mais árvores e por aí adiante. Considera tudo como está hoje e inventa alguma coisa... Por exemplo, para reduzir a poluição nas nossas grandes cidades em cerca de cinquenta por cento, sem que para isso sejam necessários gastos do erário público, quer dizer da parte do governo. Que o teu plano seja o mais lógico de todas as possíveis alternativas e que seja possível implementar de imediato, que eu e todas as pessoas o possamos compreender.

– Vou tentar agora mesmo – respondeu Anastasia – Enumeraste todas as condições?

Pelo sim pelo não, tentei complicar ainda mais a questão, para confirmar se a sua inteligência e capacidades seriam realmente muito superiores ao que as nossas mentes podem conceber. Por isso, acrescentei:

– E que também traga lucro!

– Para quem?

– Para mim e também para o país. Tu vives no território da Rússia, portanto, para toda a Rússia.

– Estamos a falar de dinheiro?

– Sim.

– E muito?

– O lucro, Anastasia, quer dizer, o dinheiro, nunca é demasiado. Eu necessito do suficiente para cobrir os custos desta expedição e que chegue para uma outra. Agora para a Rússia...

Fiquei a pensar por um momento... E se eu conseguisse fazer com que Anastasia se interessasse um pouco mais pelos valores materiais da nossa sociedade? Perguntei:

– Não queres nada para ti?

– Eu tenho tudo – respondeu ela.

De repente, surgiu-me uma ideia, algo que possivelmente a poderia interessar.

– Sabes, Anastasia, peço que o teu plano traga tanto dinheiro, que todos os teus queridos *dachniki*, os jardineiros em toda a Rússia, possam receber sementes grátis ou algum tipo de desconto.

– Óptimo! – exclamou Anastasia – Que ideia maravilhosa! Se tu já terminaste, eu vou tentar de imediato. Como me agrada ouvir isso! Sementes... Ou ainda tens mais alguma ideia?

– Não, Anastasia, por agora chega.

Eu senti que a tarefa em si a tinha inspirado, mas especialmente as sementes grátis para os seus *dachniki*. Mas naquele momento eu ainda estava convencido que, mesmo com as capacidades dela, a questão de purificar o ar era simplesmente impossível de resolver; de outro modo as nossas instituições científicas já o teriam feito.

Anastasia deitou-se nas ervas, cheia de energia e tão calma como sempre, com os braços afastados. Os dedos dobrados apontavam para cima e as suas pontas ora se mexiam, ora ficavam imóveis, enquanto as pálpebras dos olhos fechados tremelicavam.

Ficou assim deitada cerca de vinte minutos, depois abriu os olhos, sentou-se, e disse:

– Encontrei. Mas que pesadelo este!

– O que é que encontraste e de que pesadelo estás a falar?!

– O maior mal vem dos chamados automóveis. E há tantos nas grandes cidades; sai deles um cheiro desagradável e substâncias prejudiciais para o organismo. O pior é que estas substâncias se misturam com partículas de terra e de pó, impregnando-os. O movimento destes automóveis levanta o pó impregnado e as pessoas respiram esta mistura horrorosa, que se espalha no ar e pousa nas ervas, nas árvores e cobre tudo em redor. Isto é muito mau. Muito mau para a saúde das pessoas e das plantas.

– Claro que é mau. Isso todos sabem, só que ninguém pode fazer nada. Há máquinas para lavar as ruas, mas não dão conta do recado. Anastasia, tu não descobriste absolutamente nada de novo, não inventaste uma solução original para purificar o ar!

– Mas, eu apenas determinei a principal origem do mal, agora vou analisar, pensar. Preciso de me concentrar durante bastante tempo, talvez até durante uma hora, porque nunca me ocupei deste tipo de problemas. Para não te aborreceres, dá um passeio pela floresta, ou...

– Pensa lá, que eu encontro com que me ocupar.

Anastasia mergulhou em introspecção. Voltando uma hora depois do passeio pela floresta, encontrei-a, como me pareceu, num estado descontente, e disse-lhe:

– Vês, Anastasia, aqui nem o teu cérebro tem o poder de fazer alguma coisa. Não te preocupes, entre nós há muitos institutos de ciência que trabalham sobre este problema, mas eles, assim como tu, apenas constatam o facto da poluição. Por enquanto, também não conseguem fazer nada.

Ela respondeu num tom um tanto apologético:

– Penso que revi todas as possíveis variantes, mas não consigo uma que seja rápida e que reduza a poluição em cinquenta por cento.

Fiquei atento, ela afinal tinha encontrado alguma solução!

– E a tua solução em quanto é que consegue reduzir? – perguntei.

Ela suspirou.

– Fiquei muito longe de atingir o objectivo. A minha solução consegue reduzir a poluição... trinta e cinco ou quarenta por cento.

– O quê?! – não contive a exclamação.

– Fraquinho, não é? – perguntou Anastasia.

A minha garganta secou e senti que ela era incapaz de mentir, exagerar ou não falar com exactidão. Tentando conter a agitação, disse-lhe:

– Então, vamos mudar os termos do projecto, que sejam trinta e oito por cento. Conta depressa o que inventaste.

– É preciso que todos esses automóveis, para além de expelirem esse pó horroroso, o recolham.

– Como é que isso se faz? Diz depressa!

– Como é que chamam a essas coisas que sobressaem na parte da frente dos automóveis?

– Pára-choques – ajudei.

– Então, no pára-choques. Dentro dele ou debaixo é preciso colocar uma caixa com buraquinhos na parte superior, e por detrás também deve haver buraquinhos, para que o ar saia. Durante o movimento dos automóveis o ar poluído e prejudicial será atraído pelos buracos dianteiros, purificando, e depois o ar que escapa pelos buracos de trás já estará purificado em vinte por cento.

– Afinal, onde estão os teus quarenta por cento?

– Hoje, esse pó quase não é removido das estradas, mas com este dispositivo haverá muito menos pó no ar, porque será diariamente recolhido e em toda a parte. Eu calculei que passado um mês, com a ajuda destas caixas, se elas forem instaladas em todos os automóveis, a quantidade de pó poluído diminuirá em quarenta por cento. Mais do que isto a percentagem de poluição não diminui, porque contribuem outros factores.

– De que tamanho devem ser as caixas e o que deverão conter? Quantos buraquinhos e a que distância devem estar uns dos outros?

– Vladimir, talvez queiras também que seja eu a aparafusá-las em cada automóvel?

Pela primeira vez apercebi-me de que ela tem sentido de humor e dei uma gargalhada, imaginando Anastasia a aparafusar as caixas em todos os automóveis. Ela também riu, deliciada com a minha alegria, e começou a fazer piruetas na clareira.

A ideia era realmente muito simples, o resto seria uma questão meramente técnica. Já sozinho, sem Anastasia, comecei a imaginar como é que tudo poderia ser: uma ordem da parte das direcções administrativas, controlo da inspecção rodoviária, mudança de filtros nas bombas de gasolina com entrega dos antigos, um sistema de vales e assim sucessivamente. Uma ordem simples, como os cintos de segurança.

Uma simples assinatura, e cintos de segurança em todos os automóveis. E aqui: uma simples assinatura, e o ar tornar-se-ia mais puro. Os empresários iriam lutar pelo fornecimento das caixas, haveria trabalho para as fábricas e o mais importante é que, no fim de contas, o ar ficaria mais puro...

– Espera – voltei-me para Anastasia, que rodopiava como numa dança – dentro dessas caixas o que é que deve haver?

– Nas caixas... nas caixas. Pensa um bocadinho. É muito simples – respondeu ela, sem parar de rodar.

– E de onde virá o dinheiro para mim e para os *dachniki*, de modo a que chegue para as sementes? – perguntei de novo.

Ela parou.

– O que queres dizer, de onde? Pediste que a minha ideia fosse a mais racional de todas e eu inventei esta: a mais racional! Vão utilizá-las nas grandes cidades de todo o mundo, e pagarão à Rússia por essa ideia, tanto que chegará para as sementes serem grátis. E também te pagarão a ti. Mas só poderás receber o teu dinheiro mediante certas condições.

Naquela altura, não prestei atenção às suas palavras sobre as condições, comecei antes a indagar sobre os pormenores:

– Então, é preciso patentear, não é? Quem é que vai pagar de boa vontade?

– Por que não pagariam? Vão pagar, sim. Vou agora determinar as percentagens. Das caixas produzidas, para a Rússia vão 2% e para ti 0,01%.

– Para que servem as tuas contas? Nalgumas coisas és barra, mas em negócios és completamente leiga. Ninguém pagará de boa vontade. Se mesmo com contratos nem sempre pagam! Se soubesses quantas pessoas entre nós não pagam as dívidas! Os tribunais de arbitragem estão sobrecarregados. Sabes o que é um tribunal de arbitragem?

– Imagino! Mas neste caso vão pagar assiduamente. Aquele que se recusar irá à falência. Apenas as pessoas honestas vão prosperar.

– E por que irão à falência? Tu vais entrar no negócio das fraudes?

– Ora essa, que imaginação a tua... Vejam só... Eles, ou melhor, as circunstâncias, vão apanhar de tal modo os corruptos, que eles irão à falência.

Surgiu-me então um pensamento: «Se tivermos em conta que Anastasia não pode mentir, como ela diz, porque os mecanismos da Natureza não a deixam enganar-se, quer dizer que ela, antes de fazer tais afirmações, tem que processar no cérebro uma enorme quantidade de informação e fazer cálculos aritméticos colossais, considerando ao mesmo tempo os imensos factores psicológicos das pessoas que irão participar no projecto. Falando nos nossos termos, ela, para além de ter resolvido uma questão dificílima sobre a purificação do ar, analisou todo um plano de negócios, e tudo isto

em apenas aproximadamente uma hora e meia.» Decidi confirmar alguns pormenores e perguntei-lhe:

– Diz-me, Anastasia, fizeste algumas contas de cabeça, enumerando a percentagem de purificação do ar e a quantidade de dinheiro que deverá entrar pelo fabrico das tuas caixas, da instalação nos carros, a mudança de filtros, etc...?

– Foram feitos cálculos nos maiores detalhes, e não só com a ajuda do cérebro...

– Espera! Não digas nada. Deixa-me dizer o que estou a pensar... Isto significa que poderias competir com o mais moderno computador, digamos, um computador japonês ou americano?

– Isso não interessa – respondeu ela, e acrescentou: – isso é muito primitivo e até humilhante. Competir com um computador é o mesmo que... como te posso explicar para que entendas... É o mesmo que rivalizar com uma prótese de braço ou de perna, e nem sequer com uma prótese completa, mas só uma parte. No computador falta o principal. E o principal são os sentimentos.

Comecei a tentar provar o oposto, contando-lhe como no nosso mundo há pessoas que são consideradas muito inteligentes e são respeitadas na sociedade, que jogam xadrez com computadores. Quando este e outros argumentos não a convenceram, comecei a pedir-lhe que o fizesse por mim e pelas outras pessoas como prova das capacidades do cérebro humano. Ela finalmente concordou, e então, fiz-lhe o convite mais específico:

– Então, posso anunciar oficialmente que estás pronta para uma competição de resolução de problemas com um super computador japonês?

– Porquê um japonês? – objectou Anastasia.

– Porque eles são considerados os melhores do mundo.

– Ai sim? É melhor que seja logo com todos ao mesmo tempo, para depois já não me pedires mais para me ocupar com essas coisas sem interesse.

– Óptimo! – exclamei entusiasmado – Com todos! Só temos que formular uma questão.

– Está bem – concordou Anastasia – Mas, para começar e não se perder mais tempo, eles que resolvam a questão que me puseste e que confirmem ou refutem a minha hipótese. Se refutarem, nesse caso, que proponham uma outra solução. Deixa que a vida e as outras pessoas ajuízem.

– Magnífico, Anastasia! Muito bem! Isso é uma ideia construtiva. E quanto tempo achas que lhes devemos dar para a resolução da questão? Eu penso que a hora e meia que tu demoraste seria muito pouco, vamos dar-lhes três meses?

– Três meses, pode ser.

– Proponho que os juízes sejam todos os que queiram tomar parte. Se forem muitos ninguém poderá influenciar a avaliação por algum interesse próprio.

– Que assim seja, mas eu ainda queria falar contigo sobre a educação de crianças...

Anastasia considerava a educação de crianças o mais importante, por isso falava sempre sobre isso com especial prazer. O meu intento de ela competir com computadores não lhe despertava muito interesse. Contudo, eu estava muito feliz por ter conseguido a sua aprovação e agora queria contactar empresas que fabricam computadores modernos para entrarem em competição na resolução da questão descrita anteriormente.

Decidi clarificar um ponto ou dois com Anastasia:

– Que prémio será entregue ao vencedor? – perguntei.

– Eu não preciso de nada! – respondeu ela.

– Por que pensas só em ti? Estás absolutamente convencida da tua vitória?

– Claro, eu sou um ser humano.

– Está bem. E o que podes oferecer à empresa que obtiver o segundo lugar, depois de ti?

– Bem, eu posso dar-lhes alguns conselhos sobre como aperfeiçoarem os seus primitivos computadores.

– Combinado!

Capítulo 20

«O que foi feito nele era a vida, e a vida era a luz dos homens»

Prólogo Evangelho Segundo São João

Uma vez, a meu pedido, Anastasia levou-me a ver o cedro ressoante de que tinham falado o avô e o bisavô. Afastámo-nos um pouco da clareira e eu vi-o. A árvore, de aproximadamente quarenta metros de altura, elevava-se pouco acima das que a ladeavam, mas a diferença principal era que a sua copa parecia iluminada, criando em seu redor uma auréola parecida com a que desenham nos ícones que representam os santos. A auréola pulsava e no topo formava-se um fino raio de luz que saía para o infinito do céu.

O espectáculo impressionava e encantava ao mesmo tempo.

Por sugestão de Anastasia, encostei as palmas das mãos ao tronco e ouvi um ressoar ou vibrar, comparável ao que podemos ouvir quando nos encontramos perto de uma linha de alta tensão, mas mais ressoante.

– Fui eu que descobri a maneira de devolver a sua energia ao cosmos, e depois espalhá-la pela Terra – informou-me Anastasia – Vês, a casca está arranhada em vários sítios, foi por onde a ursa trepou. Foi difícil convencê-la a levar-me até aos ramos mais altos.

Agarrei-me ao pêlo do seu pescoço, enquanto ela subia e rugia, subia e rugia, e assim até aos ramos de cima. Subimos até ao topo. Estive lá sentada durante dois dias e só pensava em como salvar o cedro. Acariciava-o, implorava ao céu, mas nada ajudava.

Então, o avô e o bisavô chegaram. Consegues imaginar a cena? Eles cá em baixo a repreenderem-me e a pedirem que descesse. Eu, por minha vez, exigia que me contassem o que podia fazer pelo cedro ressoante, como se poderia salvá-lo, uma vez que as pessoas não o tinham serrado. Eles não falavam. Mas eu sentia que eles sabiam a resposta. O avô, muito esperto, queria convencer-me, prometendo ajudar-me a estabelecer contacto com uma certa mulher com a qual eu não conseguia comunicar. Era uma mulher que eu queria muito ajudar e outrora o avô zangara-se, porque eu gastava muito tempo com ela em vez de fazer outras coisas. Mas eu sabia que ele não podia ajudar-me, porque o bisavô tinha tentado fazê-lo duas vezes às escondidas dele e também não tinha conseguido.

Nesta altura o avô ficou mesmo nervoso. Pegou num ramo, corria à volta do cedro estalando-o no ar e gritava que eu era a mais tonta da família, que estava a agir sem lógica, que me recusava a ouvir os seus conselhos sábios e que iria dar-me uns bons açoites. E continuava a bater com ramo no ar. Que coisa ele foi inventar! Até o bisavô começou a rir à gargalhada. Eu também dava gargalhadas. E nisto, parti inadvertidamente um raminho no topo da árvore e um brilho começou a emanar dele. Ouvi a voz do bisavô, muito sério, exigindo e pedindo ao mesmo tempo:

– Netinha, não toques em mais nada. Desce com muito cuidado, já fizeste tudo.

Eu obedeci e desci da árvore. O bisavô abraçou-me em silêncio, tremendo e apontando para o cedro, no qual mais e mais raminhos começaram a iluminar-se. Depois, formou-se um raio que apontava

para cima. «Agora, o cedro ressoante já não vai incinerar-se. Através do seu raio, entregará às pessoas e à Terra tudo o que acumulou durante quinhentos anos!» O bisavô explicou que o raio se tinha formado no sítio exacto, quando eu bradava ao alto e tinha inadvertidamente partido um raminho, enquanto ria. O bisavô disse que se eu tivesse tocado o raio que emanava do raminho partido, o meu cérebro teria explodido, uma vez que este raio contém muita energia e informação, e que tinha sido exactamente deste modo que tinham morrido o meu papá e a minha mamã...

Anastasia colocou as palmas das mãos no grandioso tronco do cedro ressoante que salvara, encostou a bochecha nele, ficou um tempo em silêncio e depois continuou a contar:

– Eles, os meus paizinhos, encontraram um cedro ressoante como este. Mas a mamã fez tudo de outra maneira, porque não sabia... Ela subiu à árvore que estava ao lado do cedro ressoante, esticou-se até ao ramo debaixo do ressoante e quebrou-o, expondo-se inadvertidamente ao raio que emanou do ramo quebrado. O ramo estava a apontar para baixo e o raio saiu para a terra. Isso é muito mau, é muito prejudicial que essa energia aponte para a terra... Quando o papá chegou, viu esse raio, e viu a mamã que continuava pendurada por uma mão agarrada ao ramo do cedro vulgar. Na outra ela segurava o ramo partido do cedro ressoante.

Provavelmente o papá percebeu logo tudo. Subiu o cedro ressoante até ao topo. O avô e o bisavô viram-no quebrar os raminhos de cima, mas estes não se iluminavam, enquanto os de baixo começavam a brilhar mais. O bisavô disse que o papá sabia que, se ficasse mais um bocadinho, já não poderia voltar a descer, mas o raio que apontava para cima e a luz pulsante não apareciam, apenas mais raios fininhos a brilhar virados para baixo. O raio superior apareceu quando o papá quebrou um ramo grande que

apontava para cima. E, embora este não brilhasse, ele torceu-o e apontou-o para si.

Quando este se inflamou, ele ainda conseguiu soltar as mãos e o raio emanado do ramo endireitado direccionou-se para o céu, e depois surgiu a auréola pulsante.

O bisavô disse que o cérebro do papá no último momento da sua vida foi capaz de receber um enorme fluxo de energia e informação, que ele conseguiu de alguma forma extraordinária limpar-se de toda a informação antes contida, e por isso pôde ganhar tempo para largar as mãos e apontar o ramo para cima antes de se quebrar.

Anastasia afagou mais uma vez o tronco do cedro com as palmas das mãos, encostando a ele a sua bochecha e ficou quieta, escutando o ressoar da árvore.

– Anastasia, o óleo do pinhão de cedro é mais forte ou mais fraco nas suas propriedades curativas do que os pedacinhos do cedro ressoante?

– É equivalente. Desde que os pinhões sejam retirados na altura adequada e com a atitude certa para com o cedro. Quando a árvore os concede.

– Sabes como se faz?

– Sim, sei.

– Contas-me?

– Está bem, vou contar-te.

Capítulo 21

É preciso mudar a forma de ver o mundo

Perguntei a Anastasia quem era essa mulher causadora do desacordo com o avô, porque não conseguia estabelecer contacto com ela, e porque razão precisava de o fazer.

– Sabes – começou Anastasia, contando a história – quando duas pessoas unem as suas vidas, é muito importante terem uma atracção espiritual uma pela outra. Infelizmente, na maioria das vezes, tudo começa pelo corpo. Por exemplo, vês uma mulher bonita e tens vontade de te aproximar dela, mas ainda não viste nela o ser humano, a sua alma. Frequentemente as pessoas unem os seus destinos somente com base na atracção física. Mas esta passa depressa ou então essa atracção vira-se depois para outra pessoa. E nesse caso, o que vai manter as pessoas juntas?

Encontrar alguém próximo de espírito, com o qual se pode alcançar felicidade verdadeira, não é assim tão difícil, mas no vosso mundo tecnocrata existe uma enorme quantidade de obstáculos. A mulher com a qual eu tento estabelecer contacto vive numa grande cidade e passa regularmente no mesmo lugar todos os dias, provavelmente para ir para o trabalho. No caminho ela encontra sempre um homem, muito próximo dela em espírito, com o qual ela seria realmente feliz e, mais importante ainda, com o qual teria um filho capaz de trazer muita bondade ao mundo, porque eles o

conceberiam num acto de inspiração, tal como nós. Mas este homem não faz nenhuma tentativa de se declarar a esta mulher e ela, em parte, tem culpa disso. Imagina: ele olha para o rosto dela e vê nela a escolhida da sua alma, enquanto a mulher, assim que sente o olhar de alguém, endireita-se logo, tenta levantar um pouco a saia, «sem querer»... e assim por diante. Neste homem surgem então de imediato sentimentos carnais e, como ele a conhece pouco ou nada, vai ter com aquela que conhece mais de perto, que lhe é mais acessível, impulsionado por esses sentimentos carnais.

Eu gostaria de transmitir a esta mulher o que ela devia fazer, mas não consigo alcançá-la. O seu cérebro não se abre nem mesmo um segundo para tomar consciência da nova informação, está totalmente ocupado com os problemas do quotidiano. Nem imaginas, uma vez observei-a vinte e quatro horas. É um horror! O avô depois repreendeu-me por eu trabalhar pouco com os *dachniki* e me dispersar, pondo o nariz onde não sou chamada.

Quando esta mulher acorda de manhã, em vez de se alegrar com o dia que começa, o primeiro pensamento é sobre o que vai comer. Irrita-se porque lhe falta uma comida qualquer, ou porque acabou qualquer coisa com que vocês se besuntam de manhã, pode ser um creme ou uma pintura qualquer. Pensa a toda a hora em como conseguir estas coisas. Está sempre atrasada e constantemente a correr, pensando se vai perder um transporte ou outro.

No lugar onde trabalha, o seu cérebro está sempre sobrecarregado com... como dizer, todo o género de coisas sem importância, a meu ver. Por um lado, deve fazer uma expressão facial séria e cumprir alguma tarefa. E ao mesmo tempo, está a pensar numa amiga ou numa conhecida com quem se zangou. Simultaneamente, vai escutando o que as pessoas dizem à sua volta. Imagina esta mesma rotina dia após dia, como um mecanismo de relógio.

No caminho de volta para casa, quando a olham, faz um ar de mulher quase feliz. Mas ela pensa ininterruptamente sobre os problemas ou as maquilhagens, ou então olha para as roupas nas montras, principalmente para aquelas que expõem os atributos de forma sedutora, supondo que assim acontecerá um milagre. No entanto, no seu caso tudo acontece ao contrário. Chega a casa e começa a limpar. Pensa que descansa enquanto vê televisão ou prepara as refeições, mas o mais grave é que pensa em coisas boas apenas por um fugaz momento. Mesmo quando vai para a cama, ela continua com as preocupações do dia-a-dia no pensamento.

Se pudesse afastar os pensamentos por um momento e pensasse em...

– Espera, Anastasia! Explica-me como a vês, o seu aspecto exterior, a sua roupa, e diz-me o que é que ela deveria pensar quando se encontra perto desse homem. O que deveria fazer para que ele tentasse declarar-se?

Anastasia explicou tudo ao mais ínfimo pormenor. Vou aqui mencionar aqueles que são, na minha opinião, os pontos mais importantes.

– O vestido podia ser um pouco abaixo dos joelhos, verde com gola branca e sem decote, quase sem cosmética, e deveria escutar a pessoa com quem conversa com interesse.

– E é tudo? – comentei, ouvindo uma explicação tão simples.

Ao que Anastasia respondeu:

– Há muito mais por detrás destas coisas simples. Para que ela escolha este mesmo vestido, se pinte de outra maneira e olhe para ele com interesse genuíno, é preciso que mude a sua forma de ver o mundo.

CAPÍTULO 22



Um pecado mortal

– Ainda é necessário que te conte, Vladimir, em que condições vais poder receber o dinheiro dos bancos, quando tiveres muito dinheiro nas tuas contas...

– Avança, Anastasia, isso será uma experiência agradável – respondi.

Contudo, fiquei arrasado com o que ouvi. Avaliem por vós próprios o que ela disse:

– Para receberes do banco o dinheiro que está na tua conta bancária, tens que cumprir as seguintes condições: primeiro que tudo, três dias antes de receberes o dinheiro não deves ingerir qualquer bebida alcoólica. Quando chegares ao banco, o gerente deve verificar na presença de pelo menos duas testemunhas, e com o auxílio dos aparelhos que existem entre vós, que cumpriste esta condição. Se esta primeira condição for cumprida, então, podes passar à segunda. Deverás fazer, não menos de nove vénias dobrando os joelhos ao gerente e às duas testemunhas presentes...

Quando percebi o sentido do que dizia, ou melhor, a falta de sentido das suas palavras, dei um pulo, e ela também se levantou. Não podia acreditar no que os meus ouvidos tinham escutado e perguntei:

– Primeiro testam-me para saberem se tenho álcool no sangue, depois tenho pelo menos que fazer nove vénias, é assim?

– Sim – respondeu Anastasia – por cada vénia eles podem libertar da tua conta uma quantia que não exceda um milhão de rublos no seu valor actual.

Dominaram-me por completo sentimentos de raiva, fúria e aborrecimento por ter sido enganado.

– Por que é que disseste isto? Mas, para quê? Eu estava tão bem! Acreditei em ti. Estava a começar a parecer-me que tinhas razão em muitas coisas, que havia lógica nos teus argumentos. Mas tu... Agora, tenho a certeza absoluta de que não és completamente normal. Estragaste tudo com a última coisa que disseste. Isto não tem ponta de sentido e nenhuma lógica, e não serei só eu a pensá-lo... qualquer pessoa sã concordaria comigo. Ah!... Não me digas, talvez ainda queiras que eu escreva estas condições no teu livro!

– Sim.

– És completamente louca. Também me vais dizer que estás a planear escrever instruções para os bancos ou publicar uma lei?

– Não. Eles irão ler no livro e cada um procederá assim contigo. De outro modo irão à falência.

– Oh, meu Deus!!! E estou eu a escutar este ser há três dias? Talvez ainda queiras que o gerente do banco faça também vénias juntamente comigo na presença de testemunhas?

– Seria bom para ele, como é bom para ti. Mas para eles, eu não tenho condições tão rígidas como tenho para contigo.

– Quer dizer que só a mim é que concedes tal bênção?

Consegues ao menos imaginar por um segundo a troça que fizeste de mim?

É nisto que se pode transformar o amor de uma eremita louca!

Mas não conseguirás nada. Nenhum banco irá aceitar atender-me sob tais condições, não importa o quanto tu visualizaste a situação. Sonhaste alto... eh?! Fica tu aqui na taiga e faz todas as vénias que quiseres.

– Os bancos vão concordar e vão até abrir contas sem a tua autorização, embora os que o fizerem sejam apenas os que querem trabalhar eticamente. E as pessoas vão acreditar neles e virão – continuou a insistir Anastasia.

Mais irritação e raiva se acumulavam em mim, zangado como estava, comigo ou com Anastasia.

Tinha estado a escutá-la durante tanto tempo, esforçando-me por compreender o que dizia, e afinal ela era simplesmente louca. Foi aí que comecei a chamar nomes desagradáveis a Anastasia, para não dizer pior...

Ela estava de pé, encostada a uma árvore, com a cabeça ligeiramente inclinada para a frente. Tinha uma mão de encontro ao peito e a outra levantada para o alto, acenando ligeiramente.

Reconheci este gesto. Ela fazia-o cada vez que acalmava a Natureza circundante para que esta não me assustasse e, desta vez, eu percebi a razão porque o fazia.

Cada palavra ofensiva ou brusca dirigida a Anastasia era como uma chicotada no seu corpo, fazendo-o estremecer.

Calei-me. Sentei-me de novo nas ervas, de costas para Anastasia e decidi que desta vez me acalmaria e iria até à margem do rio, não falando agora mais com ela. Mas admirei-me quando ouvi atrás de mim a sua voz – não havia nela o mínimo tom de ressentimento ou represália:

– Sabes Vladimir, tudo o que acontece de mal a uma pessoa, é essa pessoa que atrai quando quebra as regras da vivência espiritual e quando rompe os laços com a Natureza.

As forças obscuras tentam distrair a sua atenção com as atracções imediatas do vosso modo de vida tecnocrata, fazendo-as esquecer as verdades simples, como os Mandamentos escritos na Bíblia. E muitas vezes, conseguem-no.

Um dos pecados mortais do ser humano é o orgulho. A maior parte das pessoas está sujeita a este pecado. Eu não vou descrever-te agora os terríveis e desastrosos efeitos que este pecado gera. Quando regressares a casa e tentares que isto te faça sentido, entenderás, por ti mesmo ou com a ajuda das pessoas iluminadas que virão ter contigo. Por agora, apenas digo: as forças obscuras, em oposição às luminosas, ocupam-se a cada segundo de fazer com que este pecado fique com o ser humano e o dinheiro serve este propósito como um dos principais instrumentos. Foram eles que o inventaram.

O dinheiro é como uma zona de alta tensão. As forças obscuras orgulham-se da sua invenção. Elas até pensam que são mais fortes do que as forças luminosas, por terem conseguido inventar o dinheiro. E, por serem capazes de usar o dinheiro para distrair as pessoas do seu verdadeiro propósito.

Isto gera uma enorme confrontação que dura há milhares de anos, e o ser humano está no seu centro.

Mas não quero que tu sejas escravizado por este pecado.

Entendo que meras explicações não são suficientes para resolver esta questão porque, apesar de milhares de anos de explicações, a Humanidade não entendeu nem tomou consciência, nem descobriu ainda os meios para contrariar este pecado. Naturalmente, tu também não conseguiste entender. Mas eu quero muito livrar-te deste perigo mortal que pode corromper o espírito. Foi por isso que inventei uma situação especial só para ti, na qual este mecanismo das forças obscuras se quebra, se rende ou até trabalha do modo

oposto para exterminar o pecado. Por isso é que elas se enraiveceram tanto.

A sua raiva alojou-se em ti e tu começaste a gritar comigo com palavras ofensivas. Elas queriam que eu me zangasse contigo, mas eu nunca o farei. Percebi que o que eu inventei acertou no ponto exacto e agora está claro para mim que este mecanismo que trabalhou sem falhas durante milhares de anos pode ser quebrado. Por enquanto, fi-lo somente para ti, mas para os outros também vou inventar uma maneira...

Mas o que é que tem de mal passares a beber menos desse veneno alcoólico e não seres arrogante e teimoso? Porque te indignou? Claro, foi o orgulho que irrompeu em ti!

Anastasia ficou em silêncio e eu pensei: «é incrível como ela coloca um sentido tão profundo numa situação tão cómica e absolutamente fora do normal como fazer vénias num banco ou outras coisas parecidas. Realmente, pode haver aqui alguma lógica e é preciso tentar entendê-la com mais calma.»

Toda a minha raiva para com Anastasia passou e, até pelo contrário, surgiu um sentimento de culpa leve, mas não comecei a desculpar-me, apenas me voltei para ela, desejando a reconciliação. Anastasia sentiu literalmente o meu estado interno e movimentou-se logo alegremente, começando a falar depressa.

CAPÍTULO 23

Tocando o paraíso

– O teu cérebro está cansado de me ouvir, e eu ainda quero contar-te muitas coisas. Mas precisas de descansar... Vamo-nos sentar novamente mais um pouco.

Sentámo-nos nas ervas. Anastasia pôs-me as mãos nos ombros e aproximou-me de si. A minha nuca tocou-lhe o peito, e senti um calor agradável.

– Não tenhas medo de mim, descontrai – disse ela baixinho, e deitou-se nas ervas de modo a que eu ficasse confortavelmente a descansar. Os dedos de uma mão percorriam-me os cabelos como se os penteasse, enquanto os dedos da outra mão tocavam rapidamente a minha testa e as têmporas. De vez em quando, pressionava levemente com as pontas dos dedos vários pontos na minha cabeça. Tudo isto me dava uma sensação de tranquilidade e iluminação. Depois, pondo as mãos nos meus ombros, Anastasia disse:

– Escuta, por favor, os sons que te rodeiam neste momento.

Eu escutei, e o meu ouvido apanhou uma série de sons, todos diferentes em tonalidade, ritmo e duração.

Comecei a enumerar os sons: o cantar dos pássaros nas árvores, o fretenir e o cricrilar dos insectos nas ervas, o farfalhar das árvores, o bater das asas dos pássaros. Enumerei tudo o que podia

ouvir, depois calei-me e continuei a escutar. Sentia-me bem e estava a ser muito interessante.

– Não enumeraste tudo – observou Anastasia.

– É tudo – respondi – Bem, pode ter-me passado algo sem importância ou que não consiga ouvir.

– Vladimir, não ouves como bate o meu coração? – perguntou Anastasia.

Realmente, como é que eu não tinha prestado atenção a esse som? O som do bater do coração dela!

– Sim – apressei-me a dizer-lhe – claro que oiço, oiço muito bem. Ele bate certo e de forma calma.

– Tenta memorizar os intervalos entre os sons que ouves. Para isso, escolhe os sons principais e memoriza-os.

Eu seleccionei o trinar de um insecto qualquer, o grasnar do corvo, o gorgolejar e o salpicar da água no ribeiro.

– Agora, vou acelerar o batimento do meu coração, e ouve o que vai acontecer em redor.

O batimento do coração de Anastasia começou a acelerar, e atrás dele aceleraram os ritmos dos sons que se ouviam em redor, a sua tonalidade subiu.

– Impressionante! É simplesmente incrível! – exclamei! – Eles reagem assim de forma tão sensível ao ritmo em que bate o teu coração, Anastasia?

– Sim. Todos, absolutamente todos. Desde a pequena ervinha à grande árvore e aos insectos, todos reagem à mudança do ritmo do meu coração. As árvores aceleram os seus processos internos, e começam a produzir mais oxigénio...

– E todas as plantas e animais que rodeiam as pessoas reagem da mesma forma? – perguntei.

– Não. No vosso mundo eles não entendem a quem deverão reagir, e vocês não tentam estabelecer contacto com eles, não entendem a função de tal contacto, não lhes dão informação suficiente sobre vós próprios.

Algo semelhante pode acontecer entre as plantas e as pessoas que trabalham nos seus pequenos terrenos de jardim, se as pessoas fizerem tudo como já te contei, se impregnarem as sementes com a informação sobre si próprias e se começarem a comunicar com as plantas de forma mais consciente. Queres que te mostre o que pode sentir um ser humano quando faz este contacto?

– Claro que quero. Mas, como o vais fazer?

– Vou agora acertar o ritmo do bater do meu coração com o teu, e tu vais sentir.

Ela colocou a mão dentro da minha camisa e pressionou ligeiramente a palma da mão morna contra o meu peito. Pouco a pouco o seu coração ajustou-se e afinou-se, começando a bater no mesmo ritmo que o meu.

E aí aconteceu algo fantástico: surgiu uma sensação incrivelmente agradável, como se ao meu lado se encontrassem os familiares que me amam e a minha mãe. Senti no corpo uma sensação de suavidade e saúde, e o meu coração estava cheio de alegria, de liberdade e como que cheio de uma nova compreensão do mundo.

A gama de sons circundantes acariciava-me e transmitia-me a verdade que eles conheciam, ainda não totalmente compreendida por mim, apenas percebida de forma intuitiva.

Foi como se todos os sentimentos de felicidade e de graça que eu alguma vez sentira na vida se tivessem fundido numa única e maravilhosa sensação. Talvez seja precisamente aquele o sentimento a que se chama felicidade.

Mas assim que Anastasia começou a mudar o ritmo do bater do seu coração, a sensação maravilhosa começou a deixar-me. Nesse momento pedi-lhe:

– Mais! Por favor, mais, Anastasia.

– Eu não posso fazer isto durante muito tempo, uma vez que tenho o meu próprio ritmo.

– Mas pelo menos mais um bocadinho – voltei a pedir.

E de novo Anastasia me devolveu a sensação de felicidade durante uns momentos, até que depois tudo se desvaneceu, deixando-me ainda uma partícula da sensação agradável e luminosa, como uma recordação.

Permanecemos em silêncio por algum tempo, depois quis ouvir de novo a voz de Anastasia e perguntei:

– Era assim que se sentiam as primeiras pessoas, Adão e Eva? Ficando deitados, desfrutando da vida e prosperidade, tendo tudo... Mas torna-se aborrecido se não há nada para fazer.

Em vez de responder à minha questão, Anastasia fez-me uma pergunta:

– Diz-me, Vladimir, muitas pessoas pensam assim sobre o primeiro ser humano, Adão, como tu agora pensaste?

– Provavelmente, a maioria. O que havia no Paraíso para eles fazerem? Foi só mais tarde que o Homem começou a evoluir e a inventar todas as coisas. O ser humano desenvolveu-se através do trabalho, tornou-se mais inteligente graças ao trabalho.

– Sim, o trabalho é necessário, mas o primeiro ser humano era infinitamente mais inteligente do que os de hoje, e o seu trabalho tinha mais sentido, necessitava de grande inteligência, consciência e vontade.

– O que fazia Adão no Paraíso? Cuidava do jardim? Mas isso, qualquer jardineiro sabe fazer hoje em dia, sem mencionar os

especialistas em plantações. Na Bíblia nada está escrito sobre as actividades de Adão.

– Se na Bíblia tudo estivesse escrito detalhadamente, não chegaria a vida inteira de uma pessoa para a ler. A Bíblia tem que ser compreendida, por detrás de cada frase existe muita informação. Tu queres saber o que fazia Adão? Eu conto-te. Mas primeiro, lembra-te que é na Bíblia que está escrito que Deus atribuiu a Adão a tarefa de dar nomes e funções a cada ser que vive na Terra. E ele, Adão, cumpriu-a[1]! Ele fez o que as instituições científicas do mundo todas juntas ainda não conseguiram fazer.

– Anastasia, e tu comunicas com Deus, pedes-Lhe alguma coisa para ti?

– O que mais posso pedir, quando tanto já me foi dado?! Eu devo agradecer-Lhe e ajudá-Lo.

[1] Gn 2,20.

CAPÍTULO 24



Quem educará o nosso filho?

No caminho de regresso ao rio, Anastasia acompanhou-me ao meu barco a motor. Sentámo-nos para descansar no lugar onde ela tinha deixado as peças de roupa exterior, e perguntei-lhe:

– Anastasia, como vamos educar o nosso filho?

– Tenta compreender, Vladimir, por enquanto tu não podes educá-lo. Quando os seus olhos olharem conscientemente para o mundo pela primeira vez, não deves estar perto.

Peguei-a pelos ombros e sacudi-a.

– O que estás a dizer? O que te permites dizer? Não sei de onde te vêm estas conclusões tão originais! De qualquer modo, já o facto de existires é incrível, mas isso não te dá o direito de decidir tudo sozinha, indo contra todas as leis da lógica!

– Acalma-te, Vladimir, por favor. Não sei que lógica tens em mente, mas tenta entender tudo calmamente.

– O que devo entender? O filho não é apenas teu, é também meu, e eu quero que ele tenha um pai, quero que ele tenha tudo o que precisa, que receba educação.

– Compreende que ele não precisa de quaisquer valores e benefícios materiais, do modo como tu os entendes. Ele terá tudo desde o princípio. Ainda recém-nascido receberá e tomará consciência de

tanta informação que, em comparação, a vossa espécie de educação é simplesmente ridícula. Seria o mesmo que mandar um grande matemático para a primeira classe.

Tens vontade de trazer ao bebé algum brinquedo sem sentido, mas seja o que for, ele não necessita de nada.

Tu é que precisas desses objectos para tua própria satisfação: «Olhem para mim, como sou tão bom e carinhoso!». Se pensas que estás a fazer algo de bom ao oferecer um carrinho ou outra coisa qualquer ao teu filho, algo que entre vós se considera muito bom, se ele o quiser adquirir poderá fazê-lo por si.

Pensa tranquilamente, Vladimir, o que podes dizer de concreto e importante ao teu filho, o que lhe podes ensinar, o que fizeste na vida que ele possa achar interessante?

Anastasia continuava a falar com uma voz suave e calma, mas as suas palavras faziam-me estremecer:

– Compreende, Vladimir, quando ele começar a tomar consciência da criação, tu ao pé dele parecerás um ser subdesenvolvido.

Por acaso é isso que queres, que o teu filho veja ao seu lado um pai tolo?

A única coisa que vos pode aproximar é o nível de pureza de pensamento, mas no vosso mundo esta pureza é alcançada por poucos.

Percebi que não adiantava discutir com ela e gritei em desespero:

– Quer dizer que ele nunca irá saber de mim?

– Eu vou contar-lhe um dia sobre ti, sobre o vosso mundo, quando ele for capaz de compreender conscientemente e tomar decisões. O que ele irá fazer então, não sei.

Sentia desespero e dor, sentia-me ofendido e uma terrível conjectura se formava na minha mente; tudo se misturava no meu cérebro. Queria bater com toda a força naquele rosto bonito de uma eremita intelectual.

Percebi tudo. E fiquei sem respiração pelo que tinha percebido.

– Está tudo claro! Agora, está tudo claro! Tu...Tu não tinhas aqui ninguém com quem fornicar para te dar um filho.

No início foram só fitas, sua falsa! Fingiste-te de freira!

Precisavas de um filho. Foste a Moscovo vender os cogumelos e as bagas. Ah! Podias ter ido para um bordel. Tiravas o casaco e o lenço e mordiam logo o teu isco. Não precisavas de tecer a tua teia para me apanhares.

Claro! Precisavas de uma pessoa que sonhasse ter um filho. E conseguiste o que querias!

Pensaste na criança? No nosso filho? Que está destinado de antemão a viver como um eremita? Destinado a viver assim, como tu achas que deve ser.

Vejam só, ela a fazer grandes declarações sobre a verdade! Tu tens um grande descaramento, sua eremita!

Quem és tu, verdadeiramente, uma última vez? E em mim, pensaste?

Sim! Eu sonhava ter um filho! Sonhava entregar-lhe o meu negócio. Ensiná-lo a ser um empresário. Queria amá-lo. E agora, como vou viver? Como vou viver, sabendo que o meu filho pequeno rasteja indefeso algures na taiga selvagem! Sem futuro, sem pai. Isto rasga-me o coração. Mas tu não entendes, sua cadela da floresta...

– Talvez o coração ganhe consciência e fique tudo bem? Uma dor assim vai purificar, e acelerar o pensamento, vai incitar à criação... – proferiu baixinho Anastasia.

Fervia em mim uma tal raiva, um ódio... Já não era dono de mim! Peguei num pau, afastei-me de Anastasia e comecei a bater com toda a força com o pau contra uma pequena árvore, até o quebrar.

Depois, virei-me em direcção a Anastasia e, quando a vi... Foi incrível, mas a raiva começou a passar. Pensei: «mas por que é que eu perdi de novo o controlo e me enfureci?».

Tal como na vez anterior em que eu me zanguei com ela, Anastasia estava de pé encostada a uma árvore, com uma mão para o alto, com a cabeça inclinada para a frente, como se contrariasse uma corrente de vento semelhante a um furacão.

Já sem estar minimamente zangado, aproximei-me e comecei a observá-la. Agora, as suas mãos estavam de encontro ao peito, o corpo tremia um pouco, estava em silêncio. Apenas os olhos bondosos, bondosos como dantes, olhavam carinhosamente para mim. Ficámos assim algum tempo, observando-nos um ao outro. Eu pensava: «sem dúvida, ela não é capaz de dizer uma mentira.

Poderia não me contar tudo, mas ela...

Sabe que vai ser mau para ela, mas diz-me as coisas na mesma. Claro que assim também é demais! Como é possível sobreviver, dizendo sempre só a verdade, somente o que se pensa? Mas, o que se pode fazer? Ela é assim e não pode ser outra.

Tudo aconteceu como tinha que acontecer. E agora, ela será mãe do meu filho.

Ela vai ser mãe, uma vez que o disse.

Claro que será uma mãe estranha. O modo de vida dela... A forma de pensar... Oh, mas não há nada a fazer em relação a ela.

Em compensação, é fisicamente muito forte. E bondosa... Conhece bem a Natureza e os animais. É inteligente, embora, a sua inteligência seja peculiar.

Em todo o caso, sabe muito sobre educação de crianças. Ela quer falar sobre crianças o tempo inteiro. Criará o filho. Decididamente, alguém determinada como ela vai conseguir criá-lo. Atravessará o frio, atravessará mesmo tempestades de neve,

que para ela nada significam. Sim, na verdade cuidará dele! E vai dar-lhe educação.

Preciso de adaptar-me à situação de alguma maneira. Virei vê-los no Verão, assim como à *dacha*. De Inverno é impossível, não se aguenta. Mas no Verão posso brincar com o meu filho. E quando crescer vou contar-lhe sobre as pessoas das grandes cidades... Preciso de lhe pedir desculpa desta vez...

Disse:

– Desculpa, Anastasia, enervei-me de novo.

Ela disse logo:

– Não tens culpa. Não sejas tão severo contigo. Não te inquietes. Estavas preocupado com o nosso bebé. Receaste que ele pudesse ficar mal, porque a mãe do teu filho é uma cadela vulgar. Não sabe amar com amor humano verdadeiro, como as pessoas.

Mas não te preocupes, Vladimir. Não te apoquentes. Falaste desse modo, porque não sabias, não sabias nada sobre o meu amor, meu querido.

CAPÍTULO 25



Através da fresta do tempo

– Anastasia, se és tão inteligente e poderosa, quer dizer que também poderias ajudar-me?

Ela olhou para o céu e olhou novamente para mim.

– Em todo o universo não há ser capaz de se desenvolver mais e de ter maior liberdade do que o ser humano. Todas as outras civilizações se prostram diante do ser humano. Todas as várias civilizações têm capacidade para se desenvolverem e aperfeiçoarem, mas somente numa direcção e não são livres. A grandiosidade do ser humano está para além do seu entendimento. Deus, o Grande Intelecto, criou o ser humano e a ninguém deu mais do que a ele...

Eu não consegui entender, ou melhor, tomar imediatamente consciência do que ela dissera. E de novo fiz a mesma pergunta, pedindo ajuda, sem compreender concretamente que espécie de ajuda.

Ela perguntou-me:

– O que tens em mente? Queres que cure todas as tuas doenças físicas?

Isso, para mim é simples. Eu já o fiz há meio ano atrás, só que no geral não trouxe benefício nenhum, os elementos destrutivos característicos das pessoas do teu mundo não diminuíram.

As várias pequenas doenças tentam voltar de novo... «Bruxa, doida mulher eremita, tenho que pisgar-me daqui!» – pensaste isto agora, verdade?

– Sim – respondi admirado – Foi isso mesmo que eu pensei, lês os meus pensamentos?

– Eu deduzo o que podes pensar. Na verdade, está tudo escrito no teu rosto. Diz-me Vladimir, não te lembras nem um bocadinho... de mim?

A pergunta admirou-me muito, comecei a ver bem as linhas do seu rosto, os olhos, e a pensar que já os poderia ter visto nalgum lugar. Mas onde?

– Anastasia, tu mesma disseste que vives permanentemente na floresta, como é que eu te poderia ter visto?

Ela sorriu-me e fugiu.

Passado pouco tempo, Anastasia saiu de trás dos arbustos com uma saia comprida, um casaco castanho com botões e os cabelos apanhados debaixo do lenço. Mas sem o outro casaco, que vestira no nosso encontro na margem do rio. E o lenço estava atado de maneira um pouco diferente. A roupa estava limpa, mas fora de moda, e o lenço tapava-lhe a testa e o pescoço, e eu lembrei-me dela...

CAPÍTULO 26



Uma moça estranha

Uma vez, no Verão anterior, o navio da frota tinha atracado numa das aldeias, não longe destas terras. Nós precisávamos de comprar carne para o restaurante, e demorámos por isso algum tempo no porto.

Daí a sessenta quilómetros começava um troço particularmente perigoso do rio, que não permitia que se navegasse de noite (as luzes de navegação em algumas partes do rio não estavam acesas). Assim, para não perdermos tempo, começámos a anunciar através do altifalante, assim como da rádio local, que íamos dar uma festa nessa noite a bordo do nosso navio.

O navio branco atracado na margem do rio, brilhando com as suas muitas luzes, e a música a ser difundida, é algo que atrai inevitavelmente a juventude da aldeia. E também dessa vez praticamente toda a população jovem local se dirigiu à rampa do navio.

Inicialmente, como todos os visitantes que vêm pela primeira vez a bordo, tentavam percorrer todo o navio e ver tudo quanto podiam. Depois de visitarem o convés principal, médio e superior, acabavam por se concentrar no bar e no restaurante.

A metade feminina, regra geral, dançava, enquanto os homens tomavam bebidas alcoólicas. As circunstâncias invulgares de estar

num navio, juntamente com a música e o álcool, levavam-nos sempre a um estado de excitação, que por vezes trazia alguns problemas à tripulação. O tempo quase nunca lhes era suficiente e começava então um apelo colectivo para poderem prolongar o prazer, pelo menos por mais meia hora, e depois mais, e mais.

Nesta ocasião particular eu estava sozinho na minha cabine, ouvia a música que vinha do restaurante, e tentava fazer modificações sobre o itinerário seguinte da frota. De repente senti um olhar fixo em mim, virei-me e vi por detrás do vidro os olhos dela.

Não havia nisto nada de invulgar, pois os visitantes gostavam sempre de ver as cabines do navio. Levantei-me e abri a janela. Ela não se afastou. Envergonhada, continuava a olhar para mim.

Eu quis fazer algo por aquela mulher que estava ali sozinha no convés. Interroguei-me porque não estaria a dançar como as outras, seria por estar infeliz por algum motivo?

Ofereci-me para lhe mostrar o navio e ela acenou em silêncio. Conduzi-a pelo navio, mostrei-lhe o escritório, que impressionava sempre os visitantes pela sua elegante disposição: o chão coberto de tapetes, sofás em pele, computadores. Depois, convidei-a a vir à minha cabine, que consistia num gabinete-quarto, uma divisão para visitas recheada de tapetes e móveis fantásticos, com televisão e vídeo.

Provavelmente, naquele momento enchia-me de prazer por estar a impressionar uma moça pobre do campo com as benesses do mundo civilizado.

Abri à sua frente uma caixa de bombons, enchi duas taças de champanhe, pensando em impressioná-la totalmente com algo chique, e pus uma cassete de vídeo, onde Vika Tsyganova[1] cantava

---

[1] Viktorya (Vika) Tsyganova – uma popular cantora Russa nascida em 1963, em Khabarovsk, no Leste da Rússia. A sua carreira como cantora começou nos anos 80. Desde então lançou muitos álbuns. A canção «Amor e Morte» foi gravada em 1994.

«Amor e morte» (*Liubov i smert*). Na cassete havia também outras canções interpretadas pelos meus cantores preferidos. Ela apenas encostou o champanhe aos lábios, olhou para mim atentamente e perguntou:

– Muito difícil, não é?

Eu esperava tudo, menos aquela pergunta.

A expedição estava a ser realmente um desafio. As condições difíceis de navegação pelo rio, a tripulação que consistia em alunos da escola fluvial que fumavam erva e roubavam algumas coisas da loja.

Muitas vezes saíamos do calendário e não conseguíamos chegar na data combinada às povoações onde havia sido feito o anúncio da chegada da frota. O peso destas e de outras preocupações não dava oportunidade de desfrutar das paisagens das margens, e nem mesmo de dormir bem.

Eu disse-lhe algo sem sentido, do género: «não há-de ser nada, cá nos safamos.» Voltei-me para a janela e engoli o champanhe que tinha na taça.

Ainda conversámos sobre outros assuntos, enquanto íamos ouvindo a cassete e falando, até o navio atracar na margem, finalizando o trajecto do passeio. Acompanhei-a então à rampa.

Quando regressei à cabine, notei para mim mesmo que havia algo de estranho e invulgar naquela mulher, e fiquei com uma sensação de leveza e luminosidade após ter estado com ela. Nessa noite dormi bem pela primeira vez em muitos dias. Agora entendo, a mulher no navio tinha sido Anastasia!

– Então eras tu, Anastasia?

– Sim. Ali na tua cabine, memorizei todas as canções que cantei para ti na floresta. Elas soavam enquanto conversávamos. Vês como tudo é tão simples?

– Como é que foste parar ao navio?

– Estava interessada em saber como é que as coisas se passam entre vós, como vivem. Apesar de tudo, Vladimir, eu sempre cuidei dos *dachniki*.

Naquele dia corri à aldeia, vendi cogumelos secos que os esquilos apanharam e comprei um bilhete para a vossa festa no barco. Agora, sei muito sobre a categoria de pessoas a que vocês chamam empresários. E também te conheço muito bem.

Eu sinto que devo pedir-te muitas desculpas. Não sabia que iria ser assim, que iria mudar tanto o teu futuro, mas já não posso fazer nada, porque *Eles* entraram na realização deste plano e *Eles* estão apenas sob o poder de Deus. Agora, durante algum tempo, tu e a tua família terão que ultrapassar grandes dificuldades, mas depois tudo vai passar.

Ainda sem entender concretamente de que estava Anastasia a falar, senti intuitivamente que alguma coisa me seria revelada fora dos parâmetros normais da nossa existência, e que estaria directamente relacionada comigo.

Pedi a Anastasia que me contasse mais em pormenor o que ela queria dizer ao falar de alterações no meu destino e dificuldades. Enquanto a ouvia, eu não podia supor o quão precisas iriam ser as suas previsões, que logo começaram a materializar-se na vida real. Com a sua história, Anastasia transportou-me de novo para acontecimentos do ano anterior.

– Então, no navio, tu mostraste-me tudo, até a tua cabine! Trataste-me com bombons, ofereceste-me champanhe, depois levaste-me à rampa, mas eu não fui logo embora da margem. Fiquei de pé perto dos arbustos e podia ver através das janelas iluminadas do bar como a juventude dançava e se divertia.

Mostraste-me tudo, mas não me levaste ao bar. Eu podia deduzir porquê: estava vestida fora de moda, embrulhada no lenço,

o casaco antiquado e a saia demasiado comprida. Mas eu podia ter tirado o lenço. O casaco que trazia estava bem cuidado, limpinho, e tinha endireitado cuidadosamente a saia com as mãos pelo caminho.

Realmente, não levei Anastasia ao bar naquela noite porque ela trazia uma roupa um pouco estranha, debaixo da qual, como depois se revelou, aquela jovem mulher ocultava a sua beleza invulgar, fazendo-a destacar-se imediatamente de entre todas as outras pessoas. Perguntei-lhe:

– Anastasia, porque querias tu ir ao bar? Será que irias dançar ali com as tuas galochas? E como poderias conhecer as danças da juventude moderna?

– Não estava de galochas naquela altura. Quando troquei os cogumelos por dinheiro para comprar o bilhete para o teu navio também comprei os sapatos à mesma mulher. É certo que eram velhinhos e me estavam apertados, mas eu limpei-os com ervas. Para dançar… basta-me olhar uma vez e já está. E como danço!…

– Então, ficaste ofendida comigo naquela noite?

– Não fiquei ofendida. Mas, se tivesses ido comigo para o bar, não sei se teria sido bom ou mau, as coisas poderiam ter-se passado de outra forma e provavelmente isto não teria acontecido. Mas agora, não lamento nada. Aconteceu o que aconteceu.

– Mas, o que aconteceu? O que aconteceu de terrível?

– Depois de me acompanhares não voltaste logo para a tua cabine. Primeiro foste à cabine do capitão e os dois dirigiram-se para o bar. Para vocês era um procedimento habitual. No momento em que entraram impressionaram logo os presentes. O capitão estava altivo no seu uniforme apropriado. Tu, todo elegante e de aspecto respeitável. És conhecido por muitos dos que habitam nas margens – o famoso Megre. Detentor de uma frota extraordinária nestes

lugares. E vocês sabiam perfeitamente que estavam a impressionar as pessoas.

Sentaram-se à mesa de três moças da aldeia, que tinham apenas dezoito anos e que tinham terminado a escola há pouco.

Trouxeram logo para a vossa mesa champanhe, bombons e novas taças, mais bonitas do que as anteriores.

Tu pegaste numa das moças pela mão, inclinaste-te para ela e começaste a sussurrar-lhe alguma coisa ao ouvido. Eu percebi… são os chamados piropos!

Depois dançaste com ela várias vezes e continuaste a falar. Os olhos dela brilhavam, como se estivesse num mundo de contos de fadas.

Levaste-a ao convés, como a mim, mostraste-lhe o navio e a tua cabine, ofereceste-lhe as mesmas coisas que a mim – champanhe, bombons. Comportavas-te com a jovem de um modo um pouco diferente que comigo. Estavas de humor alegre. Comigo tinhas estado sério e até triste, mas com ela estavas alegre. Eu vi bem isso através da janela iluminada da tua cabine, e talvez até tenha sentido vontade de estar no lugar daquela moça.

– Estavas com ciúmes, Anastasia?

– Não sei, era um sentimento desconhecido para mim…

Lembrei-me daquela noite e daquelas moças da aldeia, esforçando-se tanto por parecerem mais velhas e na moda.

Na manhã seguinte eu e o capitão do navio ainda nos rimos da saída nocturna. Quando estávamos na cabine, percebi que a moça se encontrava em tal estado, que estava pronta para tudo… mas, nem sequer me passou pela cabeça possuí-la. Disse-o a Anastasia, ao que ela me respondeu:

– Mesmo assim, possuíste-lhe o coração. Saíram para o convés exterior, caía uma chuva miudinha e puseste o teu casaco nos ombros dela, depois levaste-a de novo para o bar

– E tu, Anastasia, ficaste todo o tempo perto dos arbustos à chuva?

– Isso não foi nada. A chuva era boa, acariciava. Apenas dificultava a visão e eu não queria que se molhasse a saia e o lenço que eram da minha mãe, herdei-os dela. Tive muita sorte porque encontrei um saquinho de plástico na margem, despi-os, pu-los dentro do saco e escondi-os debaixo do casaco.

– Anastasia, se não foste para casa, e começou a chover, podias ter voltado para o navio.

– Não podia. Já me tinhas acompanhado à saída, e estavas ocupado com outras coisas. Além disso, já estava tudo a terminar.

Quando a festa terminou, e era preciso levar o navio, a pedido das moças e, principalmente, da que estava contigo, atrasaste a partida.

Nesta altura tudo estava sob o vosso poder, incluindo os corações delas, e estavam intoxicados por esse poder. A juventude da aldeia estava grata às moças e elas também se sentiam detentoras de poder através de vós, esquecendo-se completamente dos jovens que estavam no mesmo bar e com os quais tinham uma amizade desde a escola.

Tu e o capitão acompanharam-nas à rampa do navio. Foste para a tua cabine. O capitão subiu à pequena ponte e o navio, soando a sirene, começou a largar a margem lentamente... muito lentamente. A moça com a qual tinhas dançado estava de pé na margem entre as amigas e os jovens acompanhavam o navio com o olhar.

O coraçãozinho dela batia tão depressa, como se quisesse saltar do peito e voar para longe. Os pensamentos e os sentimentos misturavam-se.

Por detrás dela, viam-se os contornos das casas enegrecidas e de luzes apagadas da aldeia, enquanto à sua frente o navio a vapor branco e lustroso se afastava da margem para sempre, iluminado

com inúmeras luzes, espalhando generosamente a música pela água e pela margem nocturna.

E no navio branco e lustroso estavas tu, que lhe tinhas dito tantas palavras encantadoras e fascinantes, como ela nunca tinha ouvido antes!

E tudo isso se afastava dela lentamente e para sempre.

Então, ela decidiu fazer uma coisa à vista de todos. Apertando as mãos com os punhos cerrados começou a gritar desesperadamente: «Eu amo-te, Vladimir!» Depois mais uma e outra vez. Ouviste esses gritos?

– Sim – respondi.

– Era impossível não ouvir, e também alguns membros da tripulação ouviram. Alguns estavam no convés exterior e riram-se da moça.

Eu não queria que se rissem dela. Depois eles, como se tivessem tomado consciência de algo, pararam de rir.

Mas tu não saíste para o convés e o navio continuou a afastar-se lentamente. Ela pensava que tu não a ouvias e continuou a gritar insistentemente: «Eu amo-te, Vladimir!».

Algumas das suas amigas juntaram-se a ela, e gritavam juntas. Eu gostaria de saber que sentimento era aquele – o amor – pelo qual o ser humano perde o controlo de si, ou talvez quisesse ajudar aquela moça, por isso gritei com elas: «Eu amo-te, Vladimir!».

Foi como se naquele momento tivesse esquecido que não posso proferir simplesmente palavras tão extremas, pois por detrás delas devem estar sempre sentimentos, consciência e veracidade da informação natural.

Agora sei quão forte é esse sentimento, que nem sequer está bem sob o poder da razão.

Mais tarde, aquela moça da aldeia começou a afundar-se e a beber álcool e eu tive dificuldade em ajudá-la. Agora, está casada e

mergulhada nas tarefas diárias. E eu tive que adicionar o seu amor ao meu!

A história da moça deixou-me um pouco inquieto. A descrição de Anastasia reanimou na minha memória aquela noite de forma bem detalhada. Tudo ocorrera realmente como ela tinha contado. Tinha sido tudo real.

A invulgar declaração de amor de Anastasia não me causou naquele momento qualquer impressão. Quando vi o seu estilo de vida e conheci a sua visão do mundo, ela começou a parecer-me uma personagem um pouco irreal, embora estivesse sentada ao meu lado e eu facilmente pudesse tocá-la. Era uma consciência habituada a utilizar outros meios de avaliação, era como se eu não a aceitasse como uma realidade. Se no início do nosso encontro eu me sentia atraído por ela, agora já não experimentava as emoções de antes, e perguntei:

– Isso significa que consideras uma casualidade o aparecimento destes novos sentimentos em ti?

– Eles são desejados, são importantes – respondeu Anastasia – São até agradáveis, mas eu passei a querer que tu também me amasses assim! Percebi que tu, quando me conhecesses e ao meu mundo mais de perto, não ias poder aceitar-me como uma pessoa vulgar, como um simples ser humano. Talvez, ocasionalmente, pudesses até ter medo de mim... E foi assim que aconteceu. Eu tenho culpa disso, cometi muitos erros. Por alguma razão estava ansiosa durante todo o tempo. Tinha pressa, não conseguia explicar-te tudo como deveria. Saiu-me tudo de forma tonta, não foi? Tenho que me emendar?

Enquanto pronunciava estas palavras, esboçou um sorriso um pouco triste, tocou no seu peito com a mão, e eu imediatamente lembrei-me do que tinha acontecido numa manhã enquanto estava com Anastasia na clareira.

CAPÍTULO 27



Insectos

Naquela manhã decidi juntar-me a Anastasia na sua rotina matinal. No início tudo estava a correr bem, estive debaixo de uma árvore e toquei vários rebentinhos. Ela falou-me acerca das diferentes ervas e depois deitei-me ao seu lado sobre as ervas. Estávamos os dois completamente nus, mas eu nem tinha frio, certamente por ter corrido com ela pela floresta. Eu estava com um humor esplêndido. Sentia uma espécie de leveza, não só física, mas também interior. Tudo começou quando senti um beliscar na anca. Levantei a cabeça e vi: alguns bichinhos, formigas e penso que um escaravelho caminhavam pela minha coxa e pernas. Ergui o braço para lhes dar uma palmada, mas não tive tempo. Anastasia agarrou-me a mão e segurou-a no ar: «não lhes toques!» – disse. E então, pôs-se à minha frente de joelhos, inclinou-se e segurou a minha outra mão junto ao chão. Eu fiquei deitado, como crucificado. Tentei libertar as mãos, mas não consegui, senti que era impossível! Então, sacudi-me com muita força. Ela continuava a segurar-me, sem fazer grande esforço e ainda por cima sorria. Enquanto no meu corpo sentia mais e mais coisas rastejantes, fazendo cócegas, beliscando, mordendo e picando, tirei uma conclusão: estão a começar a comer-me vivo!

Eu ainda estava nas mãos dela, no sentido figurado e literal, e avaliava a situação: «Ninguém sabe onde me encontro, ninguém desbravará até aqui, e se desbravarem, verão os meus ossos descarnados, se ainda encontrarem alguns!». Momentaneamente, muitas coisas passaram pela minha cabeça e, talvez com base em tudo isto, o instinto de sobrevivência induziu-me à única solução numa situação assim. Cravei os dentes com toda a força e desespero no peito nu de Anastasia, e ainda por cima abanei a cabeça de um lado para o outro. Abri os dentes assim que ela gritou. Anastasia largou-me e saltou, segurando o peito com uma mão e acenando para o alto com a outra, tentando sorrir. Também saltei, e gritei-lhe, afastando febrilmente os rastejantes de cima de mim:

– Querias dar-me a comer aos vermes, sua bruxa da floresta! Eu não me rendo assim tão facilmente!

Continuando a acenar e a sorrir com muito esforço para tudo o que a protegia em redor, Anastasia olhou para mim e lentamente, não como de costume a correr, dirigiu-se para o seu lago, cabisbaixa. Eu fiquei algum tempo parado no mesmo lugar, a pensar no que deveria fazer a seguir: «Regressar à margem do rio? Mas como encontrar o caminho? Ir atrás de Anastasia, mas para quê?». Acabei por ir até à margem do lago.

Anastasia estava sentada na margem do lago, esfregando nas palmas das mãos uma erva e espalhando a sua seiva no sítio do peito, onde se via uma grande nódoa negra da minha dentada. Provavelmente, ela tinha dores. Mas com que intuito me tentara deter? Depois de andar um bocado para trás e para a frente ao pé dela, perguntei-lhe:

– Dói?

Sem virar a cabeça, ela respondeu:

– É mais tristeza – e continuou a esfregar a seiva da erva em silêncio.

– Por que é que decidiste brincar assim comigo?

– Queria fazer o melhor. Os poros da tua pele estão todos entupidos, não respiram. Os insectozinhos iam limpá-los, não dói tanto assim, até é agradável.

– E a cobra que eu vi, mordeu-me na perna?

– Ela não te fez mal, e se tivesse expelido o veneno, teria sido só superficialmente e eu esfregaria de imediato. A tua pele e os músculos do calcanhar estão enfraquecidos, ficam dormentes.

– Isso foi do acidente de automóvel – respondi.

Ficámos calados algum tempo. Era uma situação tonta. Sem saber o que dizer, perguntei-lhe:

– Por que é que não foste ajudada por algo invisível, como antes, quando eu perdi os sentidos?

– Não fui desta vez ajudada, porque eu estava a sorrir. E mesmo quando começaste a morder-me, eu tentei sorrir.

Comecei a sentir-me desconfortável na sua presença. Peguei no montinho de erva que tinha ao lado e esfreguei-a nas mãos com quanta força podia. Depois, pus-me de joelhos à frente dela, e com as mãos húmidas comecei a aplicar a seiva na nódoa negra.

CAPÍTULO 28

Sonhos – criando o futuro

Agora, sabendo mais sobre os sentimentos de Anastasia, com a sua vontade de provar, apesar de todas as peculiaridades extraordinárias, que é um ser humano, uma pessoa natural e normal, eu entendi a dor interna que lhe causei naquela manhã! Pedi-lhe desculpa mais uma vez, e Anastasia respondeu que não estava zangada mas que agora, depois do que co-criara, temia por mim.

– O que poderias ter feito de tão assustador? – perguntei-lhe. E mais uma vez ouvi uma história que não deveria ser contada de maneira tão séria por uma pessoa que espera ser considerada normal como todas as outras que vivem no nosso mundo. Porque ninguém fala deste modo sobre si próprio.

– Quando o navio partiu – continuou Anastasia – e a juventude local se dirigiu para a aldeia, fiquei sozinha algum tempo de pé na margem do rio, e estava a sentir-me bem. Depois corri para a minha floresta, o dia decorreu como de costume, mas ao início da noite, quando as estrelas já tinham aparecido, deitei-me nas ervas e comecei a sonhar acordada, e foi então que construí este plano.

– Que plano é esse ainda?

– Sabes, as coisas que eu sei são parcialmente conhecidas por várias pessoas do mundo em que vives, e todas juntas sabem praticamente tudo, só não entendem o mecanismo na totalidade.

Então, eu comecei a imaginar que tu vais chegar à grande cidade e contar a muitas pessoas sobre mim e sobre o que eu te esclareci. Irás fazê-lo através dos processos pelos quais normalmente se transmite todo o tipo de informação, e escreverás um livro.

Ele será lido por muitas, muitas pessoas e a verdade abrir-se-á para elas.

Elas terão menos doenças, mudarão a atitude para com as crianças e irão desenvolver um novo método de educação para elas.

As pessoas vão passar a amar mais, e a Terra começará a emitir mais energia luminosa.

Os artistas vão desenhar retratos meus, e cada retrato será a sua melhor obra-prima. Eu vou esforçar-me por inspirá-los. Eles farão o que chamam de cinema, e este será o mais belo filme!

Verás tudo isto e vais lembrar-te de mim. Irás encontrar pessoas sábias, que entenderão e apreciarão o que te disse, e que te vão esclarecer muitas coisas.

Será mais fácil para ti acreditar neles do que em mim, e vais então entender que eu não sou uma bruxa, mas um ser humano, somente tenho mais informação em mim do que as outras pessoas.

O que vais escrever será de grande interesse e vais tornar-te rico. Vais também ter dinheiro em bancos de dezanove países, visitarás lugares sagrados e vais purificar-te de tudo o que tens de obscuro em ti.

Vais lembrar-te de mim e começarás a amar-me, desejarás ver-me novamente e ver o teu filho. Desejarás tornar-te digno do teu filho.

O meu sonho foi muito claro, até um pouco suplicante. É por isso que, provavelmente, tudo acontecerá assim. *Eles* tomaram-no como um plano de acção e decidiram conduzir as pessoas através da fresta de tempo das forças obscuras.

Isto é permitido, se o plano for formulado na Terra com todos os pormenores, no coração e nos pensamentos de uma pessoa terrena.

Certamente, *Eles* tomaram isto como um plano grandioso, e pode ser que lhe tenham acrescentado alguma coisa, porque as forças obscuras aumentaram muito a sua actividade ultimamente. Nunca antes tiveram esta actividade! Eu percebi isto pelo cedro ressoante. O seu raio ficou muito mais espesso. E agora ressoa mais alto, apressa-se a dar a sua luz, a sua energia.

Eu escutava Anastasia, e naquele momento instalava-se ainda mais dentro de mim o pensamento de que ela era louca. Podia ter escapado muito tempo antes de um asilo e agora vivia ali, na floresta, e ainda por cima, eu tinha dormido com ela! E agora, podia vir a nascer um bebé. Mas que história... No entanto, vendo a seriedade e a preocupação com que ela falava comigo, tentei acalmá-la:

– Não te inquietes Anastasia – o teu plano é obviamente irrealizável à partida, por isso não há razão para que as forças da luz e das trevas lutem. Tu não sabes tudo assim tão detalhadamente sobre a nossa vida, as suas leis e convenções.

É que entre nós edita-se uma enorme quantidade de livros, mas mesmo as obras de escritores famosos não têm grandes vendas. Eu não sou escritor, e por conseguinte, não tenho nem talento, nem capacidades, nem instrução para escrever seja o que for.

– Sim, Vladimir, antes não tinhas estas coisas, mas agora tens – declarou Anastasia em resposta.

– Está bem – continuei a tranquilizá-la – mesmo que eu tente, ninguém irá imprimi-lo e não acreditarão na tua existência.

– Mas eu existo. Eu existo para aqueles para os quais existo. Eles acreditarão e vão ajudar-te, assim como eu os ajudarei depois. E juntamente com essas pessoas...

O sentido desta frase não ficou logo claro para mim e de novo fiz uma tentativa para acalmá-la:

– Eu não vou sequer tentar escrever alguma coisa. Isto não faz qualquer sentido, entende de uma vez por todas.

– Vais sim! É evidente que *Eles* já dispuseram todo um sistema de circunstâncias que te levarão a fazê-lo.

– E eu sou o quê, no teu entender, um fantoche nas mãos de alguém?!

– Também muito depende de ti. Mas as forças obscuras vão tentar atrapalhar-te de todas as formas a que têm acesso, ao ponto de te empurrarem para o suicídio, dando a ilusão de que não há outra saída.

– Chega, Anastasia, basta de escutar as tuas fantasias!

– Pensas que são fantasias?

– Sim! Sim! Fantasias... – eu interrompi a frase...

Foi como se um pensamento se tivesse incendiado... fiz na minha cabeça as contas ao tempo, e entendi. Tudo o que Anastasia me tinha contado sobre os seus desejos, sobre o filho, ela tinha visualizado um ano antes, quando eu ainda não a conhecia assim tão de perto como agora, e antes ainda de ter dormido com ela. Agora, um ano depois, isso tinha acontecido.

– Então quer dizer que é assim que tudo sucede? – perguntei-lhe.

– Claro. Se não fossem *Eles*, e eu um bocadinho, a tua segunda expedição teria sido impossível. Foi com muita dificuldade que conseguiste sair da situação financeira depois da primeira expedição, e já não tinhas quaisquer direitos ao navio.

– O quê, tu influenciaste a frota e as empresas que me ajudaram?

– Sim.

– Então, levaste-me à falência e causaste-lhes prejuízo. Que direito tens de te intrometer? E eu ainda por cima abandonei o navio

e estou aqui sentado contigo. Podem estar lá a roubar tudo. Tu deves possuir algum poder de hipnose. Não, ainda pior, és uma bruxa, é o que és. Ou uma eremita louca. Não tens nada, nem sequer uma casa, e fazes filosofias aqui à minha frente, sua feiticeira!

Eu sou um empresário! Ao menos tens alguma ideia do que isto significa?! Eu sou um empresário! Mesmo que morra, os meus navios continuarão a andar pelo rio, eles levam mercadorias às pessoas. Sou eu que forneço, trago coisas às pessoas e posso dar-te qualquer produto de que necessites. E tu, o que me podes dar tu a mim?

– Eu? O que posso dar-te? Posso dar-te uma gota de ternura celeste e dar-te-ei tranquilidade. Tu serás um génio de visão clara e eu, a imagem que tu crias.

– Imagem? Mas quem é que precisa da tua imagem? Para que é que ela serve?

– Ela vai ajudar-te a escrever o livro para as pessoas.

– Pronto, lá estás tu outra vez com o teu misticismo.

– Eu nunca faço mal a ninguém, nem posso fazer. Eu sou um ser humano! Se te importam tanto os valores mundanos e o dinheiro, então espera um bocadinho, tudo voltará para ti.

Eu sou culpada perante ti por sonhar deste modo, por sonhar que iria ser difícil para ti durante algum tempo, mas naquele momento não consegui inventar de outra forma. Uma vez que não vês a lógica disto, é necessário «obrigar-te» com o auxílio das circunstâncias do teu mundo.

– Ora aí está! – exclamei perdendo a paciência – Afinal, «obrigar»? Tu é que o fazes, e ainda queres parecer uma pessoa normal!

– Eu sou um ser humano, uma mulher! – Anastasia estava agitada, notou-se pela forma como exclamou: – Eu só quis e ainda só quero o bem, a luz e a felicidade. Eu quero que te purifiques. Foi por isso que naquela altura imaginei a viagem a lugares sagrados e

o livro. *Eles* aceitaram-no, e as forças obscuras lutam sempre com *Eles*, mas no essencial nunca vencem.

– Então, e tu? Apesar de toda a tua inteligência, informação e energia, vais ficar ao lado a assistir?

– Perante tal nível de confrontação entre dois princípios grandiosos, o efeito dos meus esforços é insignificante, é necessária a ajuda de muitas outras pessoas do vosso mundo. Vou procurar e vou encontrá-los, como quando tu estiveste daquela vez no hospital. Mas torna-te pelo menos um bocadinho mais consciente. Vence o que não presta em ti.

– O que é que eu tenho que não presta, e o que fiz de mal quando estava no hospital? E como pudeste curar-me se nem sequer estavas por perto?!

– Naquela altura, simplesmente não sentiste a minha presença mas eu estava ao teu lado. Quando estive no navio, trouxe-vos um raminho do cedro ressoante que tinha sido a minha mãe a quebrar antes de falecer. Deixei-o na tua cabine quando me convidaste a entrar. Nessa altura já estavas doente. Eu senti. Lembras-te do raminho?

– Sim – respondi – O raminho realmente tinha estado pendurado na minha cabine muito tempo, foi visto por muitas pessoas da tripulação, e levei-o na altura para Novosibirsk. Mas não lhe dei a mínima importância.

– Simplesmente, deitaste-o fora.

– Mas eu não sabia...

– Sim. Não sabias... Deitaste-o fora... E o raminho da minha mãe não teve tempo de vencer a tua doença. Depois foste internado no hospital. Quando regressares, vê bem o registo da tua doença. Na ficha verás que, embora tenhas tomado o melhor medicamento, não havia melhoras. Mas depois, trouxeram-te óleo de pinhão de

cedro. Um médico que seguisse rigidamente os regulamentos não deveria fazê-lo, mas ele fez o que não aparece em nenhum prontuário médico e nunca antes tinha sido feito. Lembras-te?

– Sim.

– Foste tratado por uma mulher, a directora de unidade de uma das melhores clínicas da vossa cidade. Mas essa unidade nem sequer está relacionada com a tua doença. Ela deixou-te ficar, embora um andar abaixo nesse mesmo edifício se encontrasse a unidade especializada do teu tipo de doença, certo?

– Sim!

– Ela deu-te uma injecção, e ao mesmo tempo pôs uma música no quarto, e diminuiu a luz.

Anastasia estava a contar tudo o que realmente se tinha passado comigo.

– Lembras-te dessa mulher?

– Sim. Era a directora de uma unidade no antigo Hospital Distrital do Concelho.

E de repente, Anastasia, olhando fixamente para mim, disse algumas frases soltas, que me fizeram estremecer de imediato, até senti um arrepio pelo corpo: «de que música é que gosta?... Muito bem... Assim? Não está muito alto?»... E ela dizia estas frases exactamente com a voz e a entoação da directora da unidade hospitalar que me tinha tratado.

– Anastasia!...– exclamei.

Ela interrompeu-me:

– Ouve o resto, não fiques chocado, pelo amor de Deus. Tenta! Tenta de uma vez por todas tomar consciência do que te digo. Emprega a tua inteligência, pelo menos um bocadinho. Tudo isto é muito simples para um ser humano...

E continuou:

– Essa médica é muito boa. É uma médica autêntica. Com ela foi fácil para mim. É bondosa e receptiva. Fui eu que não quis que te transferissem para outra unidade. A outra unidade era adequada ao teu tipo de doença, e não a unidade dela. Mas ela pediu aos supervisores: «deixem, eu curo.» Ela sentia que podia fazê-lo. Ela sentia que as tuas dores eram simplesmente o resultado de «alguma coisa mais». E ela tentou lutar contra essa «alguma coisa mais. Ela é médica.

Mas tu, como é que te comportaste? Continuaste a fumar, a beber tanto quanto querias, a consumir comida picante e salgada, mesmo com uma úlcera tão séria. Não renunciaste a nada, a nenhuns prazeres. Algures no subconsciente do teu cérebro assentou uma mensagem, embora nem estivesses atento a isso, de que nada havia de errado contigo, nada de terrível te aconteceria. Eu não fiz nada de bom, provavelmente, até muito pelo contrário. Na tua mente, não diminuiu a escuridão e não aumentou a consciência, nem a vontade. Quando já estavas com saúde, no dia do aniversário da mulher que te tinha salvado a vida, enviaste uma colaboradora tua para lhe dar os parabéns. Nem uma vez lhe telefonaste. Ela esperou tanto por isso... Ela ficou a amar-te tanto como...

– Ela ou tu, Anastasia?

– Nós, se assim for mais compreensível para ti.

Levantei-me e, sem saber porquê, afastei-me uns dois passos de Anastasia, que estava sentada no tronco caído de uma árvore. A confusão de sentimentos e pensamentos causava-me uma incerteza ainda maior em relação a ela.

– Pronto, já não estás a perceber outra vez como é que faço isto, e assustas-te, mas é fácil deduzir que eu faço estas coisas com o auxílio da minha imaginação e da análise exacta das possíveis situações. Mas começaste a pensar mal de mim novamente...

Ela calou-se, inclinando a cabeça sobre os joelhos. Eu fiquei de pé em silêncio e pensava: «por que é que ela diz, e continua a dizer só coisas inverosímeis? Primeiro diz as coisas, e depois fica triste, porque são incompreensíveis! Pelos vistos, não percebe que nenhuma pessoa normal as poderá aceitar, e por conseguinte, a ela, como uma pessoa normal.»

Mas em seguida fui ter com Anastasia e afastei-lhe as tranças caídas do cabelo.

As lágrimas dos seus grandes olhos azuis acinzentados corriam-lhe pelas faces. Ela sorriu e disse uma frase pouco característica dela:

– Uma miúda é sempre uma miúda, não é? Agora, estás impressionado pelo simples facto da minha existência e não acreditas nos teus olhos. Não acreditas plenamente, não consegues entender o que te digo. Consideras a minha existência e as minhas capacidades surpreendentes. Deixaste completamente de me ver como um ser humano normal, mas acredita, Vladimir, eu sou um ser humano e não uma bruxa!

Consideras o meu estilo de vida impressionante. Mas, por que é que não te parece surpreendente e paradoxal outra coisa? Por exemplo, porque é que as pessoas, após admitirem que a Terra é um corpo celeste e a mais grandiosa criação da Mente Suprema, sendo cada sistema componente uma magnífica realização d'Ele, despedaçam este sistema e dirigem tantos esforços para o destruir?

Parecem-vos naturais os foguetões ou aviões industriais, mas toda essa mecânica, todos os seus componentes são feitos de partes quebradas ou fundidas do supremo sistema original.

Imagina um ser que parte um pedaço de um avião para fazer um martelo ou uma espátula e se orgulha por ter conseguido fazer uma ferramenta primitiva. Ele não entende que não se pode continuar a quebrar o avião infinitamente.

Como é que não compreendem que a nossa Terra não deve ser torturada assim?!

O computador é considerado uma realização da inteligência humana, mas poucos suspeitam que o computador pode ser comparado a uma prótese do cérebro.

Podes imaginar o que aconteceria a uma pessoa que andasse de muletas todo o tempo, apesar de ter pernas normais? Naturalmente, os músculos das pernas iriam ficar atrofiados.

Jamais uma máquina ultrapassará o cérebro humano, se este for treinado constantemente...

Anastasia limpou uma lágrima que deslizava pela sua face e de novo continuou a expor as suas incríveis conclusões intelectuais, de forma insistente.

Naquela altura, eu não fazia ideia de como tudo o que ela dizia iria tocar o coração de muitas pessoas, de como iria alvoroçar os intelectos dos eruditos, e como, em hipótese, era algo incomparável no mundo!

De acordo com Anastasia, o sol era como um espelho que reflectia as emanações da Terra, invisíveis aos nossos olhos. Estas emanações provêm das pessoas em estado de amor, de alegria ou de outros sentimentos luminosos que, reflectidas pelo sol, voltam à Terra em forma de luz solar e dão vida a tudo no planeta[1].

[1] Um aspecto interessante, a ideia de que o sol não tem brilho próprio, é na realidade bastante difundida, tanto na ciência como na religião. Por exemplo o proeminente engenheiro Russo e cientista que residiu em França, Dr. Georges Lakhovsky (1869-1942), pioneiro da bioenergética, autor de *O segredo da vida: Raios cósmicos e radiações de seres vivos*, e um dos mais respeitados cientistas Europeus do seu tempo, sugeriu que «o sol é um corpo preto frio»; Viktor Schauberger (ver nota de rodapé ... Capítulo 16: Discos voadores? Nada de extraordinário!) discutiu ao longo das mesmas linhas, como discutido em Callum, livro *Energias Vivas*; Dr. Philip Callahan (1923 – ?), proeminente entomologista e engenheiro de rádio, autor de numerosos artigos científicos e livros, fala sobre *tachons*, ou seja, partículas que se deslocam mais rapidamente do que a velocidade da luz, e tenta detectá-las nos raios solares e ao redor de pessoas em estado de amor

Anastasia apresentou ao mesmo tempo uma série de provas, mas não tão simples de compreender.

– Se a Terra e outros planetas fossem simplesmente consumidores da graça da luz do sol – disse ela – então ele deveria extinguir-se, ou arderia de maneira desigual, e o seu brilho não poderia ser regular.

No Universo não existe nenhum processo unilateral, nem pode existir. Tudo está interligado.

Ela também citou as palavras da Bíblia: – «E a vida era a luz de homens»[2].

Anastasia afirmou também que os sentimentos de um ser humano se transmitem a outro, reflectindo-se nos astros, e demonstrou-o com o exemplo seguinte:

– Ninguém na Terra pode negar que sente quando alguém o ama. Este sentimento é sobretudo perceptível quando estamos perto da pessoa que nos ama. É a chamada intuição. Na realidade, daquele que ama emanam ondas de luz invisíveis. Mas mesmo que a pessoa não esteja perto, se o seu amor é forte, ele também se pode sentir. Com o auxílio desse sentimento, compreendendo a sua natureza, podem-se fazer milagres, aquilo a que chamam misticismo ou capacidades incríveis. Diz-me Vladimir, sentes-te agora um pouco melhor comigo? Ficaste de algum modo mais leve, aquecido, mais completo?

(por exemplo, em santos ou em yogis meditando). George Ivanovich Gurdjieff (1872?-1949) era um pensador espiritual, cujo pensamento teve uma intensa influência em tais proeminentes intelectuais do Século vinte, como o naturalista Aldo Leopold (1887-1948), criador da ética da terra e autor do almanaque *Um Condado de Areia*, e o economista F.F. Schumacher (1911-1977), autor de *Pequeno é bonito: Economia como se as pessoas se importassem*. Gurdjieff manteve que o sol «nem brilha nem aquece» e dedicou um capítulo inteiro em *Contos do Beelzebub para o seu neto*, a uma discussão sobre isto, aparentemente com uma proposição paradoxal.

[2] Jo 1,4.

– Sim – respondi – Por alguma razão eu comecei a sentir-me aquecido.

– Agora vê o que acontece quando me concentro mais intensamente em ti.

Anastasia baixou ligeiramente as pálpebras, lentamente deu alguns passos atrás e parou.

Um sentimento agradável de calor começou a percorrer-me o corpo. Intensificava-se gradualmente, mas não queimava, nem ficava com calor por causa dele.

Anastasia virou-se e começou a caminhar lentamente, escondendo-se atrás do tronco grosso de uma árvore alta. A sensação de calor agradável não diminuiu, e juntou-se-lhe uma nova – como se alguma coisa estivesse a ajudar o meu coração a bombear sangue pelas minhas veias e agora, com cada um dos seus batimentos, dava a impressão de que os fluxos sanguíneos alcançavam simultaneamente todos os vasos sanguíneos do meu corpo. As plantas dos meus pés começaram a suar abundantemente e ficaram molhadas.

– Vês? Agora, já entendes tudo? – perguntou Anastasia, enquanto reaparecia triunfante por detrás da árvore, confiante de que me tinha provado alguma coisa. Tu sentiste tudo quando eu fui para trás do tronco da árvore, e as tuas sensações até aumentaram quando não podias ver-me. Fala-me delas.

Eu contei-lhe o que senti, e perguntei-lhe:

– O que comprova estares atrás do tronco da árvore?

– Então, as ondas de informação e luz iam directamente de mim para ti. Quando eu me escondi, supostamente o tronco da árvore deveria distorcê-las de forma significativa, uma vez que tem a sua própria informação e o seu próprio brilho, mas isso não aconteceu.

As ondas de sentimentos começaram a atingir-te directamente, reflectindo-se nos astros, e até se intensificaram. Então, eu fiz o que

vocês chamam um «milagre»: os teus pés começaram a transpirar. Omitiste este facto.

– Não lhe dei importância. Como é que os meus pés a transpirar constituem um milagre?

– Eu expulsei muitos tipos de doenças do teu corpo através dos teus pés. Agora deves sentir-te muito melhor. Até é visível no teu aspecto exterior, na tua postura menos curvada.

Realmente, eu sentia-me melhor fisicamente.

– Então isto significa que, quando te concentras deste modo, sonhas acordada com alguma coisa e tudo o que tu desejas vem a acontecer?

– É mais ou menos assim.

– E consegues sempre fazê-lo, mesmo quando sonhas sobre alguma coisa além da cura física?

– Sempre. Desde que não seja um sonho abstracto. Desde que esteja pormenorizado até ao mais ínfimo detalhe e desde que não contradiga as leis da existência espiritual. Contudo, nem sempre sou bem sucedida a criar um sonho como este. É preciso que o pensamento voe em movimento extraordinariamente rápido e que a vibração de sentimentos lhe seja correspondente, então definitivamente esse sonho torna-se realidade. É um processo muito natural. Acontece na vida de muitas pessoas. Pergunta a pessoas conhecidas. Talvez entre elas se encontrem algumas que já sonharam deste modo, e cujos sonhos se tornaram na íntegra ou parcialmente realidade.

– Pormenorizado... que o pensamento... voe extraordinariamente rápido... Conta-me, e quando estavas a sonhar acordada acerca dos poetas, dos artistas e do livro, também imaginaste tudo em detalhe? Nessa altura, o teu pensamento voou rapidamente?

– Extraordinariamente depressa. E tudo foi tão específico, até ao mais pequenino detalhe.

– Então, pensas que agora vai tornar-se realidade?

– Sim. Vai tornar-se realidade.

– Não sonhaste sobre mais nada nessa ocasião? Contaste-me tudo sobre o teu sonho?

– Não te contei tudo sobre o meu sonho.

– Então, conta-me tudo.

– Queres... queres realmente ouvir tudo, Vladimir? De verdade?

– Sim.

O rosto de Anastasia resplandeceu, como se iluminado por um clarão de luz.

E foi com inspiração e agitação que ela continuou o seu incrível monólogo.

CAPÍTULO 29



Através da fresta do tempo das forças obscuras

– Naquela noite em que sonhava acordada, eu pensava sobre como transportar as pessoas através da fresta de tempo das forças obscuras. O meu plano e tomada de consciência foram rigorosos e realistas, e *Eles* aceitaram-no.

No livro que vais escrever vão estar contidas combinações discretas, fórmulas de letras que despertarão na maioria das pessoas sentimentos luminosos e bondosos. Estes sentimentos são capazes de vencer padecimentos do corpo e da alma, e vão facilitar o nascimento de uma nova consciência, inerente às pessoas do futuro. Acredita em mim, Vladimir, isto não é misticismo, isto está de acordo com as leis do Universo.

É tudo muito simples: escreverás esse livro guiado somente pelos sentimentos e pelo teu coração. Não poderás fazê-lo de outro modo, uma vez que não dominas a técnica da escrita, mas através dos sentimentos pode fazer-se TUDO.

Estes sentimentos já estão em ti. Tanto os meus como os teus. Ainda não os reconheceste, mas eles serão compreensíveis para muitos. Quando estiverem materializados em sinais e combinações, serão mais fortes do que o fogo de Zoroastro[1].

[1] Zoroastro (ca.628-551 a.C.) – místico persa, também conhecido por Zaratrusta, que comparou a natureza de Deus a uma chama eterna e inextinguível. O Zoroastrismo é praticado hoje principalmente na Índia (onde os aderentes são conhecidos como Parsis) e em áreas isoladas do Irão.

Não escondas nada que aconteceu contigo, mesmo as experiências mais pessoais. Liberta-te de qualquer sentido de vergonha e não tenhas receio de pareceres ridículo. Domina o teu orgulho.

Eu revelei-te todo o meu ser – com o meu corpo e com a minha alma! E através de ti quero também revelar-me a todas as pessoas, agora isso já me é permitido.

Eu sei que uma massa terrível de forças obscuras descerá sobre mim, tentando opor-se ao meu sonho, mas não tenho medo delas. Sou mais forte e irei conseguir ver o meu plano tornar-se realidade.

Terei tempo de dar à luz e educar o meu filho – o nosso filho, Vladimir.

O meu sonho vai quebrar muitos dos mecanismos das forças obscuras, que têm actuado destrutivamente sobre as pessoas desde há milhares de anos, e fará com que muitas comecem a trabalhar para o bem.

Sei que tu neste momento não és capaz de acreditar em mim, tens a interferência de muitos condicionamentos e de muitos dogmas que estão enraizados no teu cérebro devido às circunstâncias da existência no mundo em que vives.

Parece-te inacreditável a possibilidade de ser transportado através do tempo, mas as vossas noções de tempo e de distância são todas relativas. Estas dimensões não podem ser medidas a metro ou em segundos, mas pelo grau de pura consciência e vontade.

A pureza das intenções, dos sentimentos e das sensações sustentadas pela maioria das pessoas é que determinam o lugar da Humanidade no tempo e no universo.

Elas acreditam em horóscopos, acreditam que estão totalmente dependentes da posição dos planetas, mas esta crença gerou-se com a ajuda dos mecanismos das forças obscuras. Essa crença retarda o tempo do canal paralelo de luz, dando oportunidade às trevas de avançar e de aumentar o seu tamanho. Esta crença afasta-vos da consciência pura da verdade, da essência da vossa existência terrena. Analisa esta questão atentamente. Pensa: o ser humano foi criado por Deus à Sua imagem e semelhança.

Ao ser humano foi concedida a mais grandiosa liberdade – a liberdade de escolher entre a escuridão e a luz. Ao ser humano foi dada a Alma.

Tudo o que é visível está sob o poder do ser humano, e ele, ser humano, é livre, até em relação a Deus – tem a liberdade de O amar ou não.

Ninguém, nem nada, pode dominar um ser humano para além da sua vontade.

Deus quer o amor do ser humano em troca do Seu amor, mas Deus quer o amor do ser humano livre, perfeito e Seu semelhante.

Deus criou tudo o que é visível, incluindo os planetas. Eles servem para garantir a ordem e a harmonia de todos os seres vivos: as plantas e o mundo animal ajudam o corpo humano, mas não têm nenhum poder sobre o coração e o intelecto do ser humano.

Não são eles que dominam o ser humano, mas sim o ser humano que os domina através do seu subconsciente.

Se uma pessoa quiser que se inflame no céu um segundo sol, ele não aparecerá. Assim está estabelecido, para que não aconteçam catástrofes planetárias. Mas se todas as pessoas quiserem ao mesmo tempo um segundo sol, ele aparecerá.

Quando se faz um horóscopo, é necessário em primeiro lugar ter em conta as medidas principais – o nível de consciência temporal da pessoa, a sua força de vontade e de espírito, as aspirações da sua Alma e a participação dessa pessoa no momento da vida actual.

Os dias propícios e não propícios, as tempestades magnéticas, a pressão atmosférica alta ou baixa – tudo está sujeito à vontade e à consciência pura.

Por acaso nunca viste uma pessoa feliz e contente num dia enevoado ou de tempestade ou, pelo contrário, uma pessoa triste e desanimada, num dia cheio de sol e de clima com condições favoráveis?

Pensas que estou simplesmente a imaginar fantasias, como se fosse louca, quando digo que as combinações e as fórmulas de letras que irei colocar no livro vão curar pessoas e iluminar as suas experiências? Não acreditas em mim, porque não entendes... Mas na realidade é tão simples...

Vê, neste preciso momento estou a falar contigo na tua linguagem, usando as tuas expressões e até a tentar algumas vezes falar com as tuas entoações. Será fácil para ti memorizar o que digo, porque é esta a tua linguagem, que te é inerente de forma exclusiva, embora compreensível para muitas pessoas. Nela não existem palavras incompreensíveis nem expressões pouco utilizadas no quotidiano. Ela é simples, e por isso, a maioria pode entendê-la.

Mas há certas palavras ou ordens de palavras, que eu mudo, só um pouco, só um pouquinho. Tu agora estás entusiasmado e por isso, sempre que recordares este estado, vais lembrar-te de tudo o que te disse. E vais escrever o que eu disse.

Assim, as minhas combinações de letras vão aparecer no livro que escreveres.

Estas combinações são muito importantes. Elas podem fazer milagres, como uma oração. Apesar de tudo, muitos de vós já sabem que as orações são padrões e combinações de determinadas letras. Estas combinações e padrões são fortes em conjunto, pois são construídos por pessoas iluminadas com a ajuda de Deus.

As forças obscuras tentaram sempre retirar ao ser humano a oportunidade de utilizar a graça que emana destas combinações. Com esse objectivo, elas até transformaram a língua, introduziram novas palavras e retiraram antigas, distorcendo-lhes o sentido.

Antigamente, por exemplo, na vossa língua havia quarenta e sete letras, agora ficaram trinta e três.

As forças obscuras introduziram outras, as suas próprias combinações e fórmulas, espalhando a escuridão e impulsos primários, e tentaram atrair o ser humano através da luxúria e das paixões. Mas eu reconstituí as características primordiais desses padrões, utilizando ao mesmo tempo apenas letras e símbolos actuais, e agora, eles vão ter o seu efeito.

Eu esforcei-me tanto para os encontrar! E encontrei! Reuni tudo o que há de melhor de todos os tempos. Reuni muitas coisas. E escondi-as entre aquilo que irás escrever.

Como vês, é apenas uma tradução da combinação de símbolos das profundezas da eternidade e do cosmos infinito – exacto no sentido, significação e objectivos.

Escreve sobre tudo o que viste, não escondas nada, nem de mau nem de bom, nem mesmo de íntimo, e então, tudo se vai preservar.

Tu próprio vais ficar convencido disso – por favor, acredita-me, Vladimir – Vais ficar convencido quando escreveres.

Em muitas das pessoas que irão ler o que está escrito vão despertar sentimentos e emoções que ainda não lhes são totalmente

compreensíveis ou conscientes. Elas vão confirmar-te isto, vais ver, vais ouvi-las confirmar.

Nestas pessoas vão surgir sentimentos luminosos, depois muitas delas vão compreender ainda mais por si mesmas, muito mais do que foi escrito por ti, com o auxílio destes sentimentos.

Escreve pelo menos um pouco. Quando acreditares que as pessoas sentem estas combinações, quando forem dez, cem, mil pessoas a confirmar-to, vais acreditar e vais então escrever tudo. Mas acredita! Acredita em ti, acredita em mim.

Mais tarde, vou poder dizer coisas ainda mais significativas, e elas irão entendê-las e senti-las.

E o mais significativo é a educação das crianças. Tu estavas interessado em saber acerca dos discos voadores e mecanismos, foguetões e planetas. Mas eu queria tanto contar mais sobre a educação das crianças, e vou fazê-lo, vou contar-to quando tiver instalado em ti um grande nível de consciência pura!

No entanto, é necessário ler isto quando não houver interferência dos mecanismos fabricados artificialmente. Estes sons prejudicam e afastam o ser humano da verdade. Que estejam presentes apenas os sons do mundo natural criado por Deus! Eles comportam em si a informação da verdade, da graça e da bondade e ajudam a consciência pura. Então, a cura será significativamente mais forte.

Mais uma vez, com certeza, tens as tuas dúvidas quando pensas em mim, e não acreditas no poder curativo das palavras. Mas também nisto não há misticismo, nem fantasia ou contradição das leis da existência espiritual.

Quando surgem num ser humano sentimentos luminosos, eles têm imperiosamente uma influência benéfica em absolutamente todos os órgãos do corpo.

São precisamente os sentimentos luminosos que são o remédio mais poderoso e eficaz contra qualquer doença. Deus curou através de tais sentimentos, como também profetas Bíblicos e santos.

Lê o Antigo Testamento e vê por ti mesmo. Também certas pessoas do vosso mundo são curadores através da ajuda destes sentimentos. Muitos dos vossos médicos sabem-no. Pergunta-lhes, se não acreditas em mim. Apesar de tudo, para ti é mais fácil acreditares neles.

Quanto mais forte e luminoso for esse sentimento, mais efeito tem na pessoa a quem se dirige.

Eu sempre pude curar com o meu pequeno raio. O meu bisavô ensinou-me e explicou-me tudo quando eu ainda era criança. Eu fiz isso muitas vezes com os meus *dachniki*.

Agora o meu raio é muitas vezes mais poderoso do que o do avô e do bisavô porque, dizem eles, surgiu em mim um outro sentimento, chamado amor.

Este sentimento é imenso, agradável e também um pouco ardente. Tenho vontade de o partilhar com todas as pessoas, e contigo. Quero que todos estejam bem e que tudo esteja bem, assim como Deus quis.

Anastasia proferiu o seu monólogo com extraordinária inspiração e confiança. Foi como se o tivesse projectado no espaço e no tempo. Depois ficou em silêncio.

Olhei para Anastasia, impressionado com o seu invulgar fervor e confiança, e depois perguntei:

– Anastasia, é tudo? Não existem mais pormenores nos teus planos, ou nos teus sonhos?

– Tudo o resto, Vladimir, são detalhes sem grande importância. Eu realizei-os pelo caminho, «com uma perna às costas». Havia somente uma dificuldade que tinha a ver contigo, mas eu consegui solucioná-la.

– Bem, conta lá mais em detalhe. Que dificuldade é essa que tem a ver comigo?

– Vê se entendes, eu fiz de ti a pessoa mais rica à face da Terra. E ainda fiz de ti a mais famosa. Isto acontecerá dentro de algum tempo.

Mas, quando os detalhes do meu sonho se mostraram... Como ainda não tinham levantado voo, e ainda não tinham sido levados pelas forças da luz... As forças obscuras... elas tentam sempre introduzir a sua contribuição prejudicial, com todas as espécies de efeitos colaterais, que influenciam negativamente aqueles a quem tocam directamente e ainda outras pessoas.

Os meus pensamentos corriam muito, muito depressa, mas as forças obscuras conseguiram alcançá-los na mesma. Elas deixaram muitos dos seus afazeres terrenos e focaram-se em activar os seus mecanismos em volta do meu sonho, e então eu inventei... Enganei-as, e fiz com que todos os seus mecanismos trabalhassem para o bem.

As forças obscuras ficaram confusas durante menos de um segundo, mas isso foi o suficiente para que o meu sonho, levado pelas forças luminosas, alcançasse o infinito luminoso inalcançável por elas.

– O que é que inventaste, Anastasia?

– Inesperadamente, aumentei-lhes um pouco a fresta de tempo das forças obscuras, na qual tu terás que ultrapassar diferentes dificuldades. E ao mesmo tempo, retirei a possibilidade de ajudar-te com o meu raio.

Elas ficaram pasmadas, porque não viam nisso qualquer lógica da minha parte. E enquanto isso, iluminei muito rapidamente as pessoas que irão estar contigo no futuro.

– O que é que isso significa?

– Haverá pessoas a ajudar-te, e a realizar o meu sonho. Com os seus pequeninos, quase incontroláveis raios. Mas elas serão muitas, e todos juntos transformarão o sonho em realidade materializada. Irão transportar-se através da fresta de tempo das forças obscuras, e transportarão a outros.

Não vais ficar arrogante e ganancioso quando te tornares rico e famoso, porque irás entender que o mais importante não está no dinheiro, pois em troca dele não se recebe o calor nem a genuína cumplicidade da alma humana.

Vais entender isto quando atravessares essa fresta de tempo, quando vires e conheceres estas pessoas. E elas também entenderão.

E quanto às vénias... Eu inventei a tua relação com os bancos, pelo sim pelo não, também porque negligencias o teu corpo. Assim, pelo menos farás um pouco de exercício quando fores levantar dinheiro da tua conta. E também alguns funcionários o vão fazer. Mesmo que seja um pouco ridículo, em compensação não terás orgulho pecaminoso em ti.

Daqui resulta que todas as dificuldades e obstáculos que engendraram as forças obscuras na sua fresta de tempo, irão fortalecer-te e também às pessoas que te rodeiam. Vão tornar-vos mais conscientes e, por isso mesmo, vão proteger-vos das tentações obscuras das quais elas tanto se orgulham. Serão as próprias acções delas a proteger-vos. Por isso é que se desnortearam durante um milésimo de segundo! Agora, já nunca mais irão conseguir apanhar o meu sonho!

– Anastasia! Minha querida sonhadora. Fantasista!

– Oh... Que bem que tu fizeste. Obrigada! Agradeço-te! Disseste tão bem: «minha querida».

– De nada. Mas também te chamei fantasista e sonhadora. Não te ofendeste?

– Não me ofendi nada. Ainda não sabes a precisão com que se realizam sempre os meus sonhos quanto estes surgem brilhantes e detalhados! Este vai realizar-se de certeza, pois é o meu predilecto e o mais brilhante de todos. O livro que vais escrever também vai sair assim. Vão surgir sentimentos especiais nas pessoas, e estes sentimentos vão levá-las à acção...

– Espera, Anastasia, já estás a entusiasmar-te outra vez. Acalma-te.

***

Passou pouco tempo desde que interrompi o fervoroso discurso de Anastasia, que parecia apenas uma fantasia.

Eu não compreendia muito bem o significado contido no monólogo de Anastasia. Tudo o que ela tinha dito soava demasiado fantástico. Passado um ano, o editor da revista *Chudesa i prikliuchenia*, «Milagres e aventuras», depois de ter lido o meu manuscrito que continha este monólogo, entregou-me com agitação um exemplar recente da sua revista (de Maio de 1996).

A agitação também tomou conta de mim, quando tomei conhecimento do conteúdo da revista. Dois grandes cientistas, ambos académicos, Anatoly Akimov[2] e Vlail Kazancheev[3] falavam, nos seus artigos, acerca da existência da Mente Suprema, e da estreita relação do ser humano com o universo, como também dos raios invisíveis a olho nu que emanam das pessoas. Os cientistas tinham

2 Anatoly Evguenievich Akimov – Director do Instituto Internacional de Físicas Teóricas e Aplicadas da Academia de Ciências Naturais da Rússia.

3 Vlail Petrovich Kazancheev – proeminente membro da Academia Russa de Ciências Médicas de Novosibirsk, especializado na inter-relação do Homem com a Natureza, incluindo bio-sistemas e processos de informação. Condecorado como veterano da II Guerra Mundial, Kazanchev recebeu muitos prémios pelas suas investigações e publicações.

conseguido detectá-los com equipamento especial e a revista incluía duas fotografias destes raios que emanam das pessoas.

Mas a ciência começou apenas a descrever o que Anastasia, não só já sabia desde a infância, mas também utilizava facilmente na sua vida diária, esforçando-se por ajudar as outras pessoas.

Como é que eu, um ano antes, poderia saber que aquela moça, chamada Anastasia, que tinha aparecido à minha frente com a sua velha e única saia, calçada com galochas desajeitadas, inquieta e mexendo nos botões do seu casaco, possuía realmente conhecimentos grandiosos e a capacidade de influenciar os destinos das pessoas! Ou que os ímpetos da sua alma seriam realmente capazes de fazer oposição às trevas e às forças destrutivas que ameaçam a Humanidade!

Ou que o famoso terapeuta popular da Rússia e Presidente da fundação de terapeutas da Rússia reuniria os seus assistentes e diria: «nós somos insectos em comparação com ela». E acrescentaria que o mundo ainda não tinha visto um poder tão grande como o dela, lamentando que eu não a tivesse compreendido durante tanto tempo!

E que muitas pessoas sentiriam irradiar do livro a energia de uma grande força.

E também que, a seguir ao lançamento da primeira e pequena tiragem dos livros, cuja autora é na verdade, penso eu, Anastasia, choveriam versos que iriam limpar a sujidade como a chuva da Primavera.

Agora, o querido leitor segura nas suas mãos este livro, está a lê-lo. Se ele desperta sentimentos no seu coração, só o leitor pode avaliar. O que sente? A que tipo de acções o impele o livro?

Sozinha na taiga, na sua clareira, Anastasia iria usar insistentemente o seu raio de bondade para afastar quaisquer barreiras que se levantassem no caminho do seu sonho. Iria reunir e inspirar mais e mais novas pessoas para que o seu sonho se viesse a realizar.

Assim, nos meus momentos mais difíceis estiveram ao meu lado três estudantes Moscovitas, sem receberem pelo seu trabalho qualquer recompensa monetária (e ajudando-me até materialmente), ganhando dinheiro como podiam e dactilografando durante a noite o texto de *Anastasia* nos seus computadores, principalmente Lesha Novichkov.

Eles não pararam de dactilografar, nem quando começaram os seus difíceis exames.

E a imprensa *Número Onze* de Moscovo imprimiria 2000 cópias, mesmo sem existir uma editora. Mas ainda antes disto, a jornalista Evguenia Kvitko, do jornal de agricultura *Krestianskie Vedomosti*, seria a primeira a contar sobre Anastasia na imprensa. Seguiram-se Katia Golovina, da *Moskovskaia Pravda*, e ainda os jornais *Lesnaia Gazeta*, *Mir Novostei*, e a *Radio Rossiya*. A revista *Chudesa i Prikliuchenia* (*Milagres e Aventuras*), para a qual escrevem as famosas vedetas da ciência académica Russa, quebrando a tradição, dedicariam a Anastasia alguns números, dizendo: «nem nos seus sonhos mais corajosos os académicos alcançam a visão clara de Anastasia – a vidente da taiga Siberiana. A pureza de intenções torna o ser humano omnipotente e omnisciente. O ser humano é o culminar da Criação».

Apenas a imprensa séria da capital viria a editar *Anastasia*. Era como se a própria Anastasia a tivesse escolhido, pondo de parte as editoras «de cordel», num esforço cuidadoso para preservar e defender a pureza e as intenções do seu sonho.

Mas isto tornou-se claro apenas um ano após o meu encontro com Anastasia. Naquela altura, sem a entender, sem acreditar totalmente e lidando com os acontecimentos de forma particular, eu esforcei-me por levar a conversa a um tema que me era mais familiar: os empresários.

CAPÍTULO 30



Pessoas fortes

A maior avaliação da tua personalidade é feita pelas pessoas que te rodeiam.

Anastasia falou muito acerca das pessoas a quem nós chamamos empresários, e sobre a sua influência na espiritualidade da sociedade. Depois, pegou num galho e desenhou um círculo no chão. Dentro do círculo desenhou muitos círculos pequenos, com um ponto no meio de cada um. E ao lado desse círculo desenhou outros mais. Ela desenhou como que um mapa dos planetas dentro do mundo da Terra, e ainda lhe acrescentou muitas outras coisas, dizendo:

– O círculo grande é a Terra – o planeta onde vivem as pessoas. Os círculos pequeninos são pequenos grupos de pessoas, unidas por algo em comum. Os pontos são as pessoas que lideram estas comunidades. As pessoas sentem-se bem ou mal, dependendo do modo como estes líderes se relacionam com elas, como as orientam e do género de atmosfera psicológica que criam através da sua influência.

Se a maioria estiver bem, de cada uma delas emana um raio brilhante, uma vibração luminosa, e a comunidade é luminosa no seu todo. Se estiverem mal, então o raio é escuro.

Anastasia riscou alguns círculos, tornando-os escuros.

Naturalmente que os seus estados internos são influenciados por muitos outros factores, mas durante o período de tempo em que se encontram nessa comunidade, o principal factor é o relacionamento com o líder.

Para o universo é muito importante que emane energia luminosa a partir da Terra, o brilho da luz do amor e da bondade. Isto está mencionado também na Bíblia: «Deus é amor».

Tenho muita pena, mesmo muita pena das pessoas a quem vocês chamam empresários, porque eles são os mais infelizes. Queria tanto ajudá-los, mas é-me difícil fazê-lo!

– Enganas-te, Anastasia. Na nossa sociedade as pessoas que são consideradas mais infelizes são os reformados. Os reformados são entre nós as pessoas que já não trabalham, muitos não conseguem garantir as coisas necessárias para si próprios, como habitação, roupas, comida. Um empresário é uma pessoa que tem tudo isto em maior quantidade do que as outras pessoas. Ele pode permitir-se prazeres que os outros nem sequer podem sonhar.

– Quais prazeres, por exemplo?

– Bem, se formos ver, até um empresário médio tem um carro moderno, um apartamento. Não tem problemas com comida e roupa...

– E alegria? A satisfação, onde está? Repara.

Anastasia levou-me de novo para as ervas e, como da primeira vez, mostrou-me a mulher *dachnik* e começou a mostrar-me outras imagens.

– Ali, vês? Lá está ele, sentado no seu carro, a que chamas «de luxo».

Vês, ele está sozinho no banco de trás, dentro do carro está quentinho e confortável. O motorista conduz muito tranquilamente.

Mas observa como o rosto do empresário sentado no banco de trás está contraído e pensativo. Ele está a pensar, a construir planos, receando alguma coisa. Olha, pegou naquilo a que chamam telefone. Está preocupado... Pronto, recebeu alguma informação...

Agora tem que a avaliar rapidamente e tomar uma decisão. Está todo contraído... Está a pensar... a decisão foi tomada. Agora vê, vê, está sentado como se estivesse calmo, mas no seu rosto há dúvida e preocupação. Não há nenhuma alegria. Fora da janela do seu carro está a Primavera, mas ele não a vê nem a sente.

– Isso é o trabalho, Anastasia.

– Esse é um estilo de vida, e não há espaço para respirar desde o momento de acordar até ao momento de adormecer, e nem mesmo durante o sono.

E ele não vê as folhas que nascem nas árvores, nem os ribeiros da Primavera.

À sua volta existem só pessoas invejosas, que desejam aquilo que ele tem. A tentativa de se defender delas com os que chama de guarda-costas, e enclausurando-se numa casa que parece uma fortaleza, não lhe trazem tranquilidade completa, porque o medo e as preocupações estão dentro dele, ficam sempre com ele.

E assim vai vivendo, até à morte... Já no final da vida, sente desgosto por ter que deixar tudo...

– Um empresário tem alegrias. Elas vêm quando alcança o resultado desejado, quando cumpre o plano criado.

– Não é verdade. Ele não tem sequer tempo de se alegrar com o que alcançou, porque a substituí-lo aparece imediatamente outro plano mais complexo, e novamente tudo volta ao princípio, mas sempre com grandes dificuldades.

A princesa da floresta desenhou à minha frente uma imagem muito pessimista e triste da camada da nossa sociedade que é rica

exteriormente... Eu nem queria acreditar nesta imagem! Tentei um contra-argumento:

– Esqueceste-te, Anastasia, da capacidade de alcançar os objectivos propostos e de receber as riquezas da vida, dos olhares extasiados das mulheres que reparam nestes homens, do respeito da parte dos que os rodeiam...

Ao que ela respondeu:

– Completa ilusão. Não existe nada disso. Onde é que viste o olhar respeitoso e extasiado de uma pessoa, vendo passar alguém num carro de luxo, ou só por ser dono de uma casa muito rica?

Nem uma só pessoa irá confirmar o que tu disseste. São olhares de inveja, de indiferença e de irritação. E nem as mulheres podem amar estes homens, porque o seu sentimento mistura-se com a vontade de possuir, não apenas esta pessoa, mas também o que ela tem.

Por sua vez, eles não podem amar verdadeiramente uma mulher, porque não têm modo de libertarem espaço suficiente para um sentimento tão grande.

Não fazia sentido procurar mais argumentos, uma vez que o que estávamos a dizer só poderia ser confirmado ou desmentido pelas próprias pessoas sobre quem falávamos.

Mesmo eu, sendo empresário, nunca tinha pensado sobre isto que Anastasia dizia, nem sequer tinha analisado a quantidade de minutos de alegria que tinha sentido na vida, muito menos podia avaliar os dos outros! Não era costume haver lamentos e queixas entre os empresários, pois cada um tentava sempre mostrar que tem sucesso e que está satisfeito com a vida.

Talvez por isso se tenha instalado, na maior parte das pessoas, a imagem do empresário como uma pessoa que recebe imensas benesses da vida.

Anastasia detectou, não as minhas manifestações externas dos sentimentos, mas aquelas mais delicadas, bem escondidas no interior. Ela determinava o estado de uma pessoa pela quantidade de luz que via. E as imagens e as situações que ela via eram mais perceptíveis para mim através da sua voz. Disse isto a Anastasia, que respondeu:

– Já te ajudo. É simples. Fecha os olhos, deita-te nas ervas com os braços afastados, tens que descontrair. Imagina a Terra. Tenta ver a sua luz e uma luminosidade azulada que emana dela. Depois, estreita o alcance da tua imaginação, não apanhes toda a Terra, mas torna o teu foco mais estreito, até que vejas detalhes concretos.

Procura pessoas no sítio onde houver mais luminosidade azulada, é onde elas estão. Estreita ainda mais o teu raio e foca-te numa pessoa, ou num pequeno grupo. Tenta outra vez, com a minha ajuda.

Pegou-me na mão e colocou os seus dedos ao longo dos meus, apoiando as pontas na minha palma. Os dedos da outra mão, colocados sobre as ervas, estavam virados para cima. Com o pensamento, fiz tudo o que ela me dizia, e surgiu perante mim, sem muita nitidez, a imagem de três pessoas sentadas à mesa a conversar com animação. Eu não entendia as suas palavras. Não ouvia nada do que elas diziam.

– Não – disse Anastasia – estes não são empresários – Espera um momento, vamos encontrá-los.

Anastasia procurou e procurou com o seu raio, indo parar a gabinetes grandes e pequenos, clubes fechados, estabelecimentos e bordéis... A luminosidade azulada era muito fraca ou não existia de todo.

– Olha! Ali já é noite, contudo, este empresário continua sozinho sentado no gabinete cheio de fumo. Alguma coisa não está

bem com ele... E olha para este! Como parece satisfeito na piscina, rodeado de moças bonitas! Está ébrio, mas não há luminosidade. Ele está simplesmente a tentar esquecer alguma coisa, a sua auto-satisfação é artificial...

Este está em casa. Ali está a mulher, o filho pergunta-lhe alguma coisa... O telefone está a tocar... Observa, ficou sério novamente, até os seus familiares se afastaram para segundo plano...

Repetidamente, uma atrás da outra, iluminaram-se uma série de possíveis situações, algumas aparentemente boas e outras não muito... até que fomos parar àquele cenário horrendo.

De repente, surgiu uma sala, provavelmente num apartamento, bastante bonito, mas...

Em cima de uma mesa redonda estava deitado um homem nu, as pernas e os braços estavam atados às pernas da mesa, a cabeça pendurada, a boca colada com fita acastanhada. À mesa estavam sentados dois jovens encorpados – um com cabelo rapado; outro menos entroncado, de cabelo alisado. Na poltrona mais afastada, debaixo de um candeeiro, estava sentada uma jovem. A boca dela também estava colada e por debaixo do peito um fio de pendurar roupa prendia-a à poltrona. Cada perna estava atada a uma perna da poltrona. Estava vestida apenas com uma roupa interior rasgada. Ao lado dela estava sentado um homem magro, de idade, que bebia provavelmente *cognac*.

Numa pequena mesa à sua frente havia chocolate. Os que estavam sentados à volta da mesa redonda não estavam a beber, mas entornaram no peito do homem deitado vodka ou álcool puro, ao qual depois deitaram fogo. Um «ajuste de contas» – percebi eu.

Anastasia levou o raio para fora daquele cenário. Mas eu exclamei:

– Volta! Faz alguma coisa!

Ela voltou ao cenário e respondeu:

– Não se pode. Já sucedeu tudo. Não é possível travar, teria sido necessário chegar antes. Agora, é tarde.

Olhei como se estivesse enfeitiçado, vi nitidamente os olhos da mulher cheios de horror, sem sequer pedir misericórdia.

– Faz ao menos alguma coisa, se tens coração! – Gritei para Anastasia.

– Isso não está no meu poder, esta situação já foi programada antes, não por mim, e eu não posso interferir directamente. Eles agora estão mais fortes.

– Mas onde está a tua bondade, os teus poderes?

Anastasia ficou em silêncio. O horrível cenário desvaneceu-se um pouco. De repente, o homem mais velho que bebia *cognac* desapareceu.

Num instante, senti fraqueza por todo o corpo.

Senti ainda a mão que tocava em Anastasia ficar dormente.

Ouvi a voz dela enfraquecida, pronunciando as palavras com dificuldade, dizendo:

– Tira a mão, Vladim.... – nem conseguiu dizer o resto do meu nome.

Levantei-me e larguei a mão de Anastasia.

O meu braço estava pendurado como se estivesse dormente, como acontece quando se fica sentado em cima da mão ou do pé, e estava todo branco. Mexi os dedos e a dormência começou a passar.

Olhei para Anastasia, e assustei-me! Tinha os olhos fechados. As rosáceas tinham-lhe desaparecido do rosto. Parecia que não havia uma gota sequer de sangue debaixo da pele das mãos e do rosto. Estava deitada como se não respirasse.

As ervas em seu redor, num raio de uns três metros, estavam também brancas e murchas. Percebi que tinha acontecido alguma coisa terrível e gritei:

– Anastasia! O que se passou contigo, Anastasia?!

Ela não mostrou nenhuma reacção ao meu grito. Peguei-a então pelos ombros e sacudi-lhe o corpo que já não estava rijo, mas amolecera. E mesmo assim os seus lábios brancos permaneciam em silêncio.

– Estás a ouvir-me, Anastasia?

As pestanas levantaram-se um pouco e os olhos apagados olharam para mim, já sem expressão. Peguei no cantil com água, levantei a cabeça de Anastasia e tentei dar-lhe de beber, mas ela não conseguia engolir. Olhava e pensava fervorosamente no que devia fazer.

Por fim, os lábios dela mexeram-se um bocadinho, sussurrando:

– Leva-me para outro lugar... para perto da árvore...

Levantei o corpo mole, levei-o para longe do círculo de ervas brancas, colocando-o perto do cedro mais próximo. Passado algum tempo ela começou voltar a si pouco a pouco, e eu perguntei-lhe:

– O que aconteceu contigo, Anastasia?

– Tentei fazer o que me pediste, Vladimir – respondeu baixinho, e acrescentou após uma pausa: – Penso que consegui.

– Mas estás com tão mau aspecto, por pouco não morreste?!

– Eu quebrei as leis naturais. Interferi em algo em que não devia interferir. Isso retirou-me todas as forças, a minha energia. Estou admirada por ter sido suficiente.

– Por que é que arriscaste, se era tão perigoso?

– Não tinha outra saída, uma vez que tu o querias. Tive receio de não satisfazer o teu pedido, tive medo que deixasses completamente de me respeitar e pensasses que eu apenas falo, falo... e que na realidade não posso fazer nada.

Os seus olhos estavam postos em mim, suplicantes, a voz fraca tremia um pouco, quando disse:

– Não posso explicar-te como se faz, como este mecanismo natural funciona. Eu sinto-o, mas não posso explicar de modo que entendas, e os vossos cientistas talvez, por enquanto, também não possam.

Baixou a cabeça, ficou em silêncio por algum tempo, como se estivesse a recuperar forças. Olhou-me novamente com os olhos suplicantes, e disse:

– Agora ainda vais achar mais que eu não sou normal, ou que sou uma bruxa.

Então, subitamente, desejei muito fazer-lhe algo de bom, mas o que poderia fazer?

Queria dizer-lhe que a considerava normal, uma pessoa comum, uma mulher bonita e inteligente, mas eu não sentia aquilo que habitualmente sinto com uma mulher, e ela com a sua intuição não iria acreditar em mim.

De repente, lembrei-me da história de como o bisavô a saudava na infância. Como o bisavô grisalho, colocando um joelho no chão diante da pequenina Anastasia, lhe beijava a mão.

Pus-me diante de Anastasia com um joelho na terra, peguei-lhe na mão pálida e um pouco fria, beijei-a, e disse-lhe:

– Se és estranha, então, és a melhor, a mais bondosa, a mais inteligente e a mais bonita de todas as estranhas.

Os lábios de Anastasia esboçaram finalmente um sorriso e os olhos fixaram-me com gratidão. As faces começaram a ficar rosadas.

– Anastasia, aquele cenário era muito sombrio. Escolheste de propósito?

– Procurei, nem que fosse como exemplo, uma situação boa, mas não encontrei. Eles estão todos pressionados com as suas preocupações e afazeres. Estão cada um por si, continuamente com os seus problemas, praticamente não têm comunicação espiritual.

– Então, o que pode ser feito? O que sugeres para além de teres compaixão por eles? E eu queria também dizer-te: os empresários são pessoas fortes.

– Muito fortes – concordou ela – e interessantes. É como se vivessem duas vidas numa só. Uma vida só eles a conhecem, nem mesmo a própria família; a outra é uma vida exterior para as pessoas que os rodeiam.

Penso que podem ser ajudados entre si através do aumento da comunicação espiritual sincera. Mas é necessário aspirar de forma explícita à pureza de intenções.

– Anastasia, possivelmente vou tentar fazer o que me pediste. Vou tentar escrever um livro e criar a associação de empresários com intenções puras, mas assim como eu a compreendi.

– Vai ser difícil para ti. Eu não vou conseguir ajudar-te o suficiente, porque restam poucas forças em mim. Vou levar algum tempo até que elas se restabeleçam. Durante algum tempo não vou conseguir ver à distância com a ajuda do meu raio. Mesmo a ti, com a visão normal estou a ver-te com dificuldade.

– O quê, Anastasia? Estás a cegar?

– Penso que tudo se restabelecerá. Mas é uma pena que durante algum tempo não te possa ajudar.

– Não é preciso ajudares-me, Anastasia. Tenta guardar-te para o filho e para ajudar os outros.

Eu necessitava de me ir embora para apanhar o navio. Esperei até que ela ficasse, pelo menos exteriormente, quase com a aparência anterior, e depois subi para o barco a motor. Anastasia empurrou a proa, afastando-o da margem, e o barco foi apanhado e levado pela corrente.

Anastasia estava com a água pelo joelho, a bainha da saia molhou-se e balançava nas ondas.

Puxei a corda de arranque do motor. O motor roncou, quebrando o silêncio que se tinha tornado familiar naqueles três dias. O barco deu um solavanco para a frente, ganhou mais e mais velocidade e começou a distanciar-se da eremita da taiga, que ficou de pé sozinha na água, junto à margem do rio.

De repente, Anastasia saiu da água e começou a correu pela margem atrás do barco.

Os seus longos cabelos, espalhados pelo vento contrário, pareciam a cauda de um cometa. Ela tentava correr muito depressa, utilizando provavelmente toda a sua força para fazer o impossível, alcançar o barco veloz! Mas isso, nem mesmo ela conseguiria fazer.

A distância entre Anastasia, que corria pela margem, e o barco, aumentava gradualmente.

Fiquei condoído pelos seus esforços inúteis, e então, desejando acabar o mais depressa possível com o momento difícil da despedida, puxei com toda a força a alavanca da gasolina.

Passou-me pela cabeça a ideia de que Anastasia pudesse pensar que eu me tinha assustado de novo com ela, e que estaria a fugir.

O motor disparou em roncos, levantando a proa do barco acima da água, que se lançava em mais e mais velocidade, aumentando ainda mais a distância entre nós...

Mas ela... Oh Deus! O que fazia?...

Anastasia arrancou a saia molhada que a atrapalhava e atirou a roupa rasgada para o lado.

A determinação da sua corrida aumentou e aconteceu algo incrível – a distância entre ela e o barco começou lentamente a diminuir.

À frente no caminho avistei um declive íngreme, quase a pique.

Continuando a carregar na alavanca da gasolina, que já não cedia mais, pensei que o declive a deteria e que aquela situação dolorosa para mim terminaria.

Anastasia, contudo, continuava a corrida impetuosa, ocasionalmente esticando os braços em frente, como se os usasse para sentir o espaço adiante.

A sua visão teria piorado tanto, que nem sequer via o declive?!

Anastasia, sem abrandar nem um pouco, correu para o declive, caiu de joelhos, levantando as mãos para o céu, e começou a gritar na minha direcção. Eu consegui ouvir a sua voz por entre o roncar selvagem do motor e o barulho da água, como se fosse um sussurro:

– À freeeente baaaaiiiixiiiios, baaaaiiiixiiiios, ceeeepooooos iiiimeeeersooooos.

Virei rapidamente a cabeça, sem ter tido tempo de perceber completamente o que estava a acontecer, mas dei uma volta tão depressa no volante, que o barco inclinou-se lateralmente, quase submergindo ao ponto de meter água.

Um cepo enorme, com uma ponta enterrada num banco de areia e a outra um pouco saída da água, arranhou apenas um pouco o casco do barco. Com um embate directo teria rompido facilmente o fundo pouco espesso de alumínio.

Uma vez saído dali, já a meio do canal, olhei para o cepo e sussurrei em direcção à figura solitária que tinha ficado de joelhos, e que lentamente se transformava num ponto mais e mais pequeno:

– Obrigado, Anastasia!

CAPÍTULO 31

Quem és tu, Anastasia?

O navio esperava-me em Surgut[1], onde o capitão e a tripulação aguardavam as minhas instruções. Como eu não conseguia concentrar-me de forma a determinar o itinerário, dei ordem à tripulação do navio para permanecermos em Surgut, proporcionando um serão de lazer à juventude local, e fazendo uma exposição dos nossos serviços e produtos de uso popular.

Os meus pensamentos estavam ocupados com os acontecimentos relacionados com Anastasia. Comprei numa loja uma grande quantidade de literatura de ciência popular, livros sobre fenómenos fora do comum e capacidades sobrenaturais das pessoas, assim como sobre a História da Sibéria. Tranquei-me na minha cabine, tentando encontrar nestes livros alguma explicação plausível para o que tinha vivido.

Surgiram-me então algumas questões relativas à nossa vida.

Uma delas ainda continua para mim sem resposta: será o nosso sistema de educação e ensino suficiente para que cada pessoa possa tomar consciência da essência da vida, ordenando assim

[1] Surgut – cidade de 270.000 habitantes fundada no Século XVI, nas margens do Rio Ob. É um grande centro de indústrias de gás e de petróleo.

correctamente as prioridades da sua vida? Este sistema ajuda ou atrapalha a compreensão da essência e propósito do ser humano?

Nós criámos um complexo sistema de ensino. Com base nesse sistema, ensinamos os nossos filhos e uns aos outros: no jardim de infância, na escola, na Universidade, nas Pós-graduações. Esse sistema permite-nos inventar, voar para o Cosmos. E assim vamos construindo o nosso dia-a-dia, seguindo esse sistema e tentando ser felizes com o seu auxílio.

Tentamos conhecer o Cosmos, o átomo e os mais variados fenómenos sobrenaturais, gostamos de os discutir e descrever em artigos sensacionalistas, na imprensa e nas publicações científicas. Mas há um fenómeno que, por alguma razão, contornamos muito cuidadosamente! Dá a impressão de que temos receio de falar sobre ele. E receamo-lo porque ele facilmente iria quebrar os sistemas geralmente aceites de ensino, as nossas conclusões científicas, fazendo troça da realidade do nosso dia-a-dia! Por isso tentamos fingir que esse fenómeno não existe. Mas ele existe! E continuará a existir, não importa o quanto lhe viremos as costas ou o contornemos.

Não será altura de observar com mais atenção e, talvez empregando o esforço conjunto das mentes humanas, responder à questão: porque é que, sem excepção, todos os grandes pensadores e todas as pessoas que criaram ensinamentos religiosos e filosóficos seguidos por grande parte da humanidade, se tornaram eremitas antes de criarem os seus ensinamentos, na maior parte das vezes isolando-se na floresta? Reparem que nenhum deles foi para uma qualquer super academia, tendo precisamente procurado a floresta!

Porque é que Moisés, no Antigo Testamento, foi para a floresta montanhosa, tendo de lá regressado a anunciado ao mundo a sabedoria que foi gravada nas lajes de pedra?

Porque é que Jesus Cristo se isolou até dos seus apóstolos no deserto montanhoso e na floresta?

Porque é que Sidharta Gautama, que viveu no século sexto da era anterior à nossa, se retirou durante sete anos na floresta? Depois disso, este eremita Sidharta Gautama saiu da floresta voltando ao convívio das pessoas, trazendo já os ensinamentos que, até aos nossos dias, passados que são milénios, alvoroçam ainda uma enorme quantidade de mentes humanas. E porque constroem as pessoas templos, chamando esse ensinamento de Budismo? Essa pessoa foi posteriormente chamada de Buda.

Porque é que até os nossos antepassados não muito longínquos, hoje considerados personalidades históricas, como por exemplo Serafim Sarofskyi ou Serguei Radonezhskyi, foram também para a floresta como eremitas tendo alcançado uma sabedoria de tal profundidade, passado um curto período de tempo, que os reis do mundo desbravavam caminho para lhes pedir conselho?

Nos lugares onde fizeram os seus retiros ergueram-se mosteiros e majestosas igrejas, por exemplo *Troitse-Sergieva Lavra*, em Serguiev Posad na região de Moscovo, que ainda hoje atrai multidões. E tudo começou apenas com um eremita na floresta.

Porquê? Quem ajudou essas pessoas a alcançar a sabedoria? Quem lhes deu os conhecimentos e os aproximou da compreensão da essência da vida? Como é que viviam e o que faziam, em que pensavam eles, ao isolar-se na floresta? Quem os ensinava?

Estas questões começaram a surgir na minha mente algum tempo depois de ter convivido com Anastasia. Foi então que comecei a ler tudo o que encontrava sobre os eremitas.

Mas até hoje não encontrei a resposta. Porque em nenhum lado se encontra escrito o que lhes aconteceu nesses locais.

Na minha opinião, temos que fazer um esforço conjunto para encontrar as respostas. Tento descrever os acontecimentos que se deram durante a minha estada de três dias na floresta da taiga siberiana, assim como o que senti durante o convívio com Anastasia, na esperança de que alguém consiga alcançar o cerne deste fenómeno e ter solução para a questão do nosso estilo de vida.

Por enquanto, de entre tudo o que vi e ouvi, apenas uma coisa é indiscutível: as pessoas que vivem retiradas na floresta, nomeadamente Anastasia, vêem o que acontece na nossa vida a partir de um ângulo diferente do nosso. Algumas noções de Anastasia diferem em 180 graus das normalmente aceites. Quem está mais próximo da verdade? Quem o pode avaliar?

A minha tarefa é apenas de expor aquilo que vi e ouvi, dando assim aos outros a possibilidade de responderem.

Entre outras coisas, interessava-me saber se o sentimento de amor poderia realmente ter despertado em Anastasia, a partir do momento em que tentou ajudar a moça da aldeia, ao gritar: «Eu amo-te, Vladimir»!

Por que é que umas simples palavras que pronunciamos, muitas vezes sem lhes darmos o devido sentido, podem afectar Anastasia, apesar da nossa diferença de idades, do nosso modo diferente de ver e viver a vida?

A literatura de ciência popular não me dava respostas. Peguei então na Bíblia, e ali estava a resposta. Logo no início do Evangelho Segundo S. João está escrito: «No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus»[2]

Quantas vezes me impressionaram as definições tão lacónicas e exactas deste livro admirável!

[2] Jo 1:1.

Muitas coisas ficaram logo claras para mim. Anastasia, que não conhece a mentira e o engano, não pode proferir palavras assim sem mais nem menos. Recordei a sua frase:

«Foi como se naquele momento eu tivesse esquecido que não posso proferir palavras assim sem mais nem menos, pois por detrás delas tem necessariamente que existir sentimentos, consciência e autenticidade.»

Oh Deus!!! Que pouca sorte teve ela! Por que é que me dirigiu estas palavras – eu, que já não sou jovem, que tenho família, que sou propenso a muitas tentações deste mundo, como ela própria disse, escuro e destrutivo? Com o seu grau de pureza interior ela merece algo completamente diferente. Mas quem é que pode amá-la, tendo ela um estilo de vida, mentalidade e intelecto tão invulgares?

À primeira vista, parece uma moça normal, apenas extraordinariamente bela e atraente. Mas depois, quando se começa a conviver com ela, como que se transforma num ser que vive para além dos limites do racional.

Talvez estas sensações tenham surgido em mim, apenas por não ter conhecimento suficiente das coisas e entendimento sobre o que constitui o nosso ser. Outros poderiam talvez aceitá-la de forma diferente.

Lembrei-me que nem na despedida tinha tido vontade de a beijar ou abraçar. Não sei se ela o quereria ou não. Mas afinal, o que queria ela exactamente?

Recordei-me de quando me tinha contado os seus sonhos. Que estranha filosofia a do seu amor: organizar uma associação de empresários para os ajudar; escrever um livro para as pessoas com os seus conselhos; transportar as pessoas através da fresta de tempo das forças obscuras.

Ela acredita nisto! Está convencida de que tudo vai ser assim. E eu, ainda por cima, dei-lhe a minha palavra de que vou tentar organizar a associação de empresários e de que vou escrever o livro. Agora ela irá provavelmente sonhar mais ainda com isso. Podia ter imaginado alguma coisa mais simples, mais realista!

Uma sensação inexplicável de piedade surgiu no meu coração para com Anastasia.

Podia imaginá-la sentada na sua floresta à espera, a sonhar que tudo se irá realizar. Está tudo bem, se ficar apenas à espera e a sonhar. Mas quem sabe! Ela pode começar a empreender tentativas de dirigir o seu raio de bondade, gastando uma quantidade enorme de energia do seu coração, acreditando no impossível. E embora ela me tenha demonstrado as capacidades do seu raio e me tenha tentado explicar o seu mecanismo, a minha consciência nunca o aceitou como real. Julguem por vós próprios: segundo as suas palavras, ela aponta o seu raio para uma pessoa, ilumina-a com luz invisível, oferece os seus sentimentos e aspirações à bondade, e luz.

– Não, não! Por favor, não penses que eu interfiro na mente e no coração das pessoas. As pessoas são livres, o ser humano é livre para aceitar ou rejeitar estes sentimentos na quantidade que lhe agradar ou for próxima do seu coração, ou seja, na medida em que os puder comportar dentro de si. Então, essa pessoa torna-se mais luminosa exteriormente, e as vossas doenças afastam-se dela, parcial ou completamente. O meu avô e bisavô podem fazer o mesmo, e eu sempre o pude fazer, foi o bisavô que me ensinou quando brincava comigo, era eu criança. Mas hoje, o meu raio tornou-se muitas vezes mais forte do que os do avô e do bisavô, porque, como eles dizem, surgiu em mim este sentimento especial – a que se chama Amor. Ele é muito, muito brilhante, e até queima um pouco. Tenho tanto, e imensa vontade de o oferecer.

– A quem, Anastasia? – perguntei.

– A ti e às pessoas, a todos os que forem capazes de o receber. Quero que todos sintam o bem. Quando começares a fazer o que eu sonhei, irei enviar-te muitas dessas pessoas e juntos,...

Ao recordar tudo isto, imaginando-a na minha mente, percebi subitamente que não podia deixar de tentar cumprir o que ela desejava pois, de outro modo, a dúvida iria atormentar-me para o resto da vida, e ficaria com a sensação de ter traído o sonho de Anastasia. Ainda que eu achasse que este não era realizável, ela deseja-o apaixonadamente.

Nesse momento tomei uma decisão e direccionei o navio directamente para Novosibirsk.

Deleguei no director executivo da minha empresa a função de o descarregar e de desmontar a exposição de equipamento. Expliquei a situação de alguma forma à minha mulher, e parti para Moscovo...

Parti para Moscovo para realizar ou, pelo menos, tentar realizar o sonho de Anastasia...

Continua...

Mensagem de Vladimir Megre aos leitores

Na internet apareceram entretanto inúmeros *sites* em diferentes línguas, cuja temática se assemelha às ideias apresentadas pela heroína da série de livros «Cedros Ressoantes da Rússia», Anastasia.

Muitos *sites* afirmam-se como sendo sites oficiais, utilizando o meu nome, Vladimir Megre, e respondendo mesmo a cartas de leitores em meu nome.

Por essa razão achei que seria necessário informá-lo, prezado leitor, da minha decisão de criar um *site* internacional oficial www.vmegre.com – sendo esta a única fonte oficial para receber correspondência dos leitores em todas as línguas do mundo.

A subscrição do *site*, necessária também para receber as *newsletters*, dará a possibilidade de receber informação sobre as datas e locais das conferências de leitores, entre muitas outras coisas.

Este canal de comunicação entre mim e vós, prezados leitores, o nosso *site* conjunto, irá conter informação sobre o movimento «Cedros Ressoantes da Rússia» em todo o mundo.

Respeitosamente,
Vladimir Megre